

A D R I A N A V A R G A S

Trith



M E U A M O R D A
E S C U R I D Ã O



Lilith ,
Meu amor da escuridão

Adriana Vargas

SUMÁRIO

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 1

Piraputanga, Distrito de Aquidauana.

Conta a lenda, que há milhares de anos, em épocas medievais, jazia naquelas terras, um pequeno povoado sombrio, que fora invadido por góticos vindos de todas as regiões para construírem igrejas e cemitérios. As ruas dão sempre a sensação de um eterno Outono em noite cinzenta e sem lua, inundada por um nevoeiro que corta a serra de Maracaju, atraindo para a cidade, não somente as almas perdidas, como também o testemunho de muitos turistas que para lá foram levados com a intenção de realizar contatos com seres de outro mundo. Alguns morcegos voam durante a noite, e se escondem nas árvores secas do cemitério antigo da cidade, ao som do canto de corujas que não descansam nem mesmo durante o dia.

O vento assoviava lá fora entre a serra e os arvoredos silvestres, deitando entre os desfiladeiros a vegetação que se torna rasteira pela força do vento teimoso. As janelas antigas da casa mais assustadora do pequeno povoado rangiam enquanto o som de *Xmal Deutschland* comandava o ambiente noturno. O céu, inteiramente cinza, era perfeito para aquela noite com perfil de festa nas trevas e anjos caídos vestidos de preto enquanto tocavam sonata para a *nina* que não saía de sua mente, e no rosto alvo, uma lágrima triste rolava borrando os olhos pintados. Era assim que o rapaz imaginava o verdadeiro rosto de Lilith através do antigo monitor do computador localizado na sala de negócios, como dizia ele ao se referir ao local onde fechava os contratos de sua funerária.

Todos temiam passar na frente do local de aspecto sombrio, devido às árvores secas e o prédio antigo, desgastado pelo tempo que denotava uma paisagem macabra. As pessoas acreditavam que aquela fora uma das casas construídas pelos invasores lendários. Alguns moradores já viram durante as madrugadas, almas perdidas caminhando na calçada da funerária. Ouviam gritos, seguidos de um choro desesperado que silenciava na calada da noite. Definitivamente, aquela era uma casa visitada apenas pelos defuntos que chegavam para o serviço funerário. As damas mais ilustres ou recatadas de Aquidauana, quando passeavam pelo Distrito, preferiam mudar de calçada ao observar de longe o tom cinza do prédio que retirava o sono de muitos. Alguns já haviam mudado para as cidades vizinhas tentando escapar dos burburinhos que por ali corriam – as pessoas desapareciam sem deixar pista. Famílias inteiras deixavam suas casas, abandonando-as. A cidade pertencia a uma força sobrenatural que não queria habitantes nela. Diante disso, os mais tementes se mudavam para Aquidauana ou Anastácio, a fim de encontrar a paz tão esperada pelas pessoas que moram no interior.

Zephyr estava sentado com os pés sobre a mesa. Seu visual vitoriano era taxado como estranho

— camisa branca com *jabot*, colete preto longo até o joelho, calça justa na cor preta, e uma *armband* agarrada ao braço. Embora não mancasse tinha o hábito de usar uma bengala. Os cabelos eram escuros e sempre emaranhados, ele não gostava deles tão curtos. As pessoas não sabiam, mas era somente por este motivo que usava a cartola preta. A pele pálida destacava os olhos e cílios grandes. Os lábios carnudos tinham pequenos cortes que eram costurados com linha cirúrgica. Era belo, embora nada convencional para os padrões da cidade. A morte exercia certo domínio sobre seus sentidos. Quando a dor de uma solidão desmedida sufocava-o em noites com aquela, ele se cortava atrás da porta com seu crucifixo prata. Fazia isso para buscar o equilíbrio entre a dor e o desamor. Quando se corta, ele se esquece. Não se sentia capaz de se curar das dores de seu mundo existencial.

Zephyr quase não saía de casa. Não namorava e nem ficava com ninguém. Sua vida era complicada para ser dividida entre obrigações e necessidades exigidas. Sua companhia eram os cadáveres que jaziam no refrigerador da funerária, os desenhos, e a dedicação ao blog que criara em homenagem a Lilith, mas ele também usava o espaço para falar dos sentimentos e se relacionar com o mundo existente fora de seu castelo gótico medieval. Descrevia em detalhes cada noite passada. Escrevia para si e para a deusa. Alternava discursos com a ideia de que ela acessaria o blog e veria seus sentimentos expostos. Treinava um amor desprendido de expectativas, que se declarava sem sequer precisar que o outro ouça. Ela era o colapso entre a ilusão e a alegria de um dia nublado. Ele, o corvo entristecido pela solidão que o sufocava.

Ainda não viu o rosto da menina com quem conversava todos os dias no chat do blog, preferiu respeitar seu pedido desde o princípio — que seus traços e seu verdadeiro nome fossem apenas revelados no primeiro encontro. Enquanto falava com ela, Zephyr desenhava o rosto de sua *Eva* em uma folha branca. Fechava os olhos para traçar a boca que tanto desejava tocar. Repetia inúmeras vezes o versículo 23 da Gênesis: “*Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada.*”

Ligou o microfone e disse à amada:

— Rabisquei algumas palavras. A intenção era recitar no dia de nosso encontro, mas a ansiedade de te dizer é grande... Quer ouvir?

— Sim. — disse a voz, quase tímida, saindo da pequena caixa de som.

— Eu sou apenas um anjo sem viço. Sem chão... Sem rosto ou lembranças. Não tenho a alma ou destino. Meu sangue foi consumido gota a gota pelos seus olhos, que existem em algum lugar. Olhos famintos que brilham na escuridão de um poço de lama e chagas. Estamos perdidos no amor que nos une.

Houve um longo silêncio.

— Está aí? — ela perguntou.

— Sim.

— Quando fez esta poesia?

— Fiquei pensando no que escrever enquanto preparava o corpo do senhor Antonio Conselheiro.

— E o que fazia no corpo dele?

— Tanatopraxia.

— Que diabos é isso?

— Esta técnica possibilita a preservação do corpo durante dias, assegurando que não apresente qualquer alteração durante o velório, como extravazamento de líquidos, alteração na cor, inchaço, odores ou risco de contaminação e propagação de enfermidades.

— O cenário é interessante e inspirador para se criar poesias.

— As coisas mórbidas mexem com os segredos dentro de mim. – respondeu Zephyr.

Fazia dois meses que se conheceram na internet. Zephyr era apaixonado por poesias góticas, e seu mundo ficou com febre ao se deparar com o blog dela, cujo *template* todo negro dava o clima para as belas palavras que ali se liam. O nome do blog – Lilith – define um demônio feminino da mitologia Babilônica que habitava lugares desertos como Piraputanga. Nenhuma foto ali descrevia o rosto de sua criadora. Nem mesmo fazia referências ao seu verdadeiro nome. Apenas sabia que ela era de seu Estado, em busca por blogs góticos no “tio Google”. Tudo que via era imagens de *fakes* e bonecas góticas. Ele se apaixonou, não pelas imagens vistas que mexiam com o seu imaginário, mas pelo sentimento que continha em cada palavra que lia. As palavras de Lilith tinham uma alma que se via pelo avesso; prendiam, sufocavam e tornaram-no refém.

Desde criança, é um rapaz contraído por uma angústia quase mórbida. Seu jeito de ser despertava a atenção das pessoas, principalmente na escola, o que o fez abandonar os estudos logo após a morte de seu pai. Ninguém sabia da verdade. Todos na pequena cidade imaginavam que o velho Tomaz havia adoecido e nunca mais fora visto fora de casa. E, desta forma, Zephyr arrumou um álibi para não ir mais às aulas, pois tinha em casa um pai muito doente que precisava de seus cuidados; além do mais, não tinha tempo para tanto, uma vez que para todos, ele aprendia com o velho os conhecimentos do ofício, mas, na verdade, ele tocava os negócios sombrios, sozinho. O que ninguém sabia era que Zephyr passou a infância e adolescência, durante noites, escondido debaixo da mesa enquanto seu pai exercia a função de agente funerário. Ele observava atentamente as mãos habilidosas do pai enquanto este trabalhava ouvindo música clássica. Todos os gestos do genitor exercendo a profissão eram anotados em uma antiga caderneta. Com os conhecimentos adquiridos, ele poderia levar adiante o negócio da família. Por mais que fosse apaixonado pelo o que fazia, Tomaz não o apoiara a aprender o ofício. Sonhava para o filho o ofício de médico-cirurgião, o que Zephyr abominou desde início. Odiava ver aquelas pilhas e pilhas de livros técnicos em cima de uma

escrivaninha, que levariam apenas ao caminho do tão sonhado capitalismo. O que ele desejava na verdade, era fazer e estar próximo daquilo com que ele se identificava – ser agente funerário.

Quando Tomaz não acordou numa bela manhã de sábado, Zephyr levou em lágrimas, o corpo morto de seu pai para a sala de preparação e o arrumou para o funeral. Embalsamou-o num pranto contido, retirando as vísceras. Não sabia exatamente o motivo que o levava a fazer esta ação, mas queria a presença do pai perto de si, ele era sua única família e referência. Com dor, abriu o corpo e fez o serviço. Com dor, escolheu o melhor caixão, a melhor roupa e as flores mais bonitas. Assim que entrou a madrugada, velou-o na mais profunda solidão da sala funerária. Antes de amanhecer o dia, ao invés de enterrar o velho Tomaz, tomou seu corpo e o levou para dentro da casa, sem coragem de levar adiante o funeral solitário. Tomando, desde então, o posto do pai, dentro e fora da casa.

O corpo embalsamado sempre ficava de costas para a porta, com a cabeça apontada para a fresta da janela. Para não levantar suspeitas, Zephyr colocava-o na cama ao escurecer, e o sentava na cadeira ao amanhecer. Isso o incomodava dentro de sua alma, mas ele não sabia viver de outro modo. Não era exatamente doente como qualquer pessoa comum poderia pensar, mas era seu meio de sobreviver na selva humana e solitária.— Tem certeza de que está aí ou estou falando com um dos mortos da funerária? – ela perguntou, rindo da mudez insistente de Zephyr.

— Estou aqui, sentindo seu silêncio e imaginando como é beijar seus lábios. Diga-me como é... Preciso tanto...

— Logo estaremos juntos. Faltam apenas 20 dias. E por falar nisso, adorei a postagem de hoje do blog. Tudo aquilo é para mim?

— Tudo é por você. – disse Zephyr, sentindo seu corvo pousando no ombro direito.

— *Okay*, anjo negro! Irei dormir pensando em você. Amanhã tenho prova no primeiro tempo. Lembrando que, ao amanhecer, faltarão apenas 19 dias para o grande momento.

— Estarei ansioso, contando os minutos...

— Eu juro que já estou.

— Faça-me um favor? Antes de se deitar, faça um nó na ponta de seu lençol pensando em mim. Amanhã, ao se levantar, olhe para o nó e se lembre de seu último pensamento antes de dormir.

— Farei, mesmo querendo, ao invés do nó, você ao meu lado.

— Logo estaremos juntos. Falta pouco agora. Até amanhã... Não se esqueça de fazer o nó. – disse Lith.

— Não me esquecerei... Até amanhã. – respondeu Zephyr.

Zephyr levantou-se e puxou a gaveta do refrigerador, dando de cara com mais um de seus companheiros noturnos, já que o sono demoraria a vir. Olhou para aquela face enrugada e muito pálida. A boca estava aberta e exalando mau cheiro. Olhou para o relógio, marcava duas horas da

manhã. As corujas ainda cantavam lá fora. Seu corvo de estimação assustou-se e pulou na mesa, entre as pernas do corpo estendido, frio e fétido. Aninhou-se, e olhava os gestos de seu dono fazendo o embalsamamento. Zephyr já estava acostumado àquele tipo de atividade e aos odores que teria de enfrentar. Retirou a roupa do cadáver, cortando com uma tesoura para facilitar o trabalho. Depois colocou o corpo em uma mesa, higienizando-o com cloro. Deu um banho medicinal e começou o trabalho. Ele iniciou a incisão por um vaso calibroso, o femural, introduziu uma sonda, e logo depois, um canalizador que viajará por todo corpo. Se não houvesse a possibilidade de se começar pela femural, outros vasos, como a carótida, aorta ou umeral poderiam ser utilizados, mas para isso teria que abrir o cadáver. E isso não seria uma boa ideia àquela hora da noite, querendo apenas imaginar o rosto de Lilith, com pressa de acabar seu doce trabalho e ir para seu quarto desenhar até vir o sono.

Enquanto o processo de embalsamamento não terminava, Zephyr olhava para o rosto do cadáver. Ele o conhecia. Era o velhote brigão do maior supermercado da cidade de Aquidauana. Quantas vezes, com fome, e sem dinheiro suficiente para comer, fora até o estabelecimento onde seu pai abrira uma conta para acerto mensal, e o velhote não permitira que ele levasse o alimento para pagar no começo do mês. Pensou em como a vida dá voltas e como deveria ser dolorido para o velhote, se sua alma pudesse agora enxergar seu *corpo* nas mãos de alguém que um dia fora humilhado por ele.

— Estamos quites, senhor José Leôncio, eu não precisarei mais lhe pedir para comprar comida fiado, nem o senhor precisará mais me negar o provimento. No entanto, eu continuo precisando comer, e sua senhoria, não mais... Nunca mais. — disse em voz alta, passando cola nos lábios roxos do cadáver para que estes se fechassem.

Fui para o quarto segurando com amor o desenho de minha deusa. Era tudo que eu tinha dela, mas podia sentir seu perfume de flor-de-lis encantando minha madrugada. Linda...

Coloquei com cuidado o desenho na prancheta, e toquei suavemente o contorno de seu suposto rosto. Esfumacei a sobrancelha com o dedo indicador e beijei os cabelos tão negros que moldavam o rosto languido, sereno. Os olhos cor de mel faiscavam um desejo que não se ouvia na voz de Lilith, mas ela o escondia entre o prado do colo de seu seio.

A pele branca era o alvo do tato que a esperou pela vida toda. Sua boca pintada de vermelho. Cereja. Morango. Sangue. Desejava provar de seu sangue, que escorreria pelas pontas dos dedos, caindo diretamente em meus lábios aflitos.

Olhei para o retrato desenhado. Apaixonava-me cada vez mais. Ele parecia falar comigo. Eu a sentia. Ela estava ali. Peguei o corvo e apaguei a vela. A luz da lua iluminava a pele de Lilith, feita de papel. Eu a sentia respirar em meu quarto. Ela estava comigo. Não havia nada mais a

temer.

A noite estava partindo. O jovem fecha as cortinas roxas, sua cor predileta, e ajeita-se na cama que possui o formato de caixote. Suas madrugadas resumiam-se de duas a três horas de sono. Era o máximo que conseguia. Dormiu olhando o desenho do rosto de Lilith.

Uma menina de dezessete anos todo vestido de preto, com sapatos cuidadosamente lustrados e meias listradas, observava a paisagem da torre construída em sua propriedade. O sino foi colado lá para que tocasse todos os dias às dezoito horas, lembrando o horário do jantar e a reunião da família ao redor da mesa. A menina continuava olhando insistentemente para o vazio do crepúsculo. Nada faria com que sua atenção se desprendesse daquela profunda apatia. Seus cabelos claros e longos eram espalhados pelo vento. Seus pais se esqueceram de seu retorno, e isso agora era indiferente. Uma força a seduzia — força magnética vinha do lado do cemitério. Ela ouvia o sopro forte do vento e algo a pegou pela mão, levando-a até a saída da torre que tinha vinte metros de altura. Seu sapato estava cada vez mais perto da escada velha de madeira. Algo fez com que a escada se movesse, rangendo, tremendo, até cair no chão. Uma voz mansa dizia para a menina: — Não tenha medo... Você consegue... Vamos... Salte!

Ela fechou os olhos e pulou. Saltou sorrindo, com os cabelos tampando seu rosto sereno, as mãos abertas, como se pudesse cair em camera lenta. Eu podia ouvir os seus gemidos de prazer e excitação. Podia sentir sua pele fria, causada pelo vento durante a queda, e escutar as últimas batidas de seu coração, aquele que ela havia me dado naqueles exatos e míseros segundos.

Seu corpo esparramado pelo chão, terra misturada aos cabelos loiros; ao sangue que formava uma poça que a terra aos poucos sugava — líquido vivo e quente. Ela só tinha dezessete anos... Meu mundo noturno era dela, e ela não sabia. “Volte!” eu gritava loucamente, enquanto o tempo não parava de correr contra mim.

Tentou acordar. Abriu os olhos, mas o que via era apenas a cena de seu quarto, como se fosse uma fotografia de 3x4. Tentou se mexer, mas estava totalmente paralisado. Escutou gemidos e gritos vindos de algum lugar. De repente o quarto foi tomado por nuvens cinzentas e seu corpo laçando ao chão. Sentia uma força arrastando-o pelos cabelos. Não conseguia reagir. Sua roupa era desabotoada e um líquido frio derramado em sua pele, que agora ardia. Tentou gritar e quase conseguiu, mas sentiu uma mão tapando sua boca. Não podia fazer mais nada, as trevas o esperavam. Um estrondo foi ouvido como se tivesse caindo parte de seu quarto no chão. Olhou o rosto a sua frente, cheio de

espinhos cravados na carne que sangrava, e ouviu a voz dizendo em seu ouvido – “Possuirei tudo que há em você, até chegar à sua alma, e mostrarei o caminho a ser seguido. Dê-me sua alma e seremos um só.”

Sentindo a mão sair de sua boca, conseguiu gritar. Acordou suado. Estava no chão, com a roupa desabotoada. Não era de sentir medo, sabia que a morte e o sofrimento significavam libertação, mas aquela experiência parecia real. Também não entendia o motivo de sonhar sempre com a mesma menina se suicidando.

Saiu do quarto no horário previsto, às oito e trinta da manhã. Aquele dia amanheceu um pouco mais frio. Pegou sua capa preta de veludo e se dirigiu ao comércio mais próximo de sua casa, onde vendia materiais para hospitais e funerárias. Compraria formol.

Sua imagem esguia e alta caminhando pelas ruas em um figurino tão *mezzo vitoriano* despertava os olhares. Caminhava com sua bengala na mão, olhando baixo através da aba de sua cartola. Ele abaixava a cabeça e continuava tentando se proteger dos julgamentos e rótulos.

Passou por uma placa à frente da casa de uma moradora que estava sentada debaixo do mourão do Ipê. Ela tomava o mate debaixo do sol de 40 graus. Olhou-o com olhos lacrimejantes. Simples. Cheios de histórias. Zephyr olhou para a placa que dizia:

“Sou moradora de Piraputanga e educadora na comunidade, por isso ajudo a divulgar as nossas belezas e luto para que os moradores vivam com dignidade e os turistas respeitem nossas características culturais e naturais. Querem vir para cá, venham, mas respeitem as nossas árvores, nossos rios, nosso ar e nossas futuras gerações. Pretendo auxiliar a implantação do turismo rural na região, e estou aberta à proposta que possa contribuir para o desenvolvimento sustentável de nossa comunidade.”

Viu quando outra senhora saía da igreja e, ao vê-lo, fez o sinal da cruz. Ao passar pela carola, ele ouviu em tom baixo: — Que Deus nos livre do maligno e das forças diabólicas.

As mães puxavam para suas casas as filhas que insistiam em olhar para Zephyr. Para as meninas, a imagem tão misteriosa causava certo fascínio, elas sentiam o desejo de falar com ele, saber como vive, e se realmente era o que todos diziam – filho do demônio. Príncipe das trevas. Vampiro. O enviado do mal. Achavam-no bonito, apesar da aparência sombria. Algo no olhar escuro atraía e prendia a atenção.

— Entrem, já! – gritava a mãe. — Ele é responsável pelas mortes estranhas ocorridas nesta cidade. É ele o culpado! Vive no cemitério enquanto todos dormem, chamando o mal para nossas

casas. – disse ela, apontando o dedo na direção de Zephyr.

No mesmo instante, veio à mente a imagem da menina que participou de seu sonho durante a noite. Lembrou-se dos detalhes do sapato preto próximo à escada, seduzida pela voz. Não era apenas sonho. Ele presenciou uma morte enquanto dormia. A menina era linda... Bem diferente da imagem de *Lith*. Ao contrário da escuridão, ela era feita de luz, com cabelos de madrepérolas.

Por que ele sonhava com ela? Por que o olhar dela era tão doce e perdido? Por que tudo isso o encantava?

— Já estamos indo. – dizia uma das irmãs, cutucando-se, em meio a risadinhas e cochichos.

— Já! Eu disse! – disse a mãe, buscando as filhas no portão, pondo-se de frente a elas, olhando para Zephyr, como se ele pudesse hipnotizar uma das meninas, e ela estaria ali para defendê-las até o fim.

Não suportando a sensação esdrúxula, ele ria e fazia cara de mal para a senhora, que tratou de colocar as meninas, o mais rápido que pôde, para dentro da casa.

Bando de pessoas retrógradas! – pensou enquanto caminhava, sentindo até mesmo orgulho de sua aparência tétrica. Assim ninguém se metia com ele.

— Isso! Entrem para suas casas antes que o mensageiro da morte visite todos os moradores de Piraputanga, levando-os para o recanto das sombras tenebrosas. HUUUUHHH – ele zombou, tentando assustá-las, rindo da forma como as pessoas fechavam portas, janelas e cortinas. O que mais causava medo nos moradores era o fato de ele trabalhar na funerária. Achavam-no um mau auguro. Na realidade, essas situações enfadonhas não diziam quase nada. Seu jeito de ser não era um estilo de vida, e o desejo de continuar vivendo como tal não era uma escolha, é uma necessidade. Desde pequeno encolhia-se num canto entre os odores mofos, brincando com guarda-chuvas pretos e velas queimadas.

Tocou no crucifixo ostentado em seu pescoço e continuou a caminhada. Tinha pressa. Precisava programar uma postagem para o blog, embora a imagem da garota do sonho não saísse de sua mente. Y logo acessaria a internet para saber das novidades. Certamente ficaria feliz se visse algo novo escrito para ela. Afinal, faltavam dezenove dias, e nada melhor do que uma contagem regressiva.

Eu esperarei pacientemente pelo término de suas provas. O prazo fora vinte dias para que entrasse em férias e pudéssemos ficar mais tempos juntos. Não sabia como iria resolver a questão sobre meu pai. Não contei a ela como sustento a mentira de que meu velho está vivo. O melhor a se fazer é continuar em silêncio, inventar uma viagem para meu pai. Não sei! O mais importante agora é conhecê-la e saber como é seu rosto. Ela não será minha primeira namorada, mas será a primeira depois de cinco anos sem ninguém.

A segunda e última namorada da saga vomitou no dia que me viu fazendo embalsamamento em um cadáver. Sentiu asco de minhas mãos e medo de minha casa, dizendo que lá era um lugar mal- assombrado. Este foi o último dia que a vi. Não a vejo nem nas ruas ou em qualquer outro lugar. Sem dizer que namorávamos escondido de seus pais, pois se soubessem, certamente iriam impedir.

A menina gótica não sabe nada mais, além de minha profissão e nome. Restringi-me a contar a ela sobre minhas estranhas manias, mas creio que ela não irá se importar, pois, pelo estilo de seu blog, temos os mesmos gostos e tendências. Eu não sei onde ela mora. Tudo que pergunto, ela sempre dá a mesma resposta – saberá no primeiro encontro. Sei apenas a inicial de seu nome “Y.” Então... como tudo está ligado a este momento, tenho muitos motivos para que este encontro se torne cada vez mais especial. – pensava Zephyr, enquanto voltava para sua casa.

Entrou em seu quarto e olhou o retrato desenhado na parede. Faria uma surpresa, o levaria no dia do encontro e daria como presente em uma moldura.

Os olhos do desenho pareciam vivos. Olhavam para o jovem como se quisessem falar algo. Ele sentia-se cada vez mais fascinado pelo que via. Jamais desenhara com tanta maestria e impressão de realidade. Tinha a sensação de que Lilith iria sorrir a qualquer momento, por isso insistia em olhá-la. Levou o retrato para a sala de trabalho na funerária. Lavou os defuntos que chegaram recentemente, olhando para a imagem no papel, assim também escreveu em seu blog:

“Sinto os olhos dela me vigiando o tempo todo. Sei que estão apenas em um papel, mas é como se tivessem vida. Ela está presente aqui, e eu a sinto. Faltam apenas 19 dias. Fecho os olhos para o tempo passar mais rapidamente. Meus dias de solidão cessarão quando o sorriso de Y pousar em mim. Morrerei tranquilamente... Estarei protegido por seu manto de lágrimas, dor e escuridão.”

Ele leu e releu o que tinha postado no blog. Algo estava fugindo de seu controle sem que ele percebesse. Estava escrevendo com espírito de despedida. As palavras traduziam uma tristeza camuflada, mesmo diante de um motivo de sentir alegria. Ele não sabia dizer o que realmente estava sentindo quando deu início àquela escrita.

Passou os olhos em torno de si e olhou pela janela. As árvores pareciam mais mortas que antes. O vento bateu e trouxe as folhas secas para a janela, fazendo seu corvo ecoar sons estranhos.

— Oh, velho Angel, estamos somente eu, você e este camarada aqui. – apontou para o cadáver deitado sobre a mesa, vestido em um terno roxo, sua cor predileta. — Não há o que temer. Escolhemos um belo traje para ele, não acha?

Angel o olhava como se entendesse suas palavras.

Estava aproximando o horário do almoço e ainda precisava decorar o caixão com as flores.

— Já sei o motivo de seu desespero – fome! Daqui a pouco acabaremos este trabalho e iremos almoçar.

Ao pegar as flores para decorar o caixão que sairia da funerária em menos de trinta minutos, o copo na pia se moveu fazendo um ruído estranho, como se sua extremidade estivesse raspando a superfície do mármore da pia. Neste mesmo momento, Angel soltou um som estridente e se curvou como um arco, com as penas arrepiadas. Zephyr presenciou o fenômeno com os olhos brilhando de excitação. Era a primeira vez que via algo igual. Tinha muitos sonhos estranhos após os pequenos rituais que praticava enquanto cultuava as almas da noite em cada última sexta-feira do mês. Era a primeira vez que assistira uma comunicação de almas perdidas.

— Quem está aí? – disse, olhando para todos os lados, sentindo uma presença no ambiente. — Diga seu nome sem medo, e por que veio? – continuou olhando, procurando seu celular para filmar as imagens, caso houvesse alguma manifestação visual.

Não houve resposta. Apenas o copo foi lançado ao chão de forma ríspida, o que fez Angel voar para cima do armário da funerária. Os estilhaços de vidro foram esparramados pelo piso muito branco, causando um ferimento na mão de Zephyr, que estava próximo de onde o copo caiu. Seu sangue rubro pingava no chão, ele podia ouvir o contato da gota com o piso frio, como se fosse envolvido pela atmosfera que cobria toda a funerária e fazia os sons se tornarem mais densos e afinados. Seguiu até a pia para se limpar. Antes de tocar no registro da torneira, esta se abriu e o vento vindo da janela soprou forte. As ondas de uma voz que falava palavras que somente ele ouvia, porém, sem conseguir decifrá-las, apenas desejava imensamente se perder por entre a robustez do medo e do mistério.

Zephyr continuou por ali por mais alguns minutos, nada mais ouvia. Ele tinha certeza da presença de algum elemento sobrenatural, mas não sabia dizer quem era ou o que queria. Faria de tudo para descobrir.

Saiu da funerária, e dirigiu-se a sua casa que ficava nos fundos. Pensava em algo que lhe traria as respostas sobre aquele acontecimento. O oculto trazia fascínio ao jovem. Os instintos afloravam e aumentavam seus batimentos cardíacos.

— Tive uma ideia, Angel! – disse Zephyr ao gato enquanto lhe servia a ração.

O rapaz pouco se alimentava, certamente, este era o motivo de sua palidez. A excitação por novas aventuras e descobertas, os cultos realizados esporadicamente às almas durante a noite para atrair força e proteção, o cheiro do formol e a paixão platônica por Y. Tudo lhe provocava falta de apetite.

Ele saiu apressadamente para a rua.

Preciso convencer Amidail a me emprestar aquele objeto. Já faz algum tempo que não nos vemos, talvez ele nem esteja mais morando na mesma casa, mas me lembro de que tinha algo que poderia me ajudar. Ele estudou comigo no colegial. As pessoas tinham medo dele por estar sempre muito calado, e quando abria a boca adivinhava alguma desgraça que aconteceria no futuro próximo de alguém, sem dizer que também era gótico. Ele me disse uma vez que tinha algo em sua casa que lhe dava passagem para se comunicar com os espíritos. Até me convidou para participar de uma sessão, mas eu sempre tão ocupado com minhas neuras, achei melhor me manter afastado, até mesmo dele, que era o único amigo que tinha na escola. Éramos os descomungados. Amidail, por suas adivinhações, e eu, pelo estilo de viver. Alguns até me chamavam de gay, por não gostar de futebol e por pintar os olhos. Não sabiam que meu jeito atraía as meninas para o fundo da escola, e que lá permanecíamos muito quietos, um sobre o outro, enquanto elas me ofereciam seu pescoço, achando que eu era parente do conde Drácula. Isso as excitava tanto, que chegavam a me favorecer algo mais, se eu não tivesse um bom caráter, era uma oportunidade de me aproveitar da situação. Mas ao invés disso, eu me levantava de onde estava, e elas continuavam no chão, olhando-me na esperança de eu voltar e tomá-las ali mesmo. Algumas, inconformadas, diziam aos demais alunos o que havia acontecido, e neste instante, eu era chamado de gay pela turma excessivamente machista em período de autoafirmação que acreditava que ser homem é manter a sexualidade acima de seus princípios. Bando de babacas! Otários! Somente um dia, foi insuportável. No final da aula, num mês de Agosto, a menina mais bonita da escola, que atraía todos os olhares e me fazia delirar durante as noites, sozinho em meu quarto, esperou que todos saíssem da sala e me cuidava pelos cantos dos olhos. Eu estava copiando a matéria que tinha perdido quando faltei à aula. Ela se aproximou com um jeito estranho. Percebi sua meia-liga aparecendo na perna e o modo como andava, tentando me seduzir. Continuei sentado como se não tivesse percebido. Ela se prostrou a minha frente e agarrou a minha cabeça, trazendo-a para si, afogando-me em seu colo. Não pude me conter e ficamos juntos. Encostados à parede. Eu a cobri com minha capa preta de veludo, enquanto ela pedia que eu a mordesse no pescoço, como faziam os vampiros que lia nos livros góticos. Assim se deu minha primeira e última fraqueza. Depois deste fato resolvi sair, pois fui perseguido pelos meninos que buscavam por aquilo que eu não me esforçava em ter, caso quisesse. Logo meu pai faleceu e isso foi um ótimo pretexto para eu me afastar definitivamente da escola.

Minha cartola titubeava no encontro com o vento. A casa de Amidail era a da esquina. Bati

palmas, mas ninguém veio me atender. Insisti. A porta da sala estava destrancada. Entrei na casa antiga e sombria... Lá dentro, tudo se encontrava abandonado. As teias de aranha invadiam os cantos, e a poeira tomava os móveis. A única claridade vinha das pequenas janelas que permaneciam trancadas quase próximas ao forro. Vinha alguma luminosidade do corredor, onde havia alguns castiçais de parede ostentando velas grossas que já estavam quase chegando ao final. Era uma bela casa! Perfeita para uma festa a dois ou para os cultos nas sextas-feiras. As paredes com o cimento bruto, sem pintura, traziam alguns símbolos que Amidail deveria tê-los feito. Mas a preocupação era somente uma – para onde foram todos? Subi a escada pensando nisso. Entrei no quarto mais sombrio, certamente o de meu amigo, pois identifiquei sua cama feita por um caixote grande, pintado de roxo, como ele havia me contado. Procurei nas gavetas o tal objeto de comunicação com o além. Não estaria agindo da melhor forma, mas quando Amidail voltasse, eu entregaria o que levei, explicando a extrema urgência. Tinha receio de perder a oportunidade de minha vida - conseguir falar com as almas. Cada um tem sua fissura, a minha é esta, além da bela Y. Por quê? E eu sei?! Só sei que é assim - Um anjo perdido que chegou tão frágil... Eu sinto suas chagas e lágrimas caindo sobre meu chão.

Depois de dez minutos procurando, finalmente encontrou uma caixa preta, quadrada e achatada. Abriu. Era o tal Tabuleiro Ouija - um quadro de madeira com as letras do alfabeto, números e algumas respostas básicas, escritas sim ou não, tudo exposto num círculo com um ponteiro de metal no meio. Ao perguntar coisas ao tabuleiro, espíritos fazem mover o ponteiro, apontando às respostas. Olhou cuidadosamente o tal objeto. Fechou a caixa e a levou consigo. Ao passar pela sala algo o fez prender a respiração, para ter certeza de que ouviu alguém chamar por seu nome. O lugar era assombroso, mas nada mais ouviu, somente os galhos da árvore que ficavam na frente da casa, rangiam com o bater do vento, imitando passos rastejantes. Tropeçou, chutando algo no chão que voou para longe. Ao olhar, percebeu que se tratava de uma cruz preta do tamanho de um palmo da mão. Abaixou-se e pegou o objeto, colocando-o em pé, encostado à parede. Um barulho de algo caindo no chão fez com que ele voltasse até ao hall. Seu coração estava batendo em desatino, a respiração parecia falhar... Com os olhos petrificados na imagem à sua frente, não conseguindo falar, ela apenas fez um gesto com a mão, querendo dizer para que ela esperasse um minuto antes de desaparecer.

Não posso acreditar! É ela! O que está fazendo aqui? Por que estaria aqui?

Os traços do rosto fizeram com que a reconhecesse no mesmo instante. Era ela, a moça do

retrato que ele desenhara imaginando Y. Sentia-se confuso, sem saber o que pensar, enquanto a moça o olhava, parada, entre o corredor e a porta, segurando uma sombrinha com rendas pretas na borda. Usava um vestido longo no estilo vitoriano com um saliente decote no busto. A pele clara, moldada por longos cabelos escuros que caíam pelos ombros e costas, acentuava certa agressividade aos traços tão suaves do rosto. O corpo dela fez menção de se mover. Mas antes de ir, olhou para ele como a noite derramada no breu daqueles olhos que enfeitiçava.

— Estou esperando por você... Nada é tão forte capaz de desfazer este encontro. Deixe-me sentir sua alma; traga seu ser para eu tomá-lo; traga sua dor, seu sono e sua paz. — o piso que a sustentava transformou-se em um altar que girava no chão. Nos cantos das paredes atrás de si, aranhas subiam pelas teias enquanto uma neblina cinza tomava conta do local.

É inquietante. Cultiva o poder satânico que lhe atribui. Dos olhos dela, imagina-se facilmente como surgiu a reputação de um *Paganini* com o seu violino que tocava como um deus...ou a lascívia de um demônio cuja presença fascinava, ao mesmo tempo que punha as pessoas pouco à vontade após seu olhar visceral sobre os mortais. Ela tinha um olhar espanhol, *la* Picasso, ou o olhar de um pintor que estudava um traço, uma linha, sem qualquer respeito pelo ser humano que é dissecado por aquele exame.

E a voz dele finalmente ecoou:

— Não vá! — disse quase num sussurro, com as mãos no ar, tentando pará-la a todo custo. A imagem entrou no quarto quando ele acabou de falar as únicas palavras que conseguiu pronunciar. Ele foi atrás. Subiu os dois degraus que ligavam a sala ao hall como um tigre. Deixou cair sua bengala. Não se importava mais com nada. Seja quem for, ela era linda...

Entrou no quarto, mas nada viu, apenas sentiu o cheiro de lótus deixado no ar. Era ela... Ele tinha certeza que era ela! Mas... Y é humana... Usa o pseudônimo de Lilith, mas é uma pessoa como todo mundo, como pôde desaparecer como fantasma?

Procurou a saída da casa, sentindo-se desconsolado e confuso. Tinha pressa de chegar e ligar o computador. Precisava ouvi-la e perguntar se esteve ali ou se estava tendo uma miragem, vertigem ou qualquer viagem desse tipo.

Ao alcançar a porta da casa, um senhor estava no portão, olhando-o de forma desconfiada.

— O que faz na residência dos Ramones? — disse em uma voz desaprovadora, rude e horrenda.

— É... vim buscar um objeto que havia emprestado para Amidail. — mentiu, tentando esconder a caixa o melhor que pudesse debaixo de sua capa.

— Você sabe que ninguém pode entrar nesta casa?

Achou estranha a colocação do velho senhor.

— Não, senhor. O que houve?

— Em qual planeta você mora? Como não sabe o que aconteceu? — ele fez silêncio, olhou para o rumo da porta e voltou a olhar, com temor, para os olhos de Zephyr.

— Esta casa foi palco de uma terrível maldição. Há um ano, todos da família morreram enquanto dormiam. Até hoje, ninguém soube o que aconteceu. A empregada chegou de manhã e viu os corpos deitados na cama. Estavam segurando uma cruz preta, posicionada de ponta cabeça entre os dedos. A polícia interditou a casa para investigar o que houve, mas até mesmo eles têm medo de entrar aqui. Ouvi boatos de que dois policiais presenciaram a aparição da família dentro de seus caixões na sala de estar. Por este motivo, suspenderam temporariamente as investigações.

Zephyr não ficou sabendo do ocorrido. Deveria, pois sendo a única funerária na cidade, certamente os corpos deveriam ter ido para lá. Sentiu-se chocado com a possibilidade da morte de seu único amigo.

— O senhor sabe quem preparou o sepultamento e velório da família? — quis saber.

— Depois que a empregada chegou para trabalhar naquela manhã, vendo a família morta, saiu desesperada; foi buscar ajuda, comunicando o fato à polícia, que chegou e não encontrou mais nenhum vestígio dos corpos. Todos desapareceram como se nunca tivessem existido.

— Nossa! Que história! — disse Zephyr com o cenho franzido, sentindo-se alucinado por tudo que ouviu, e triste pela perda do amigo.

— Mantenha-se afastado desta casa! — pediu o senhor, dando às costas ao jovem. — E procure um novo Distrito para morar, estão todos mudando da cidade. Logo ficará vazia. Uma cidade-fantasma.

Zephyr saiu da casa de Amidail, pensativo com as notícias que recebera, e muito mais, por causa do que vira lá, se era Y ou fruto de sua imaginação. Ele não sabia, mas agora tinha outro assunto importante a pensar, não conseguiria se imaginar mudando de cidade. Não haveria como deixar a casa que seu pai construiu e, muito menos, a funerária. Para ele não teria problemas de morar em uma cidade fantasma, não conservava o medo pelos fenômenos ocultos. Mas entre todas as outras coisas, havia uma que ele se preocupava mais — onde ela morava? E se todos mudarem da cidade e ela for junto deles, como a encontraria? Não há com o que se preocupar. Eles não se conhecem, não sabem onde moram e estão apaixonados. Irão se encontrar, mesmo que Lilith morasse em outro Estado, o computador une as pessoas do Alasca a América do Sul.

Chegou a sua casa e guardou a caixa em um local seguro. Haveria de achar um momento propício para iniciar o ritual que lhe traria a comunicação com os mortos. Mas agora... precisava e ansiava por saber a verdade. Quem era a bela que saiu de seu desenho e surgiu no corredor da casa de Amidail?

Foi até seu computador e o ligou na fé de que a encontraria. O relógio de cuco marcava dezoito

horas. Ela estaria lá, esperando-o no bate-papo de seu blog. Sim, ela estaria bela e alva, sentada em sua poltrona roxa, perfumada de lótus, esperando para ouvir a voz de seu estranho amor.

Acessou o blog com rapidez. Leu o comentário dela a respeito de sua postagem. Foi descendo a página devagar, até alcançar a caixa do bate-papo. Lá estava o *avatar* com a inicial do nome dela, online. Era a única letra que sabia de seu nome, Y, tão somente. O coração latejava de felicidade. Aumentou o volume da música que ouvia – *Summoning*, Adam Hurst. O som saía pela janela e pelas frestas do telhado, inundando a bela noite que nascia. Não sabia como abordá-la a respeito do que tinha acontecido.

Imagino suas mãos pequeninas e brancas, com as unhas pintadas de preto, segurando o mouse, olhando para seu monitor com ânsia de me cumprimentar. Vejo seus dentes superiores mordendo o lábio inferior. Pego nova folha branca e passo a desenhar esta imagem. Está apenas de camiseta e meias, com os cabelos pretos caídos nos ombros e algumas mechas entre a pele rosada, fresca, toda cheirando a lótus. Encantava-me a forma perdida como olhava alheia às dores do mundo.

Os dedos dele ligaram o áudio do computador e colocaram o fone.

— Traria flores se pudesse. – disse Zephyr.

— As mais belas da noite? – ela quis saber.

— Não. A mais bela é você, flor-de-lótus negra e reluzente.

— Pensei em você durante o dia.

— Como está sentada neste momento? – perguntou ele, fazendo os traços dela sentada em sua poltrona predileta.

— Estou sentada em meu quarto, na poltrona que gosto, com o notebook no colo.

— Está ouvindo Adam Hurts tocar? – perguntou Zephyr.

— Sim, uma música linda. Tenho certeza que escolheu com esmero.

— Eu durmo ouvindo-a. Como está vestida?

— Usando a camisola preta com a qual quero ser velada um dia.

— Pensou em mim?

— Muito... A todo o momento...

— Eu também pensei muito em você, minha bela. Estou louco para conhecer mais sobre sua vida. A ansiedade maltrata.

— O que mais gostaria de saber?

— Morro de vontade de ver seu rosto. A forma como olha; o jeito como toca nas coisas. O

sorriso... – ele fez um silêncio, fechando os olhos para imaginar tudo que disse. Na verdade, já havia criado a imagem dela muito nítida em sua mente, e queria agora a prova de que ela era a moça que ele viu na casa de Amidail. Não a imaginava de forma diferente. Ele tinha certeza que aquela moça de vestido preto era a mesma do retrato a sua frente. — Diga-me... Não minta... Você me viu hoje?

— Se eu te vi... Só se tivesse me transformado em algum fantasma e ter ido aí.

Ele sentiu na voz dela que era viagem de sua cabeça. É claro que não poderia ser ela. E o mais óbvio seria a possibilidade se não ser ninguém, apenas e tão somente o desejo de tê-la ao seu lado. Como associou a imagem dela ao retrato que fez, passou a vê-la em todos os lugares. Resolveu mudar de assunto, antes que ela percebesse sua idiotice. — Poderia me dizer em qual cidade mora?

— Poderia... Só não disse ainda porque nunca me perguntou. Moro em Campo Grande.

Sentia-se aliviado de algum modo por ela não morar na mesma cidade que a dele, levando em consideração que todos ali estariam procurando um lugar para morar, e abandonar o vilarejo. Também gostou da ideia de tê-la tão perto.

— Muito mais perto do que pensei.

— Em qual cidade mora, anjo negro?

— Em Piraputanga. – ele receou em pronunciar o local.

— Na cidade amaldiçoada.

Ele riu.

— Por que diz isso? – ele quis saber.

— Eu ouvi na televisão os casos macabros que andam acontecendo no povoado. Meus pais moram em Aquidauana. Eu os visito nos finais de semana.

— Que bacana esta última parte. Mas me diga, sobre os casos macabros, foram mais de um? – disse ele, se lembrando da família de Amidail.

— O que faz em sua cidade além de produzir os mortos para o velório? Não tem acesso a TV ou jornal? – quis saber ela, desacreditada.

— Eu não curto ver TV. Doeí a minha a uma criancinha pobre. Mal tenho tempo para ler jornais, porque nos momentos vagos prefiro escrever para você. E te desenhar... Adormecer olhando seu retrato.

— Como consegue me desenhar se nunca me viu?

— Através da vibração de sua voz e a pronuncia de suas palavras, capto sílaba por sílaba para criar seu jeito de olhar. Sua respiração, gravei na mente, e com o som dela imagino a forma como mexe os lábios e lhes dou vida. O contorno do rosto, eu criei me baseando em todo este conjunto de coisas que fizeram com que eu desejasse você. Imagino a maneira como dorme, sublime, deitada imóvel com a roupa escura encenando a morte, com sua boneca de porcelana entre os dedos, olhos

petrificados. Posso ver a forma como abre os olhos quando se levanta, mórbidos, procuram a cortina para se proteger dos raios do sol. Cortejo seu jeito doce de furar o dedo no espinho, sangrando gota a gota, sutilmente, para se sentir viva.

— Sim. Creio que retrata hoje um traço de minha alma, talvez... De algo dentro do meu ser. Ah, anjo, não vejo a hora... Como será o primeiro contato? O abraço de dez minutos que me prometeu?

— Ainda não sei, mas será bem apertado. Como deve ser.

— Tenho vontade de vê-lo agora, se pudesse...

— E por que não pode? Posso pegar o trem e ir ao seu encontro. Ainda está cedo.

— Não, anjo! Vamos seguir o combinado. Não seria uma boa ideia. Estou de exame. Não poderia dormir tão tarde e ficar dispersa amanhã durante as provas, porque... tenho a sensação de que, ao vê-lo, não irei querer mais ficar... longe de você.

— Se achar que sou o que você sempre esperou, poderemos... adiantar as coisas...

— Adiantar as coisas?

— Sim. As pessoas se casam, mesmo as anormais.

Ela riu.

— E onde moraríamos, anjo? – perguntou ela, rindo, dando asas para a imaginação de Zephyr.

— Aqui em minha casa. – disse ele, serenamente, imaginando os dois juntos andando pela casa durante as madrugadas.

— Um sonho louco a se pensar.

— Por que as pessoas esperam pela maturidade ou pelo tempo para estarem juntas, se, na verdade, jamais conseguirão conhecer as outras pessoas como querem, profundamente?

— Não me deixará conhecê-lo profundamente?

— Você não precisará, terá meu ser por inteiro, mesmo sem conhecê-lo.

Houve um silêncio.

— Onde será nosso encontro? – perguntou Zephyr.

— No cemitério de Aquidauana. – ela respondeu. — Às vinte e duas horas. — Estarei preparada para te receber. Nada poderá nos separar, nem a vida, nem a morte.

— Eu verei seu rosto...

— Verá meu rosto e alma; o corpo eu levarei para você tomar conta.

Ele tremeu. Sabia onde aquela conversa chegaria.

— Se continuarmos falando sobre... seu corpo... não conseguirei dormir.

— Não durma! Não o deixarei dormir.

Ele fechou os olhos e sentiu um toque suave em seu peito. Dedos percorrendo as costas, como se alguém estivesse por perto. Sentiu o cheiro que o enlouquecia a doses miúdas. “*Imaginação*” –

pensou. Queria acreditar que poderia ser a materialização, presença e toque de Lilith, enquanto a voz rouca e doce falava palavras que o excitavam mais e mais... Os sons vinham da pequena caixa de som, e as ondas chegavam até sua pele. Ela estava ali... Era seu toque... Sentiu um corpo sentando-se sobre seu colo e braços abraçando-o, enquanto sua face era sufocada por seios fartos. Abriu os olhos! Não existia ninguém ali, além do defunto sobre a mesa funerária e seu corvo Angel sobre esta.

Capítulo 2

A chuva cai torrencial sobre o telhado, descendo barulhenta pelas calhas de metal. Na cabeceira da cama, o rádio-relógio marca cinco e dez. E a chuva não dá sinal que irá parar.

Acordei cedo e me sentei para olhar o nó no lençol que fiz a pedido de Lilith, antes de dormir. Este é o primeiro gesto de todas as manhãs, como combinamos, para me lembrar do último pensamento que tive em torno dela na noite anterior, mas, para minha surpresa, o nó estava desatado. Olhei para o lado e vi em cima da mesinha, uma flor branca de lótus e um bilhete – “Estou te esperando!”

Saltei da cama. Ela esteve aqui. Ela esteve! Droga! Por que não acordei?!

Olhei para seu retrato na parede; estava lá, com a marca de seu batom vermelho. Eu não estou louco! Eu acredito no sobrenatural, e ela está em todos os cantos. Esteve ao meu lado enquanto eu dormia.

Corri para a cama e cheirei cada centímetro do lençol, queria encontrar seu perfume em algum lugar. Na ponta do meu travesseiro, além do cheiro de lótus, mais uma marca de seu batom. Estou a ponto de enlouquecer. Não porque essas coisas deliciosas estão acontecendo, mas pelo motivo de, além de serem deliciosas, são intrigantes, e eu necessito encontrá-la. Associei a moça da aparição tão fortemente a Lilith, que não consigo separá-las. Sei que não são a mesma pessoa, e nem sei se uma delas existe, mas como estou apaixonado, quero acreditar a todo o momento que a pomba negra que surgiu em minha vida tão misteriosamente seja a mesma que alcançou meu coração com suas unhas escuras- Lith. Só conseguirei me sentir mais tranquilo quando puder encontrar uma delas. Ai já não sei mais o que acontecerá... Uma terá de morrer dentro de mim... Porque um homem deseja muitas mulheres, mas ama apenas uma.

Som de batidas na porta o despertou de sua loucura. Rapidamente colocou uma roupa e foi atender, achando estranho alguém ir até sua casa, já que os assuntos funerários são tratados no escritório. Lembrou-se rapidamente de colocar o corpo do velho Tomaz na poltrona à frente da janela. Desceu correndo a escada.

Ao abri a porta, deparou-se com um homem aparentando sessenta anos, que usava calças com o cóis alto sobre uma grande barriga. O homem olhava insistentemente para dentro da casa.

— Bom dia. – Disse Zephyr, tentando imaginar o que uma pessoa queria em sua casa, antes das seis da manhã.

— Bom dia! Eu gostaria de falar com o senhor Tomaz.

Era a primeira vez que acontecia uma visita deste tipo desde que seu pai morrera.

— Meu pai está dormindo. — disse, olhando diretamente para os olhos do homem, querendo demonstrar cara de sono, para que a pessoa percebesse o horário que tinha resolvido fazer visita.

— Ah, sei! Chamo-me Ludovirick, e sou o novo vizinho. Falaram-me sobre vocês e os serviços funerários... Bem, na verdade, o que me trouxe aqui foi algo que me tirou o sono durante esta noite. Vi um vulto rondar sua casa, e achei por bem vir avisá-los, já que não podemos dormir tranquilos mais, desde que a modernidade e seus surtos de violência chegaram em nossas vidas.

— Obrigado por avisar. Falarei com meu pai a respeito, e mais uma vez, obrigado. — disse Zephyr, forçando uma despedida.

— Sim! Desculpe-me a visita a este horário. Diga a seu pai que voltarei mais tarde para conhecê-lo. — insistiu o vizinho.

— Avisarei. — respondeu Zephyr, com um sorriso forçado nos lábios.

— A propósito, quantos anos você tem?

Sentiu vontade de assombrá-lo e dizer que dois mil anos, já que todos saem correndo ao chegar perto dele acreditando que fosse parente do conde Drácula. E também não entendeu o motivo da pergunta. Poderia mentir. Poderia não responder. Mas seria educado.

— Vinte.

— Belo garoto! Foi um prazer. — despediu-se. Quando ia saindo, virou-se para olhar o rosto de Zephyr. — Sou investigador aposentado da polícia. Caso precise de algo, moro nesta casa. — apontou para a casa do lado esquerdo da dele.

Ao fechar a porta atrás de si, respirou fundo... Teria de encontrar respostas prontas, daqui por diante, para dar ao vizinho, que pareceu muito interessado em falar com seu pai. Detalhe... Um vizinho policial aposentado.

Era o que me faltava! Justo ao lado de minha casa veio morar um policial? — pensei. Ele disse que viu um vulto rondando minha casa... Seria a pomba negra? De todos os males, ele veio me trazer a prova de que ela existe de algum modo. Eu amei esta notícia.

Foi no rumo da escada com a lanterna ligada. Escutou passos. Parou para tentar ouvir melhor. Os passos vinham do quarto de seu pai. Poderia ser alguém ou poderia ser uma alma. — Pensou. Subiu a escada, novamente ouviu os passos no andar de cima. Apressou-se, porém a lanterna desligou sozinha. Balançou-a. Devia ter acabado a pilha. Ao subir mais três degraus, a luz da lanterna novamente clareia o ambiente como se nada tivesse acontecido, e Zephyr vê um vulto no alto da escada. Focou a luz para olhar melhor e reconheceu a imagem, era seu pai. Do mesmo modo que

surgiu, desapareceu novamente.

Passaram-se algumas semanas.

O policial Ludovirick não tinha mais aparecido. A moça do retrato também não. Zephyr estava ansioso, o encontro dele com Y será na noite seguinte. Terminou seu trabalho rapidamente para ligar o computador e ouvir a voz dela. Ainda tinha que levar o corpo que acabara de preparar. Levou a maca de rodinha com o caixão e coroa de flores até o carro, voltou para colocar seu terno preto de trabalho e olhou para o computador. Seu coração disparava. Precisa urgentemente ouvir a voz dela. Demoraria trinta minutos para tanto, mas nada mais conseguia esperar dentro de si.

Ligou o carro, enquanto dirigia, olhando a fumaça da noite se esvaecer na Serra de Maracaju. As pessoas se acostumavam a dormir no mesmo horário que as galinhas naquele povoado. Ninguém estava nas ruas, tinham medo das lendas do local e do canto dos morcegos sobrevoando a escuridão. As janelas que tinham as luzes acesas dentro das casas estavam com a cortina tampando qualquer fresta.

Ele despachou o corpo para a família que o esperava e voltou para sua casa. Apertava o pé no acelerador, sentido o vento frio tocar em seu rosto. De repente, a imagem de uma mulher a sua frente. Ele freou bruscamente. Com o impacto, sua testa chegou a bater no parabrisa, sangrando levemente. Os pneus do carro fizeram barulho no asfalto, e nada o incomodava, desde o momento que reconheceu aquele rosto angelical olhando para ele. Ele pegou o lenço de seu bolso, colocou-o na testa e desceu do carro, com a lady parada no mesmo local. Sentiu o cheiro de lótus misturado a declarações pútridas vindas daqueles olhos luminosos.

Com medo de ela desaparecer, chegou perto o mais rapidamente que pôde. Os olhos eram lacrimejantes e doces. Os lábios tão corados tinham formato de coração. Mesmo na noite escura, os cabelos pretos brilhavam intensamente. Olhos fixos, um no outro; lábios entreabertos, o rosto de Zephyr sem expressão, apenas petrificado com a beleza da jovem.

Não é possível escapar do olhar que se assemelha ao da serpente que fascina o passarinho. Estes olhos de brasa veem tudo, impõem-se, brincam com o seu próprio magnetismo; se o diabo tivesse olhos, seriam carismáticos quando quisesse fascinar e reduzir seus algozes à sua mercê e trariam um brilho divertido de quem ri sozinho, depois de pregar uma peça irresistível.

Esquecendo-me de tudo, apenas hipnotizado pelo encanto da pomba negra, levantei minha mão com cuidado e toquei em seus cabelos, sentindo a maciez da seda. Ela era real. Toquei carinhosamente a pele de seu rosto tão alvo e esbocei um sorriso tímido.

— Linda... O que quer de mim? — eu disse, deixando cair o lenço que estancava o sangue que

corria de meu ferimento na testa.

Ela não respondeu. Apenas me olhava, e isso me causava desespero, vontade de abraçá-la, de beijá-la e saber quem ela é. Toquei em suas mãos. Eram frias. Pequenas e frias. Levei-as aos lábios que desejavam sugar o néctar daquele cheiro de lótus que vinha da pele dela.

Eu não sabia nada sobre ela, e seus olhos me olhavam com tanta doçura e muitas perguntas, como se fosse eu a razão de seus questionamentos. Ao levantar a cabeça para olhá-la, ela simplesmente desapareceu, deixando-me louco, olhando para todos os lados, necessitando encontrá-la.

— Ei! Volte aqui! Volte! — gritei loucamente no meio da rua erma, com apenas algumas casas ao redor.

Escutei latidos de cães e resolvi entrar para o carro, antes que as pessoas chamassem a polícia.

Ele seguiu rumo a sua casa, espantado. Sem saber expressar o que sentia. A única sensação explicável naquele momento era o desejo de chegar o mais rápido que podia e desenhar o que viu. Esqueceu-se até mesmo de Y, que o esperava. O encontro! Ele não poderia se dispersar. Havia um encontro importante marcado para amanhã. Mas todos os esforços para se concentrar neste evento tinham ido por água abaixo. Estava simplesmente paralisado e enfeitiçado por uma força descomunal que vinha da presença daquela imortal que aparecia e desaparecia quando quisesse. Vênus atravessava o corpo dele, que queimava a pele.

Colocou o carro na garagem e entrou na funerária. Abriu a porta sentindo a presença dela que o esperava sem que ele soubesse explicar como. O cheiro do formol fora substituído pelo de lótus, e por toda funerária tinha esta flor depositada nos móveis, utensílios e cantos. Ela enfeitara o local para surpreendê-lo. Ele pegava as flores e cheirava, colocando-as rente ao peito. Não sabia o que estava sentindo. Não imaginava como faria para reagir e voltar ao seu normal. Perdeu-se!

Foi até seu quarto e pegou algumas folhas brancas do papel que usava para desenhar. Passou a esboçar o que havia visto e sentido quando a tocou. Sentou-se com a prancheta na cama e esqueceu a hora. Desenhou a imagem daquela que lhe retirou a paz em vários closes e posições, os traços eram tão reais que davam a sensação que a qualquer momento, os olhos desenhados iriam piscar. Ao voltar do transe, suspirou aliviado, percebendo-se em si novamente. Correu para o escritório, lembrando-se que Y o esperava.

Ainda sentia a textura da pele dela na sua. Ligou o computador. Ainda podia ver os olhos lacrimejantes. Acessou o blog. Ainda desejava beijar suas mãos. Viu o *avatar* de Lilith esperando-o no chat. A imagem da moça tão branca, vestida de preto, não o abandonava. Acionou o áudio do chat.

Desejava vê-la... Mais do que tudo... Quis parar de pensar – em vão.

— Desculpe-me pelo atraso... Tive que levar um defunto.

— Tudo bem... Eu imaginei isso mesmo.

Havia um silêncio entre eles, diferente. Zephyr estava diferente e distante.

— Não está ouvindo Adam Hurst, hoje? O que deu em você?

— Eu... – precisava pensar em alguma resposta. Ela percebera em seu jeito que algo havia acontecido. — Eu trabalhei muito hoje e fiquei cansado, apenas isso.

— Achei que estava ansioso.

— E... estou... – disse ele, sem ao menos saber se ainda estaria do mesmo jeito que estava quando acordou, antes de ver a moça do retrato. Para ele, elas agora já não eram a mesma pessoa. Estava certo disso. — Desculpe-me mais uma vez, estou realmente apenas cansado.

— Poxa... Tudo bem... Mas justo hoje... Amanhã será nosso encontro, lembra-se? Você se lembra que esperamos muito por isso? – a voz dela era incisiva, muito diferente da voz doce que se acostumara a ouvir.

— Sim... Como posso esquecer... – finalmente conseguiu vislumbrar um pouco da realidade.

— Sabe como chegar ao cemitério?

— Sim, fiz o mapa.

— Acabei as provas. Passei de semestre. Estarei te encontrando... Está tudo perfeito.

Ele ouviu os sons da risada dela. Ela estava feliz. Ele não sabia o que dizer. Saberia que algo mudaria em relação a uma das duas, caso encontrasse primeiro uma delas. Mas não poderia ser indelicado num momento daqueles. Esperaram muito por este encontro. Queria conhecê-la, mas não sabia o que fazer exatamente com aquela alma que estava surgindo quando quisesse a sua frente. Caso iniciasse um namoro com Y, o que faria? Como procederia quando estivesse sozinho e a alma linda surgisse a sua frente, com os encantos que ela irradiava, deixando-o louco, alucinado; sentindo-a como se fosse de carne e osso?!

— Que bom! Parabéns! – foram as únicas palavras que conseguiu dizer com sinceridade.

— Estou levando comigo um vinho para tomarmos juntos... Você sabe onde desejo que tome este vinho, não?

— Onde?

— Nos seus lábios. – disse ela.

Ela sabia mexer com ele de forma a lembrá-lo de que era humano, mas por nenhum momento se pareceu com o jeito de Y. No entanto, conseguiu imaginar a cena e se sentiu animado, mesmo ainda estando com a cabeça no ser da noite que o assombrara docemente. Não sabia se era certo estar com Y usando seu corpo, como se ela fosse uma menina comum, pois não era. Ela era especial e real.

Esforçar-se-ia para viverem juntos o que esperaram.

— Faremos valer à pena tudo que esperamos dias e noites. — disse ele, enfim, de forma natural.

— Não tomarei seu tempo hoje, anjo negro, quero que descanse, pense em mim, e faça o nó em seu lençol. Assim também estarei fazendo.

— Obrigada por compreender, minha bela, realmente estou exausto. Pense em mim, estarei pensando em você.

— Até mais... Espere-me na sepultura 103, lote 15 à meia noite do dia 23/08/2015. Túmulo de Isabele Eda Shamanc. — disse a voz dela.

— Até lá. — ele respondeu, anotando.

Perdoe-me! Não a mereço! A deusa da escuridão tomou minha alma, e mesmo que quisesse não consigo voltar para você. — disse Zephyr em seus pensamentos, enquanto apagava as velas-luz da funerária, seguindo para seu quarto. Sentia-se triste, cabisbaixo. Queria ser melhor para aquela que adotou o pseudônimo de Lilith. Amanhã saberia seu nome real, e contaria tudo que está acontecendo. Y é uma menina especial, ela o entenderá. Saberá ouvi-lo e lhe mostrará o caminho de volta. Antes de fechar a porta, olha para o escuro que vinha da sala de preparo, e vê um corpo deitado na mesa. Não poderia ser! Ele havia guardando o defunto na geladeira antes de sair da sala. Ficou inerte, quase não acreditando no que via. De repente, viu quando o que era corpo se transformara em espectro e levantou-se da mesa, rumo à parede, levando nas mãos um de seus olhos, desapareceu aos poucos. Atordoadado, fechou a porta e seguiu para sua casa.

Abri a porta de meu quarto ainda de cabeça baixa. O coração voltou a acelerar ao me deparar com a imagem sentada em uma cadeira à frente de meu cavalete, me aguardava preparada para desenhá-la. Vi seus pés pequenos, estavam descalços, enrolados por faixas beges, postos no chão de uma forma delicada e convidativa; as unhas quadradinhas e bem feitas. A pele totalmente branca. Os olhos subiram pelas pernas desnudas. A cútis alva, vibrante. Usava um corsário preto com as laterais em vinho, e uma saia de tule preta, esvoaçante. Nas mãos, uma luva de renda ³/₄. Pela primeira vez, vi seu sorriso — lindo... Ela sorria e mostrava seus dentes brancos cintilantes. Entre os seios, uma gota de sangue escorria preguiçosa. Os seios desenhados como duas maçãs, explodiam num decote, causando dor. A dor de um punhal cravando aos poucos em meu peito. Fiquei louco. Suando frio. Minhas pernas tremiam. De minha boca não saia som algum. Mal sentia os dedos dos pés.

Direcionei-me até meu aparelho de som e coloquei a música mais linda que ouvi, Cure, Tristania. Sei que gostou, pois seus olhos brilharam ao ouvir a melodia. Ela sabia que eu

precisava de música para desenhar. Estava me esperando como alguém que aguarda o dia amanhecer. Fui até ao cavalete e, com as mãos trêmulas, peguei no lápis sem dizer nenhuma palavra. Passei a rabiscar seus contornos como se pudesse tocá-la. Os cílios espessos davam voltas e faziam sombras em seu olhar, que não me deixava. Seu corpo imóvel e efêmero estava a minha frente. Eu poderia ir até ele e tocá-lo. Eu... Ai meus deuses! Eu poderia chegar mais próximo e senti-la novamente...

Jamais desenhara com tanta perfeição. O trabalho ficou fiel à imagem que copiava. Ela é linda... Senti vontade de saber mais sobre ela. Conhecer o motivo de sua morte, e como foi sua vida; quantas vezes ela amou e quantas foi amada.

Deixei o lápis no parapeito do cavalete e me movi devagar. Tinha medo de ela desaparecer. Continuava me olhando com aquele olhar cheio de dúvidas e com certa inocência. Eu podia contar meus passos e os segundos que levava para trocá-los. Eu podia sentir o coração sair pela boca e as mãos suarem. Ao chegar diante de seu rosto, ela sorriu. Pude sentir e ouvir o sentimento daquele sorriso. Em seguida, seu corpo efêmero desapareceu.

Senti vontade de gritar e não me contive. Coloquei a mão entre os cabelos na tentativa de esquecer aquela angústia. Quanto tempo ainda durará esta situação? Por que veio, se tem que ir? Por que não fica apenas esta noite? Fique aqui?! – dizia eu, em súplicas. Agachei-me no canto do quarto, que ecoava solidão por todos os lados, imaginando o corpo dela sentado, e eu aos seus pés. A solidão maltrata em dias de frio e calor. Em noites de lua ou não. Eu estava só, irremediavelmente só. Eu a quero, sendo ela o que fosse.

Ela foi embora, levando consigo a paz deste que não poderia mais tirá-la de suas retinas. Ele deitou em sua cama e pôs o travesseiro sobre sua cabeça. Queria esquecer o rosto, a sensação, as cores, o cheiro. Queria poder sair de seu quarto e viver alguma vida, a sua se fosse possível, praticamente normal, ao lado de quem não vai embora.

Neste dia... Não fez o nó na ponta do lençol, pois não pensou em quem teria de pensar. Apenas desejou que amanhecesse o dia. Adormecera com o desejo de evaporar. Novamente, o pesadelo com a mesma menina suicida.

Novamente eu a vi. Os cabelos brancos voavam quando seu rosto apareceu na porta da saída da torre. Era quase dezoito horas, o sino tocaria em poucos minutos. As meias listradas davam a ela um aspecto colegial. Sua blusa branca, estilo poeta, com colete preto e saia de tule, traduzia um estilo adorável. Os olhos bem pintados contrastavam mais com a cor dos cabelos. Eu vi o bico de seu coturno na ponta da porta. Ela me olhava. Ela me viu pela primeira vez. Abanei minhas

mãos para o alto. Queria que ela soubesse que desta vez não precisaria pular, eu poderia ouvi-la. Senti a lágrima que pingou do alto, direto em minha face, molhando meus lábios. Provei o agridoce deste líquido. Ela não quis revelar o motivo infeliz que a levaria a saltar da torre. Jogou seu lenço branco. Fui buscá-lo. Abaixei para pegá-lo. Era tão alvo quanto sua face. O cheiro do tecido me agradou. Voltei os olhos novamente para o alto. O sino tocou neste mesmo momento. Com os olhos esbugalhados, eu a vi se preparando para saltar. Gritei para que não o fizesse. Mas não houve tempo. Segundos depois, seu corpo vinha em minha direção, estendido no ar, as mãos soltas, os cabelos brancos esvoaçantes; o rosto continha uma dor que eu desconhecia. Ouvi o barulho causado pelo impacto de algo caído no chão. Meus olhos ansiavam por trazê-la de volta. As mãos eram minhas, mas as pertencia no momento que a toquei, balançando seu rosto pálido que jazia com os olhos abertos, sangrando. Gritei no desespero de nada poder fazer. A cada mesmo sonho, com a mesma cena e mesma garota, e o mesmo vazio com sensação diferente.

E o dia amanheceu...

Pássaros cantavam em árvores secas próximas à casa de Zephyr. O vento assoviava forte, levando as folhas para a varanda, onde ele estava sentado na mureta que circundava a casa feita de tijolos claros, sem pintura. Não abriu a funerária. Não iria trabalhar. Ele não sabia quem era aquela que roubou sua paz, mas percebia que ela sugava suas energias e o deixava com uma tristeza latente. Precisava se livrar das aparições, antes que perdesse o controle e a chance de ter um namoro real com alguém que respira.

Seu olhar estava perdido na escuridão e não percebeu seu novo vizinho, Ludovirick, aproximando-se. Sentiu temor neste momento, pois se esquecera de colocar o corpo de seu pai na cadeira. Estava disperso, perdido, avoado. Não dormira bem por causa do pesadelo. Agora teria de aturar o vizinho. Não daria mais tempo de simular algo para se levantar e sair dali.

— Bom dia, vizinho! – disse Ludovirick com um sotaque irlandês.

— Olá. – respondeu Zephyr, não desejando o mesmo.

— Aquele vulto que te falei ainda continua rondando sua casa durante a madrugada. – disse ele.

— Eu perdi o sono nesta noite passada e acordei com os galhos dessas árvores secas que vocês mantêm em seu quintal, elas estão alcançando meu telhado e não nos deixam dormir. Então me levantei e olhei pela janela, e percebi um vulto entrando exatamente aqui, nessa varanda.

Zephyr apenas balançou a cabeça.

— O senhor tem medo de assombrações?

— Não. Não tenho, mas nunca se sabe se era realmente uma assombração ou alguém querendo

fazer o mal, não é?

— Algumas almas também fazem o mal, senhor Ludovirick. Ainda mais num local como este, — apontou ao seu redor — cheio delas, absorto de tristeza e lamentações. Estamos num território propício, o senhor não acha? Aqui é uma funerária... Elas rondam seus corpos que estão na geladeira, esperando por... luz... — Zephyr se divertia com o rosto estranho que Ludovirick fazia ao ouvir suas histórias.

— Bem, rapaz... Pelo visto você já se acostumou ao sobrenatural.

— Não, senhor Ludovirick. Na verdade, eu nem o percebo, pois isso tudo faz parte de mim. — disse isso, olhando diretamente para os olhos do velho, que titubeou, tossiu e ajeitou a postura.

— Pelo visto, seu pai não irá trabalhar hoje...

— Meu pai não trabalha mais, senhor Ludovirick. Ele se encontra enfermo. Hoje nem se levantou da cama. Por isso não está na janela, como sempre fica todos os dias, observando tudo que acontece aqui do lado de fora.

— Estou precisando de seus serviços. Ontem à noite... Aconteceu uma tragédia em nossa família que nos deixou cheios de pesar. Minha sobrinha, Isabele, suicidou-se. Não sabemos ainda o motivo, apenas encontramos uma carta no local onde achamos o corpo, e nesta, Isabele pedia para ser enterrada no cemitério central. Certamente, há de ter funerárias em Aquidauana, mas gostaria de acompanhar o processo de embalsamamento para realizar algumas investigações. E, por isso, peço ao amigo, se me permitisse trazer o corpo para sua funerária, a família ficaria agradecida pelos seus serviços.

Zephyr ficou em silêncio, apenas ouvia as palavras fúnebres de seu vizinho.

— O acidente se deu às dezoito horas de ontem, quando Isabele subiu à torre localizada nos fundos da casa de seus pais. A família tem o hábito de jantar no horário que escutam o sino de lá tocar. Quando perceberam a ausência de Isabele, nada mais havia de se fazer. Ela se jogou da torre sem motivo aparente. Seu corpo estava postado no chão, segurando uma cruz preta entre as mãos. Muito estranho esta situação, você não acha?

Zephyr estava internamente transtornado. A menina de seus pesadelos morrera exatamente como a descrição deste acidente. E ontem à noite, ele ainda sonhara com ela. E jamais a tinha visto de tão perto. Poderia fazer muitas perguntas, mas preferiu apenas dar a resposta quanto ao serviço que prestaria.

— Pode trazer o corpo.

Talvez, se trabalhasse, esqueceria um pouco a melancolia contida. Ainda suava frio e precisou tomar vários copos d'água durante o dia. Sentia-se debilitado e com as forças diminuídas. Estava sendo sugado. A lady de preto estava em sua alma, sentia tudo que havia dentro dele; tudo nele agora

a pertenciam.

Não sabia o que fazer enquanto esperava pelo corpo da sobrinha de Ludovirick. Não o queria xeretando seu serviço enquanto fazia o embalsamamento. Jamais permitira que alguém presenciasse este momento. Precisava pensar em algo para impedi-lo de entrar na sala secreta da funerária, onde somente ele, Angel e os mortos tinham acesso.

Enquanto o corpo não chegava, poderia se deitar e tentar descansar um pouco. Hoje ainda teria o encontro e, sinceramente, não estava preparado para ir. Poderia desmarcar, deixando para se verem no próximo final de semana, pois não queria se demonstrar ausente, nem com o aspecto de cansado e abatido. Pensaria nisso depois. Foi para o quarto e se trancou. Deitou na cama e olhou para cima do armário, então... Veio a ideia... O Tabuleiro Ouija.

Em passos ligeiros se levantou da cama, chegou próximo ao armário e olhou a ponta da caixa que aparecia. Pegou-a e a levou para a cama. Olhou fascinado para o tabuleiro aberto, e, sem saber por onde começava, tentou se lembrar de algum ritual. Lembrou-se de que nunca deveria iniciar uma sessão sozinho, mas como não tinha amigos, não havia outra opção. Também se lembrou de que os espíritos não deveriam mover o ponteiro para as extremidades do tabuleiro, pois é assim que acontece uma possessão. Estaria correndo o risco de ser perseguido eternamente por um espírito do mal, mas estava disposto a arriscar.

Ele segurou no ponteiro e se concentrou, fechando os olhos. Respirou fundo, antes de perguntar algo em voz alta, pois sentiu a atmosfera diferente. O vento lá fora assoviava e suas mãos suavam frio. Seus dedos pareciam grudados no ponteiro. Abriu os olhos e perguntou:

— Tem alguém aí? — nenhuma resposta. O ponteiro estava inerte em sua mão. Mas a sensação estranha percorria o quarto e seu corpo, como se alguém estivesse revirando por dentro dele. — Alguém aí? — tentou mais uma vez, e desta vez a resposta veio, com o ponteiro do Tabuleiro Ouija se movendo rapidamente, e os olhos dele atentos às letras apontadas que formavam uma curta palavra:

“Sim.”

Primeiro, o medo do novo. Depois, o sorriso. Deu certo!

— Qual é o seu nome?

“Não importa! Preciso que a receba. Ela precisa de você!” — os dedos dele seguravam o ponteiro que corria, apontando as letras.

— Como posso ajudá-la?

“Retire a cruz preta das mãos dela e jogue-a em água corrente. Pingue gotas de seu sangue nos lábios sem vida.”

— Como posso encontrá-la? — Sentiu algo estranho ao fazer esta pergunta, era a mesma história contada por seu vizinho. Será que... não... Preferiu não cogitar situações.

“Ela o encontrará.”

O ponteiro parou. Ele tirou a mão que estava sobre o objeto. Quando achou que tudo havia terminado, o ponteiro passou a girar disparadamente, objetos caíam no chão. Assustado, Zephyr tentou pegá-lo, mas este foi arremessado fortemente contra a parede. Até o barulho era diferente. Em pânico e sem saber o que fazer, ouviu uma voz sombria em acordes que falhavam, a pronúncia era extensa - *Não me desafie!*

Sentindo uma energia pesada, viu sua cadeira ser jogada ao chão, e depois, todas as coisas que estavam em cima da escrivaninha. Sentia-se impotente, não sabia como vencer o oculto. Sentiu olhos, observando-o. Em todos os cantos do quarto sentia a presença. Rendeu-se. Saiu do quarto evitando a ira daquele espírito que parecia odiá-lo. Sabia que isso estava ligado ao fato de ouvir o pedido de ajuda feito pelo manifestante no tabuleiro. Como poderia ajudá-la?

Resolveu dar uma volta em sua propriedade de cinco hectares. Foi até a antiga represa construída por seu avô e olhou o cemitério particular da família. Ali foram enterrados seus avós, tio, bisavós e mãe. Logo juntaria a eles o corpo do pai. Apenas precisava juntar forças para tanto. Sentou-se no banco feito de madeira que ficava debaixo do pé de uma árvore. Ficou olhando as cruzes que ele mesmo fez para enfeitar os túmulos antigos. Ali, um enterrou o outro. Não teria ninguém para fazer o mesmo a ele, a não ser que um dia conseguisse se casar. Mas, com tudo acontecendo como está, não poderia contar com esta hipótese, pois depois dos contatos que teve com aquela alma, não sabia nada mais além de que ela era fascinante.

Olhei para o lado e vi a imagem dela, tocando violino meio a claridade do dia. Não poderia acreditar que esta visão fosse sana. Mas era tão real quanto os raios de sol. Seus cabelos negros caíam nas costas sobre um vestido bege de modelo medieval. Em um dos braços, ela trazia uma aranha enorme, preta, demonstrando ser de estimação. Ela olhava para mim e sorria.

Ela deixou o piano e veio à minha direção. Meu corpo todo tremeu, dilacerado. Seus passos lentos mexiam com minha libido e desespero.

— Qual é o seu nome? – Perguntei, ansioso.

Ela sorriu.

— Não sabe meu nome? – sua voz era doce e serena. — Lilith.

Fiquei espantado, vendo-a chegar cada vez mais perto de meu corpo, tocando nos galhos secos da vegetação. Lilith era o pseudônimo utilizado por Y em seu blog, agora, eis que surge em minha frente o demônio real da mitologia babilônica, e a única coisa que me resta é acreditar no que presenciava, devido sua presença majestosa e o cheiro de Lótus no ar, que vinha dela, ela, a deusa da escuridão que caminhava graciosamente com seu vestido rodado, cheio de véus.

— *Você é real? – quis saber.*

— *Tanto quanto sua presença. – disse ela, tocando em minha roupa. Fechei os olhos para sentir o toque.*

Quando seus dedos alcançaram minha pele, a sensação de ardor e delícia invadiu-me por completo, fazendo com que meus poros se ouriçassem e meus olhos se fechassem para a boca soltar um gemido descontrolado e livre.

Quando menos esperei, ela estava em meus braços. Suas mãos me entrelaçavam, juntamente com as pernas em torno de meu quadril, era como se fosse uma serpente torcendo-se toda mim, tentando rasgar a pele e entrar na minha alma escondida. Senti algo escorrendo em meu pescoço, após seu beijo, o cheiro de sangue foi notado pelo olfato. Onde ela tocava, sangrava; suas mãos entravam e saíam de dentro de mim, e eu não importava, queria sentir mais e mais.

Num relance, Lilith retirou seu vestido, revelando as curvas perfeitas que eram iluminadas pelos raios de sol, ofuscando minha visão de tão branca que era sua pele. Uma das mãos foi levantada na altura do maxilar e, com um gesto, ela me chamava. Os dedos se mexiam em câmera lenta, hipnotizando-me, deixando-me completamente maluco, aos poucos e lentamente, meus passos eram guiados pela magnitude de seus encantos, enquanto o vento trazia seu cheiro embriagante.

Minha camisa desabotoou sozinha, apenas meus olhos acompanhavam cada ato involuntário. Senti um forte arranhão no peito assim que a roupa fora jogada no chão, em seguida, o rastro de unhas afiadas deixado na pele, e o sangue minando, vivo, sem que Lilith me tocasse. Olhei em seus olhos buscando explicações, e ela me sorriu apenas... Encantando... apenas... Ah... Estou completamente alucinado.

Fui impulsionado até sua pele, como se uma força motriz fosse capaz de me atrair, tirando meus pés do chão, tão rapidamente como um raio ou feixe de luz cortando o espaço.

Eu não via mais nada, apenas sentia, sem saber se meus olhos estavam abertos ou fechados. Degustei o sabor de cereja provado de seus lábios que buscavam minha língua, famintos. Abri a boca sutilmente, mas fui devorado em fração de segundos. Seu beijo era uma sucção inebriante, denso, quente e molhado. Eu tentava tocar em sua pele, mas não a sentia, porém, senti suas mãos me tocarem. Em poucos segundos, ela estava sobre mim, e eu sentia seu céu e inferno.

A temperatura da pele de Lilith aumentava. Enlouquecido, Zephyr a observava como se ela estivesse a muitos metros de si, quando na verdade estava junto dele, agarrada a sua pele. Algo o tirara da noção de realidade e o colocara em estado de transe. Percebeu que de suas costas surgiram duas asas pretas que abanavam no ar, e de seus pés, garras que se prendiam firmemente ao solo. O

cenário mudara, no lugar da natureza deu-se lugar a um templo iluminado apenas por uma vela. O corpo nu de Lilith estava todo pintado de preto, de cócoras, no meio do grande salão sombrio. Graciosamente, após o som de mantras que vinham de algum lugar, ela se levantou e passou a dançar como se estivesse sob a posse de algo que não a deixava parar de corromper.

“KISIKIL LILAKE, KISIKIL UDDAKARA” – o mantra era ecoado alternadamente.

De repente, um grito alto, ensurdecador. Tudo se cala, como se o grito dela fosse voz de comando. Ela entrava em transe enquanto dançava. As vozes sumiram, a vela diminuiu a iluminação. A música recomeçou suavemente. Lilith tomou Zephyr pelos braços, dançou com ele dentro de um círculo no meio do templo. Uma voz feminina agora é escutada. Nenhum rosto se revela, a não ser o de Lilith.

“Seus lábios são vermelhos como uma rosa doce. Lilith veio da escuridão do deserto para seduzir as pessoas. Ela é a causadora de sonhos e visões prazerosas. Doce prostituta! A primeira Eva, a Deusa que combate à frente com revoluções pela liberdade. Ela é KI-SIKIL-LIL-LA-KE, uma menina permanentemente gritante!”

Lilith encostou os lábios no ombro desnudo de Zephyr e pronunciou:

“OMARI TESSALA MARAX,
TESSALA DODI PHORNEPAX.
AMRI RADARA POLIAX
ARMANA PILIU.
AMRI RADARA PILIU SON,
MARI NARYA BARBITON
MADARA ANAPHAX SARPEDON
ANDALA HRILIU.”[\[1\]](#)

Zephyr acordou após 30 minutos, completamente desorientado. Olhou para os lados e nada mais viu. Ainda estava nu e sentia frio. Procurou suas roupas e as colocou. Olhou para o peito e viu o arranhão deixado como lembrança, agora tinha como provar que não estava paranoico.

Passou as mãos nos cabelos e se sentou assustado. Havia esquecido completamente do tempo e... do corpo da sobrinha de seu vizinho, que chegaria em poucos minutos. Levantou-se o mais rapidamente que pôde, e caminhou a passos largos rumo ao necrotério.

O carro do IML estacionou na frente da funerária. Minutos depois, trouxeram o corpo para a sala de preparação dos defuntos. O cadáver de uma moça jovem e de cabelos muito claros fora depositado em cima da mesa de preparação. Os olhos de Zephyr acompanhavam todos os

movimentos, que poderiam ser de praxe se não fosse algo que o incomodava, e ele não sabia definir o quê. Ele se aproximou e observou um pouco mais de perto o corpo. Ela tinha uma beleza enigmática, diferente, rara. Esperou ansiosamente que todos saíssem da sala para apreciar melhor o que seus olhos não conseguiam decifrar. O tio da moça permaneceu estático na porta.

— Ninguém conseguiu retirar o... crucifixo. – disse ele, apontando para as mãos da menina.

Zephyr sentiu taquicardia. Turbilhões de pensamentos passaram por sua mente – o sonho, o pedido do espírito no Tabuleiro... E agora, o corpo da moça, tão bela e tão jovem, segurando uma cruz.

— Por favor, gostaria que esperasse lá fora. O trabalho que irei fazer é... complicado, irei retirar as vísceras, talvez não esteja acostumado a tal cena, e poderá me atrapalhar no andamento da preparação.

— Ah, meu rapaz... Como policial, já vi tantos acidentes, tantas desgraças juntas, que não seria surpresa nenhuma para mim o seu trabalho.

— Mas eu não estou acostumado com pessoas assistindo o que faço. Por favor, aguarde lá fora! – disse ele em tom ríspido e assertivo.

Ludovirick saiu da sala com a cabeça baixa, contrariado, mas acatou o pedido profissional do jovem agente funerário.

Ao constatar que o homem havia saído, ele voltou-se para o rosto de seu cadáver. Não sabia se teria coragem suficiente de abri-la. Angustiou-se! Ao descer os olhos pelo corpo frágil e frio, observou as... meias listradas e a saia de prega. Passou os dedos sobre o corpo. Tremeu! Ele não podia dizer se tinha certeza de alguma coisa, mas sabia que ela era muito parecida com a moça de seus sonhos.

Os olhos agora fixaram-se na cruz entre os dedos arredondados nas pontas, com unhas curtas e delicadas. Tocou a mão dela com intenção de retirar a cruz e constatou que realmente era impossível de ser retirada se não cortasse a pele com o bisturi. Lembrou-se do pedido no tabuleiro: *“Retire a cruz preta das mãos dela e jogue-a em água corrente. Pingue gotas de seu sangue nos lábios sem vida.”*

Com uma das mãos, segurando o bisturi, distraiu-se e acabou se cortando. O sangue logo correu, pingando no piso da funerária. O silêncio era tão dominador que podia escutar o som da gota caindo no chão. Levou seu dedo sangrando até o lábio da morta. Segundos depois, a mão dela soltou a cruz. Zephyr acreditava em vivos, mortos e almas, mas nunca presenciou uma ressuscitação. Retirou a cruz das mãos dela com delicadeza quase angelical, fascinado pelos dedos de pontas arredondadas. Uma luz tomou por completo sua visão enquanto colocava pedras dentro de seu caixão. Não teria coragem de enterrar aquele anjo. Nada mais via, a não ser seu movimento carregando álibis para dentro do

caixão roxo, escolhido para ela.

“*Existem crianças perdidas em seu corpo frio, quase uma noite de inverno.*” – pensou, olhando para os lábios dela. E caminhou até o banheiro mais próximo. Abriu o ralo e observou a água correndo, era ali que deveria jogar.

Quando voltou para a sala, levou um susto. À sua frente, ela estava sentada na maca com as mãos segurando na borda, confusa. Passou a mão na cabeça e soltou um gemido. Ao vê-lo, assustou-se.

O corpo se levantava, trêmulo. Suas mãos seguravam por aonde seus pés iam, num misto de angústia mórbida e desespero contido. Zephyr a ajudou, segurando-a para que ela mantivesse o equilíbrio. As chamas das velas distribuídas pela sala tinham um ballet desesperador. Os olhos da menina se viraram para cima, expondo o globo branco como se estivesse em processo de transe ou incorporação. Ele a segurou pela cintura e sentiu a pele dela, gélida. Colocou a mão em seu coração, ele não batia. Sentou-a em uma cadeira.

As velas se apagaram.

— Onde estou? – Albina. Seu rosto tinha o formato de maçã, assim como os lábios de cor cereja. O nariz era pequeno e afinado, os olhos... brilhantes... Azuis. Da cor do sagrado, do divino e da salvação. Os cabelos caíam pelos ombros, tocando nas costas. A voz tinha a sonoridade de anjos cantando. Um anjo ressuscitado pelo sangue da escuridão.

— Não converse agora. – disse ele com um sinal de silêncio. Olhou pela cortina, o tio estava à espera do final do trabalho. — Venha.

Meia hora depois, Zephyr abriu a porta da sala, levando o caixão lacrado e coberto por flores em uma mesa de rodas, até o carro que esperava na frente da funerária.

— Lacrado? – Ludovirick olhou para o caixão, incrédulo.

— Sim. Impossível não ser desta forma. Demoraram muito para trazer o corpo, já estava em estado de putrefação. Para garantir que ninguém abrirá, fiquei com as chaves. Aconselho que o funeral seja em poucas horas. – disse seriamente.

— Compreendo. É uma pena não podermos despedir dela.

— A despedida é um estado de espírito. – respondeu Zephyr, olhando-o com os olhos estatelados.

Ludovirick baixou a cabeça retirando o chapéu e seguiu para o carro, levando consigo um caixão cheio de pedras.

Ao entrar em seu quarto, olha para ela; parecia uma estátua grega sentada na cama, olhando para o clarão da janela.

– O que houve comigo? – Ela quis saber, enquanto se incomodava com o olhar dele de cientista sobre o corpo ainda frio.

– Você não se lembra de nada?

– Não, apenas de vultos, sons difusos, claridade e escuridão.

– Tudo bem. É uma longa história. Depois te explico. – fez um silêncio e olhou curioso para o pescoço dela, que em nada parecia ter se quebrado com a queda que lhe retirou a vida. Na verdade ele sabia, ela não estava num estado normal. Não havia vida própria ali, seu sangue a vitalizava temporariamente. Até quando, ele não sabia dizer. Ele não sabia dizer o porquê precisaria ressuscitá-la. Diante disso, não teria muito o que explicar. O caminho mais sábio era o de se livrar de explicações.

Ela ficava o tempo todo inerte, olhando para o nada, enquanto Zephyr buscava por explicações. A hora estava passando, e Y o esperava no cemitério para o encontro dos sonhos. Embora decidido a não ir, algo o incomodava, não estava acostumado a descumprir compromissos, mas sabia que não podia deixar Isabele sozinha. Não tinha noção do que aconteceria se ela ficasse só na casa. Poderia arrumar problemas com seu tio Ludovirick, que poderia descobrir que o corpo da sobrinha não foi no caixão.

Realmente se meteu em encrencas.

Ela passou a caminhar pela casa, e por onde ia deixava mechas de cabelos pelo chão. Células mortas, apenas. O odor fétido passou a ficar forte demais. Zephyr buscou por alguns incensos e a chamou.

– Sente-se aqui. – mostrou a ela um banquinho no meio do quarto.

Isabele se sentou, quieta, e esperou que ele fizesse os procedimentos. Zephyr acendeu o incenso e passava muito próximo a pele dela. Buscou por uma solução de álcool e arruda, e com cuidado a despiu, passando a solução em todo corpo de Isabele.

– Para que serve isso?

– Para te proteger.

– Proteger de quê?

O que ele diria? Ela não apresentava nenhuma pista de que sabia do que estava acontecendo realmente.

– Isso é necessário, apenas isso.

– Por que meus cabelos estão caindo?

– A química que precisei utilizar, para que acordasse... – mentiu.

Droga! Ela não sabe que está morta!

– Eu sonhei que havia caído da torre. Um pesadelo terrível.

– Sim, terrível.

Algo veio a sua mente. O sangue... Ela deveria tomar seu sangue para revitalizá-la, já que foi dessa forma que conseguiu tirar a cruz das mãos dela.

Foi até a gaveta da cômoda e encontrou uma agulha, furando-se. Dirigiu-se até ela.

– Abra a boca. – disse, apertando o dedo para não vazar o sangue.

Sem entender, ela o olhou de maneira confusa e abriu os lábios, inclinando a cabeça para trás. Rapidamente, ele levantou o dedo e o comprimiu, pingando o sangue na língua dela. Amanhã faria de outra forma, arrumaria uma seringa e lhe passaria o sangue em maior quantidade, para que não acabasse tão rapidamente o efeito de vitalidade.

Passou o tempo sentado na varanda, olhando para o ponteiro do relógio. Y já deveria estar no local marcado. Isabele passava para lá e para cá, isso o perturbava. Por mais que ela estivesse ali sobre sua tutela, era estranha, ele apenas a conhecia dos sonhos.

O peito implorava por Lilith. Não foi uma boa ideia proteger Isabele agora, estava impedido de fazer coisas que queria. Ela era engraçada. Sentava-se em cima das pernas com os joelhos dobrados enquanto assistia A Noiva Cadáver. Assim como a personagem, era uma menina morta que agora está viva, saboreando um filme de animação. *Incrível!* – pensou em silêncio.

O temporal lá fora anunciava que precisaria arrumar os baldes de alumínio para colocar na funerária. Muitas noites, o teto de sua casa foi atacado por pedras vindas de algum lugar desconhecido durante a madrugada, causando vazamento de água para dentro da sala quando chovia. Correu para preparar os vasilhames, ouvindo raios e trovões que retumbavam o vilarejo. Percebeu que a noite já havia se estendido sobre os escombros de Piraputanga e as corujas já cantavam nos galhos secos do pequeno cemitério de sua família.

Um dos baldes de alumínio caiu no chão, enquanto Zephyr caminhava com pressa. Ele olhou rapidamente para a casa ao lado e viu seu vizinho na janela, olhando como se estivesse vendo assombração. Imediatamente, voltou para a casa. Fechou a porta e disse em tom de preocupação:

– Não saia de casa, ok? Seu tio está na espreita pela janela.

Isabele apenas balançou a cabeça e olhava com olhos de anjo.

Depois do aviso, fora fazer seu serviço.

Entrou na funerária acendendo as velas com cuidado e respirou profundamente. Sentia o cheiro dela em todo o ambiente, difundindo-se com o perfume das velas acesas.

– Você está aí, minha rainha?

Colocou rapidamente os vasilhames no chão da funerária e saiu, ouvindo um lampejo de voz o chamando. Uma brisa fria tocava seu rosto; ao longe, uma voz melancólica se fundia com o som da

chuva.

– Aqui...

A forte chuva seguida de raios e trovões ensopava as roupas dele, e os cabelos escorridos pela água espalhavam-se pela face e pescoço.

– Onde está você? – perguntava, olhando para todos os lados, com lábios aflitos, entreabertos, procurando pelo vulto negro. Uma luz forte no céu, seguido de um estrondo ensurdecedor, um raio caía no cemitério mórbido da família de Zephyr.

Ele saiu pisando nas poças d'água, olhando para as nuvens acinzentadas que pousavam sobre as serras da cidade. Tudo era levado pelo vento que não perdoava. Olhando para o local onde caiu o raio, viu surgir de frente aos seus olhos incrédulos, a silhueta de sua amada que se misturava a imagem eloquente de uma tempestade poderosa. Aos poucos, ela se materializava, e quando abriu os lábios, um canto ouvia-se em ecos, eclodindo nas veredas obscuras. O som era capaz de confundir os sentidos - hipnotizando e se arrastando - assim se faz a presença daquela que dominou o coração de Zephyr, seu servo.

Ela andava de forma lenta e exuberante; vinha em sua direção trazendo as mãos estendidas com raios saindo delas, era divina, a criadora do universo. Usava um sobretudo marrom e tinha luvas de couro nas mãos. Seus cabelos estavam secos debaixo da tempestade, nem um fio fora do lugar. Parou a um metro e meio de seu algoz, que jazia de joelhos na lama, contemplando-a, adorando-a como poucos.

– Por que a mantém em sua casa? – seu tom de voz saiu desafiador, mas tolerante, embora ríspido e dominador.

Somente depois de alguns segundos, ele percebeu que a deusa falava sobre Isabele. Tudo passou a ser tão ínfimo perto daquela presença, que não conseguia se importar com mais nada.

– Ela está precisando de ajuda. – Ele não podia falar os detalhes, mas duvidava que ela já não soubesse. Lilith entra nas mentes, devora pensamentos e toma o que quer. Ele queria apenas beijá-la.

– Faça com que ela desapareça de lá! – disse, ostentando sua mão estendida em tom de ordem. Zephyr podia sentir o cheiro do Lótus, e lágrimas abatidas banhavam seu rosto, borrando o *eyeliner* que passara nos olhos.

– Darei um jeito nisso, rainha. – disse obediente.

– Estamos impedidos de nos vermos como desejamos.

– Prometo resolver a situação muito em breve.

– Eu o quero toda vez que eu vier! – disse ela, sedutora.

– Você tem a mim, minha deusa! Sou teu.

Os olhos dela faiscavam. Ouvia vozes que falavam juntas, com pronúncias ao contrário. Ela

ofereceu a ele seu corpo. Ele a tomou nos braços, provando os lábios carnudos enquanto a chuva caía com agressividade sobre o solo de Piraputanga.

Até se acostumarem com a presença um do outro, era torturante ter que se manter sempre agradável para alguém que passava a maioria do tempo perdida no tempo, olhando para pontos que até poderiam ser estratégicos, mas não eram; na verdade, nem existiam. Do nada, ela se levantou de seu ninho mórbido que criou na poltrona de seu avô, e pegou o pincel, que provavelmente achou em algum canto da casa, e junto, uma lata de tinta, passou a pintar a sala com uma tinta branca, retirando todo o aspecto amarelo acinzentado da velha tinta que cobria a parede. Ela cantava [Lana Del Rey](#) , [Summertime Sadness](#). Zephyr ficou parado, observando, surpreendido, a doce albina com voz de anjo, cantando em um inglês perfeito.

“I got my red dress on tonight
Dancing in the dark in the pale moonlight
Done my hair up real big beauty queen style
High heels off, I'm feeling alive”[\[2\]](#)

Os cabelos platinados caíam nas costas. A franja cobria parte do perfil da testa. Os lábios carnudos comprimiam a pronúncia das palavras, fazendo-o suar frio. Não era de costume ter uma menina em sua casa. Uma menina morta de saia preta de tule, espartilho e meias listradas.

- O que está fazendo? – perguntou ele, passando a língua no piercing do lábio inferior.
- Ela se virou, sorrindo lindamente, iluminando todo o ambiente com seus olhos azuis-celestes.
- Clareando a casa.
- Mas... eu não pedi que mudasse a cor da casa.
- Sorry. Eu sei... Achei que... que ela ficaria mais bonita.
- Eu não acredito que... você desobedeceu regras? – disse Zephyr, quase gritando.
- Oh, me desculpa. Eu me esqueci...

Ele respirou fundo, tentando se acalmar. Sabia que estava em encrencas. Precisava descobrir o motivo pelo qual teria que ressuscitá-la para resolver de vez essa questão e retirá-la dali. Não podia continuar com ela, Lilith tinha razão.

- Não é nada contra você, gostaria que soubesse disso. – disse ele ao ver o rosto dela, delicado e chateado, de cabeça baixa.
- Gostaria de saber até quando me manterá aqui?

Ele baixou levemente o rosto, e a olhou de baixo para cima com as sobrancelhas arqueadas.

– Eu realmente não sei. – Virou-se para ir até a cozinha e encerrar aquele assunto.

– Tem... Tem um quarto fechado lá em cima. Eu não sei qual quarto ocupar.

Ele se lembrou de que o quarto mencionado é onde está seu pai.

– Gostaria de lhe pedir algo, jamais entre no quarto fechado, ok? Você dormirá em meu quarto.

– Em seu quarto? – ela assustou-se.

– Sim, qual é o problema?

– Nenhum... É que... pensei... Bem, eu não estou acostumada a dormir com estranhos.

– Não dormiremos juntos, Isabele. Você dormirá em minha cama, e eu me deitarei num colchão, no chão. Você está sob meus cuidados.

– Sim, entendi senhor... Senhor? Qual é seu nome mesmo?

– Zephyr, apenas Zephyr, sem o senhor.

– Ok, Zephyr, sem o senhor.

Estavam se espetando. A pressão de terem de viver trancafiados era grande, causava irritação.

– Vou comer algo. Não estou de jejum hoje. Não tenho culto no... cemitério.

– Culto? – Perguntou, curiosa.

– Sim, às treze almas que foram encontradas mortas no elevador do edifício Joelma, quando este pegou fogo.

– Como assim?

Ele coçou a cabeça e a convidou para acompanhá-lo até a cozinha.

– Vou te explicar. Não é uma longa história, mas é algo bem intrigante.

– Por que faz culto a almas? – ela apenas o observava, aparentando guardar algum segredo.

– Por que elas têm sede. Estão em sofrimento. Não conhece a história do Edifício Joelma?

– Não. Não tinha nascido na época em que o prédio pegou fogo.

– Treze pessoas morreram carbonizadas depois de uma explosão no elevador, enquanto tentavam fugir do fogo que tomava conta do edifício Joelma. Foram enterradas lado a lado num cemitério em São Paulo, não identificadas. Durante as noites de lua, escutam-se gritos, gemidos de dor e lastimação. Só cessam depois que alguém joga água em seus túmulos. Então, daqui do cemitério particular de minha família, há poucos metros da casa, eu as cultuo com intenção de aliviá-las da sede.

– Nossa, isso é sinistro!

Às vezes, ele se perguntava se ela realmente não sabia o que estava acontecendo. Se não se sentia diferente pelo fato de estar morta, e como não percebeu nenhuma mudança e nem questiona tanto por estar ali.

– Você tem medo da morte? – era a prova de que ela não sabia realmente que estava morta.

– Claro que sim! Tenho medo da morte e de mortos. Aliás, não teria a coragem de ir a sua funerária de forma alguma, nem de dia.

Ela não sabia que estava morta. Era oficial.

– Por que tem medo de um lugar? É mais um lugar desta casa. Um dia, todos nós passaremos por ali.

– Sim, é provável. Mas me diga, Zepher, o que eu estava fazendo ali, e por que me escondeu?

– Não é Zepher. É Zephyr. Eu não a escondi, estou lhe protegendo. Você... passou mal, e acharam que estava morta, então... como os mortos da cidade vêm parar aqui, eu... recebi uma comunicação, e... essa é uma história longa que prefiro pular, mas o que importa é isso, que devo protegê-la.

– Até de minha família?

Ele não sabia o que responder.

– Você gostaria de voltar para lá?

Os olhos dela lacrimejaram. Azuis do céu que choviam lágrimas brilhantes e cristalinas. Parecia um anjo albino apaixonado por sua tristeza.

– Não...

Ele percebeu um *não* cheio de dor. Não era um não qualquer. Ele tinha certeza.

Isabele sentia a dor dos últimos momentos que conseguia se lembrar, desde o que tinha lhe acontecido. Não era muita coisa, mas sabia que... Não poderia voltar, pois se lembrava do toque durante a última noite que em sua casa dormiu. A mão debaixo de seu cobertor lhe acariciando. Ela não se lembrava de quem eram, mas sofria em se recordar do toque. Queria esquecer. Não sabia exatamente há quanto tempo isso havia acontecido. Mas sabia que ainda estava latente.

– O que há, nina? – comoveu-se com as lágrimas repentinas, lindas. Algo de errado acontecia e ele não sabia o que era.

– Eu... Eu não sei...

Sem jeito, há muito tempo não fazia isso. Talvez não soubesse mais, mas iria tentar. Abraçou-a.

– Está tudo bem. Não disse que estou aqui para protegê-la?

Ela balançou a cabeça, recebendo o carinho, olhando para os olhos pintados de Zephyr.

– Obrigada. Não quero voltar para casa. Não quero!

Estava decidido. Havia prometido para Lilith que resolveria a questão, mas não poderia colocá-la para fora de sua casa, pois sabia que era responsável por aquilo que acabou de cativar – a esperança e segurança para um coração que já não batia, e Isabele ainda não conhecia esse fato. Ele precisava contar. Não sabia como, mas seria inevitável quando chegasse o momento certo. O gesto mórbido de um segredo tenebroso seria desvendado. Ele vivia o mistério e isso tinha uma sensação

mágica dentro de si.

– Eu cuidarei de você, prometo. – ele não tinha outra saída.

Após comer, olhando curiosamente para a menina inquieta, que a tudo olhava como se fosse cientista na observação de elementos que jamais vira, ria escondido, achando engraçada a curiosidade de Isabele.

– Você veio de onde, hein? Da lua? Olha para tudo como se jamais tivesse visto algo assim antes.

– Nunca vi copos de caveiras, nem talheres com formato de cruz.

Ele riu.

– Ser gótico, na verdade, não é usar todas essas coisas, mas é me sentir bem quando as uso.

Como se fizessem parte de mim, apenas isso.

– Humhum. – ela concordou, mesmo sem saber o motivo.

– Vamos subir? Ainda precisamos fazer a transfusão, antes de dormir.

– Transfusão? – os olhos azuis brilhavam.

– Sim. – ele não sabia se era chegado o momento de contar a verdade. – Vamos subir.

Subiram para o andar de cima, em silêncio. O cheiro dela estava forte. Precisaria se banhar com formol, antes de receber o sangue.

Ele foi até seu banheiro e preparou o banho. Encheu a banheira até a borda e, antes de colocar formol, esparramou os sais na água. Acendeu as velas que estavam nos castiçais em cima da pia e a chamou.

Ela entrou meio desconfiada, apertando os dedos atrás de seu corpo pequeno. Despiu-se e entrou na banheira tão bem preparada, sentindo-se confortável. Tentou relaxar, encostando a cabeça na borda, fechando os olhos enquanto tentava se lembrar de sua vida, antes de chegar ali. Tudo desaparecera de sua memória. Sabia apenas seu nome. Não lembrava o nome dos pais, apenas recordava da mão debaixo de seu cobertor, tocando em suas partes íntimas, e em seguida, a mão tapava sua boca e o resto... Não queria lembrar. Sentiu um desconforto imediato. Abriu os olhos, queria que passasse. Viu uma das velas se apagarem e um sopro espalhou sua franja. Seu corpo todo ficara arrepiado. Ouviu vozes difusas e um assovio fino que zuniu seu ouvido. Viu a segunda vela se apagar sozinha. Não queria incomodar, mas não havia alternativa. Sentia medo. Um medo que a tomava inteira, fazendo dela refém. Olhou para cima da pia e viu um vaso transparente cheio de cinzas, sabe-se lá de quem. Ao ver a terceira vela se apagar e risos zunirem em seu ouvido, gritou.

Zephyr abriu a porta de supetão, correu para as velas e as acendeu novamente.

– O que houve? – Perguntou, também assustado, vendo Isa com as mãos cobrindo o rosto que já rachava a pele, desidratada. Ele sentia medo de que Lilith pudesse lhe fazer algo.

– Ohhhh... – disse ela, olhando para as próprias mãos, vendo um aspecto morto e em decomposição.

– Acalme-se. Venha, vou te ajudar. – Disse ele passando a toalha em volta do corpo dela, que saía da banheira e ia sendo guiada até o quarto.

– As velas se apagaram sozinhas. Um vento no meu rosto... Minhas mãos. – Disse ela, chorando.

– Vamos resolver isso em instantes. – Zephyr tentava tirar os espelhos de perto, para que ela não olhasse a aparência de seu rosto, estava inteiramente descascado. – Deite-se na cama. – Enquanto ela se deitava, ele se sentou ao lado, apertando a borracha em seu braço, em seguida, alguns tapas nas veias e a seringa se encheu do sangue que seria aplicado em Isa.

Ela o olhou com lágrimas nos olhos. Jamais pensou que dependeria do sangue de alguém para sobreviver. Com os olhos marejados, fechou as pálpebras, deixando cair a lágrima pesada e quente. Sentiu quando Zephyr tomou seu braço e fez o mesmo processo. Em seguida, sentiu a agulha lhe perfurar a pele. Era como se pudesse acompanhar o percurso que o sangue dele fazia em seu corpo. Minutos depois, já se sentia melhor.

– Por que precisa fazer isso em mim? – disse ela, deixando-o contra a parede. Chegara o momento da verdade.

– Quero te pedir que fique extremamente relaxada para ouvir tudo que tenho a dizer. – Ele disse, arrumando os travesseiros atrás dela, percebendo que, aos poucos, a pele regenerava e o odor já havia passado.

– É tão grave assim?

Ele a olhou seriamente. Os olhos negros brilhavam com os raios que ofuscavam das velas espalhadas pelo quarto.

– Nina, você está morta. – não encontrou nenhuma palavra que a fizesse sofrer menos.

– Como? – sua voz se apertou entre as cordas vocais, quase não saindo. – Não posso acreditar nisso. Eu converso, penso, sinto... Ah, não posso acreditar!

Zephyr lhe ofereceu o ombro e deixou que ela se debulhasse num choro profundo, como um lamento no fundo de um poço coberto de lama.

Quando ela se acalmou, ele pegou delicadamente no rosto de Isa e enxugou suas lágrimas, acalmando-a. Em seguida, contou tudo que sabia, desde os sonhos com ela durante toda sua vida e a mensagem no tabuleiro.

Ao terminar de falar, novo desabafo vinha dela, seguido de tremores pelo corpo, entregando-se em profunda dor e desolamento.

– Eu não sei o que farei... Se souber, me diga... Estou com medo. O que será de mim quando deixar de me revitalizar com seu sangue?

– Você... seguirá seu novo caminho.

– Eu não posso... Ah, não posso! Só tenho dezoito anos. Tenho uma vida toda pela frente. Não quero morrer! Me salve, por favor! – pediu num lamento. Então voltou em sua memória algo que guardaria como segredo. Lembrou-se, finalmente, quando tudo se deu e o motivo de estar ali. Doeu mais. Promessas feitas no calar da noite duram para sempre. Mas ela não queria voltar para onde veio.

– A morte é apenas o princípio da vida. Ela não existe. Tudo é apenas um ciclo. A morte é doce e terna. Ela te consolará quando chegar o momento. – Disse ele, colocando um dedo sobre a pele do rosto dela, que já se regenerava aos poucos.

Diante das palavras dele, ela recordou, do nada, a cena do salto da ponte. Viu que na noite anterior ao evento de sua morte fora novamente molestada pelo próprio... pai. Viu seu quarto. As roupas pretas, os acessórios de metal. Fechou os olhos quando se lembrou de algo que não dividiria com Zephyr. Colocou a mão sobre os olhos. Não acreditava que... Melhor não dizer nada!

– O que foi? – ele quis saber.

– Nada! Eu recordei de minha vida.

– Por que tem tanta tristeza nos olhos? – Ele queria tirar dela o que a fazia sofrer.

Isabele baixou a cabeça e ele a ergueu delicadamente, olhando nos olhos dela.

– Meu pai... A voz pedindo para eu pular.

– O que seu pai te fez?

Vendo os olhos novamente marejarem, ele parou com as perguntas e a abraçou.

– Tudo bem, eu entendi. Esqueça isso. Tente esquecer.

Zephyr não sabia como seria agora. Não sabia se ela dormiria ou se caminharia a noite toda pela casa. Não sabia se ela acordaria, caso dormisse. Tudo era inesperado e vibrante. Tinha alguém para tomar conta. Só não sabia o motivo.

Sentiu que ela parara de se mexer, adormeceu. Agora não sabia mais o que lhe aconteceria. Talvez tivesse que velar seu sono. Com muita cautela, arrumou a cabeça de Isa em seu colo, cobriu-a, e assim ficou a noite toda, acariciando os cabelos platinados, ouvindo gemidos e uivos que o vento trazia do cemitério.

Ele não sabia dizer, mas havia nela alguém muito especial. Sentia compaixão de seu estado. Era frágil e delicada. Cuidaria com esmero, era essa sua missão.

Capítulo 3

Acordou cedo, ainda sentado na cama sentia dores nas costas. Saiu calmamente, percebendo que Isa dormia como se fosse humana. Sua pele já havia regenerado totalmente, voltando a ser lisa e com bochechas rosadas. Os lábios... Os lábios eram cerejas brilhantes. Por um momento, viu-se tentado a tocá-los, mas percebendo a fragilidade da menina, saiu rapidamente, antes que seu lado homem falasse mais alto.

Colocou, com esmero, a cartola na cabeça. Precisava tomar cuidado com Ludovirick. Por mais que nada temesse, não queria problemas com a polícia por ocultação de cadáveres. Antes de pegar sua bengala, ouviu alguém o chamando na porta. Era Ludovirick. Olhou para Isa e constatou que ela dormia serenamente. Desceu a escada, sabendo que o vizinho estava novamente o cercando; não era comum pessoas insistirem em visitá-lo com tanta frequência.

Abriu a porta sem nenhuma expressão no rosto, apenas os olhos escuros fitavam firmemente aquela imagem gorducha de pele avermelhada.

– Bom dia, meu rapaz. – Disse ele, entrando na casa, observando os móveis, chão e teto, como se estivesse à procura de algo.

– Precisa de algo? – Zephyr fora categórico.

– Ah, não. Não, não. Nunca havia prestado atenção em sua casa, mas... Andou pintando a parede da sala?

– Creio que é um bom observador.

– A propósito, escutei voz feminina cantando ontem, quase ao escurecer. Ela vinha... daqui.

– Qual o problema nisso?

– Nenhum, jovem. Apenas curiosidade mesmo, pois vive apenas com seu pai aqui, e... pensei que tivesse recebendo visitas.

– Ainda não vi onde está o problema nisso, senhor Ludovirick. – Zephyr cerrou o cenho e silenciou, esperando que isso encerrasse o assunto.

– Seu pai está? – levantou a sobrancelha falhada e esperou pela resposta, observando cada músculo facial do rapaz.

– Não senhor, ele está viajando. Ficará fora por um período de tempo em tratamento. Posso lhe ajudar? – Zephyr também levantou a sobrancelha e aguardou pela resposta, impaciente.

– Ah, sim. Está de saída?

– Não senhor. Eu trabalho, senhor Ludovirick, tenho uma ocupação como já pode perceber. Nas horas vagas converso com os mortos, se quiser, posso lhe convidar para uma sessão. – disse ele com

um tímido sorriso nos lábios.

– Bem... já tomei bastante seu tempo, meu rapaz. Mas, antes de ir, gostaria de lembrá-lo que ontem à noite, percebi novamente que uma mulher de cabelos longos e pretos rondando sua casa. Achei bem estranha a situação, pois já passava da meia-noite.

– É realmente disso que falo sobre minhas horas vagas. Sinta-se desde já, convidado.

O velhote balançou a cabeça em afirmação e espanto.

– Por ser tão jovem, não deveria frequentar uma escola?

Zephyr sorriu ironicamente apenas com os lábios, sem tirar os olhos dos olhos dele.

– Isso não é de sua conta. – manteve o sorriso.

– Bem, já estou indo. Cuide-se!

O velho saiu devagar e desconfiado.

Escutando um ruído na parte superior da casa, Zephyr correu escada acima e se apavorou ao perceber que o quarto de seu pai estava com a porta aberta. Jamais deixaria isso acontecer, sabendo que Isabele está em sua casa. Não queria responder a tantas perguntas que não se sentia com vontade para tanto.

Ao ver Isabele sentada na cama de seu pai, Zephyr tremeu. Ela estava parada, perplexa, olhando para o velho Tomaz, sentado na cadeira de balanço que se movia sozinha. O corpo embalsamado e de cor quase esverdeada era a própria cena de terror.

– O que é isso? Quem é ele? – perguntou estupefata.

– Quem a permitiu entrar aqui? – perguntou Zephyr, irritado.

– Acordei ouvindo vozes. Vi que estava com visitas. Então fui espionar para ver quem é. Passei pelo quarto, e a porta se abriu sozinha. Entrei para saber quem estava aqui dentro e me deparei com este cenário de terror.

– Meu pai. Embalsamado.

Ela colocou a mão sobre os lábios.

– Mas... por que não o enterrou? – sua voz era de espanto total.

– Não pude. Apego. Talvez você não saiba o que é viver sem uma família.

– Eu não o entendo... Sabe que isso é errado. Deveria enterrá-lo. Deixá-lo descansar.

– Ele descansa em nossa casa.

Ela abaixou a cabeça, sabendo que pouco conseguiria argumentar, pois seu estado também não tinha explicação, apesar de se sentir normalmente bem e disposta.

– Tudo bem, mas... pense nisso. – levantou-se e saiu do quarto.

Sem argumentos, Zephyr se deitou na cama de Tomaz e olhou para o corpo do pai, sentindo uma

lágrima quente percorrer seu rosto. A cadeira de balanço novamente começou a se mexer, arrepiando os poros do filho, que sabia que ali estava a presença de seu pai. A mão trêmula aos poucos se materializava em transparência, balançando a cadeira que jazia o corpo embalsamado.

– Perdão, meu pai... Prometo que o enterrarei ainda neste dia, antes do anoitecer. Te deixarei ir em paz.

A mão aos poucos desaparecia, cessando o balanço na cadeira. Ao se levantar, ouviu passos na escada. Ainda conseguiu ver a alma de seu pai descendo lentamente, seguindo para o lado do cemitério.

Chegou a hora de enterrá-lo. A alma do velho Tomaz clamava por descanso. Isabele o olhava da porta do quarto. Sua tristeza mórbida mexia com a estrutura de Zephyr – *O que há com ela?* – perguntava-se, sempre quando a olhava. *Por que me olha assim?* Ele precisava fazer algo em relação a ela, mas ainda não sabia exatamente o quê.

Aproximou-se lentamente. Tocou nos cabelos claros e levantou o rosto de Isa, segurando o queixo dela.

– Logo saberemos como poderei te ajudar. Por favor, tenha paciência. Eu lhe trarei as respostas. Por agora, peço, não saia de dentro desta casa. Caso alguém venha até aqui, não deixe que te veja. Estou te protegendo, mas preciso de sua ajuda. Promete que não quebrará as regras?

Ela apenas balançou a cabeça.

Zephyr passou a tarde cuidando o relógio e a casa de Ludovirick. Ele não faltará ao compromisso que fez com o pai. Antes das dezoito horas irá até o cemitério da família enterrar o corpo, como havia prometido. Com duas estacas de madeira já fizera a cruz. Estava tudo preparado, apenas precisava chegar o momento propício.

Após terminar os afazeres na funerária, retirou a luva de borracha e resolveu espiar Isabele. Não poderia deixá-la sozinha por tanto tempo. Por um momento, pensou sentir o perfume de Lilith, passando por ele enquanto cruzava o corredor que dava entrada à varanda de sua casa.

Entrou na sala, e a primeira visão fora ver Isabele sentada ao piano que fora de sua avó.

– Você sabe tocar?

– Sim, assim como sei falar fluentemente o inglês, francês e espanhol. São dotes que meus pais fizeram questão de me agregar.

Ela passou a tocar uma sonata que trazia uma atmosfera de tempo antigo. Zephyr pôde se lembrar de quando era menino e dos rostos sentados à mesa numa bela manhã de domingo. Seu avô era uma figura austera, porém, em certos momentos, manifestava uma benevolência incomparável em relação

a todos a sua volta, principalmente, com os empregados. A casa já fora cheia de vida e música, empregados e criação na propriedade.

Ele se aproximou dela e, pela primeira vez, notou o anel em seu dedo, pedra brilhante, vermelha. Fixou os olhos na joia e percebera a semelhança com o anel de pedra azul que era de seu avô, e que ele guarda como herança de família, no porta-joias da bailarina fantasma. Achou estranho, mas era melhor não comentar. De onde tirara um anel com tanta semelhança, principalmente porque se tratava de um anel de noivado. O que pertencia a sua avó, desapareceu com ela, jamais alguém da família teve acesso ou encontrara. Ficou encabulado.

Como se adivinhasse o que ele pensava, Isa parou de tocar e olhou de forma curiosa.

– De quem é este piano?

– Era de minha avó Holanda.

– Onde ela está?

– Estão todos mortos. Esta já foi uma casa habitada por uma família inteira.

Isa se levantou do piano e se sentou ao lado de Zephyr, no velho sofá de veludo grená. O vento lá fora trazia as folhas mortas dos antigos Mourões do Ipê plantados por seu avô Joaquim, mais conhecido como Quinzinho. Os retratos espalhados pela parede da sala retratavam bem o que ele queria dizer com *foi uma casa habitada por uma família inteira*. Olhou para os bibelôs em cima da estante, feitos de *biscuit*, no geral eram bonecas estranhas, caixinhas de cores escuras e com textura gasta pelo tempo. Mas havia algo lá que mais chamara atenção dos olhos azuis de Isa, os porta-retratos. Ela se levantou e foi até eles. As fotos não eram nada comuns. Além de serem antigas e amareladas, elas eram assustadoras. Um senhor calvo, de barba branca, trajando terno na cor café, sentado tranquilamente. Acima daquele senhor, a imagem quase transparente de uma mulher aparentemente mais nova, vestida de preto com um véu escuro cobrindo sua face. Seu olhar era a própria cobrança de algo. Percebendo que se tratava de um fantasma, Isa deixou cair o porta-retrato.

– Oh, desculpa... Sei que não tenho razão alguma para estar com... curiosidade.

Ela abaixou-se para pegar o porta-retrato e voltou a se sentar ao lado de Zephyr.

– O homem da foto é meu avô. O fantasma é minha avó, mãe de minha mãe. Todos estão enterrados no cemitério, no fundo desta propriedade, exceto... ela, minha avó. Ninguém soube dizer onde ela foi parar.

– Como assim?

– É uma longa história, quer mesmo saber o que apenas sei?

– Sim.

– Quando nasci, moravam nesta casa, meus pais, meu avô e sua esposa, irmãos solteiros de meu avô e dois tios; com o tempo, todos foram desaparecendo da face da terra como fumaça, por morte

repentina causada por doenças impiedosas, exceto... uma das pessoas. Contam meus tios que nesta propriedade morava um peão muito habilidoso com os cavalos que eram por ele domados. Além de domar os animais, ele levava o gado para a outra fazenda de meu avô, no interior de SP, e ensinava minha avó a montar. Aconteceu uma traição, meu avô passou a rejeitar vó Holanda. Ninguém nunca soubera quem era sua amante. Ele descia sozinho para o cemitério após a meia-noite, e de lá voltava quando o dia clareava. Todos eram proibidos de ir atrás, para ver o que estava acontecendo. Apenas seu peão, um dia, o flagrou com uma mulher muito bonita, mas manteve-se calado. Com o tempo, não resistindo à beleza e carência de minha avó, ele se aproximou mais, e lhe deu o ombro para consolá-la. Foram pegos no seleiro, estavam apaixonados. A partir daí, eles desapareceram na mesma noite, mesmo com meu avô tendo-a perdoado e acertado as contas do rapaz. Ele partiria pela manhã, porém jamais fora encontrado em local algum, mesmo depois de vinte anos de seu desaparecimento. Seus parentes vieram procurá-lo, ninguém sabia de seu paradeiro. Avó Holanda sumiu quando fora para a cozinha preparar o café, depois do jantar. Todos estavam na sala aguardando para poderem se deitar, porém, ela jamais voltara.

– Não teriam fugido juntos?

Ele a olhou serenamente, depois disso, levantou e caminhou até a estante, trazendo de lá uma das caixinhas antigas feitas de papelão. Abrindo, retirou um lenço com uma mancha marrom.

– Este lenço tem as iniciais de minha avó, estava com ela naquele dia. Fora encontrado no seleiro, onde fora pega com seu amante, no dia seguinte de seu desaparecimento. Minha mãe tinha nove anos de idade. Ela é muito... parecida com minha avó Holanda. – ele apontou para um quadro na parede. O retrato era de uma mulher com aproximadamente trinta anos de idade, pele clara, cabelos castanhos claros, lábios suntuosos como os de Zephyr, olhos escuros e profundos.

– O que aconteceu com ela?

Ele a levou até a janela, entre as cortinas.

– Temos uma bela vista em nossa propriedade. Atrás dos pinheiros tem uma ponte que nos revela um rio de águas cristalinas, porém cheio de pedras, poços e armadilhas. Era o local proibido de se brincar quando eu era menino.

– O que tem esta ponte?

Ele suspirou, antes de falar.

– Os corpos de minha mãe e meu tio mais velho foram encontrados lá. Abraçados. Viviam um amor proibido, fruto de um incesto.

– Oh, eu lamento. – ela fez um instante de silêncio. – Você... Quantos anos tinha?

– Nove anos de idade.

Ela o olhou de forma estranha. Ele devolveu o olhar com o mesmo modo estranho.

– Está estranhando o mesmo que eu achei durante a minha vida toda?

– Pode... ser coincidência...

– Sim, muita coincidência para uma família só. Duas gerações vítimas de infidelidade, cujos filhos são deixados no mundo com a idade de nove anos.

– É realmente estranho, mas não pode se apegar a isso. Se não tem as respostas, certamente elas não devem te pertencer.

Ele a olhou, curioso. Como uma menina de dezessete anos poderia ter experiência de vida para lhe mostrar tantas coisas no mesmo dia? Primeiro, trouxe à tona a consciência de enterrar seu pai. Agora, ajuda-o a retirar o mal-estar de tantas dúvidas deixadas pelos segredos da família.

– Eu consultei a numerologia e ela diz que o nove é o sinalizador do fim da estrada, ele é o guardião do último portão, que nos dá as boas-vindas, nem sempre tão boas, ao mundo espiritual. Depois do nove não há mais nada, ele encerra um ciclo que começa com o número um - o nascimento do ser e culmina com o nove, o fim dos tempos.

– Fim dos tempos?

– Sim, a menos que a mesma maldição continue se propagando no meu berço familiar. Como não tenho irmãos, nem ainda estou casado, creio que tudo isso se encerra comigo. Não tenho intenção de me casar. Não depois de saber de tudo isso e onde esses dilemas podem chegar.

Olhando para a janela de cortina clara, Zephyr se levantou apressado. Precisava cumprir sua promessa ao pai.

– Precisarei enterrá-lo. Gostaria que ficasse trancada na casa. – ele a olhou com o queixo levemente inclinado, de baixo para cima. – Não quebre as regras, ok?

– Gostaria de ir com você.

– Você não poderá me acompanhar. É muito arriscado e prefiro mantê-la aqui dentro, até descobrir uma forma de poder resolver de vez o seu problema. – lembrou-se de Lilith.

– Eu prometo me comportar. – disse ela com a mão estendida para frente em posição de promessa.

– Ótimo. Não demoro.

Poucos minutos depois, Isa observava Zephyr pela janela, carregando o corpo do pai nos braços, envolto por um cetim de cor marfim. O sol já alaranjara o céu para anunciar o crepúsculo no céu pantaneiro, e a temperatura era amena. Já podia sentir a presença dos seres noturnos despertando em toda Piraputanga. Ao se voltar para a estante cheia de porta-retratos com imagens do fantasma da avó de Zephyr, sentiu vontade de tocar o piano, e assim o fez, perdendo o medo e a noção do tempo. A leveza daquele momento a seduzia tanto que era capaz de se sentir bela e feminina de novo. Sentiu a

brisa que entrava pela janela inundando seu ser. O som do piano contagiava todo o ambiente, enquanto ela acompanhava com a cabeça o ritmo dos acordes, em perfeita sintonia. Não percebeu que, atrás de suas costas, a alma de uma mulher muito distinta, dançava, para lá e para cá, como se pudesse voltar no tempo...

Zephyr chegou ofegante até a cova iniciada na época da morte do pai. Levou o pai nos braços, sentindo os últimos momentos do peso dele sobre suas percepções físicas. Chegou o momento de enterrá-lo e deixar que ele vá, siga seu rumo. Sentia-se tranquilo, pois o vizinho havia saído há pouco tempo e Isabele estava trancada em sua casa.

Ao colocar o corpo do pai na cova, antes de jogar terra sobre o manto de cetim, sentiu a dor inevitável de um sepultamento adiado. Ainda pôde ver o corpo estático, cujos cabelos grisalhos, de cor fosca, passavam pela fresta do lençol. Ajoelhou-se e se pôs a falar baixo, palavras de despedida num sentido que somente ele e o pai poderiam entender.

– Meu conselheiro, meu eterno amigo, deixo-o nos braços da mais silenciosa desventura. Que nossa amizade não se perca no espaço, onde eu possa sempre te reconhecer como meu pai. Descanse em paz.

Pegou a pá e começou a tapar a cova com a terra. Aos poucos, tudo era apenas um espaço preenchido. Pegou algumas folhas secas e jogou por cima do sepultamento, restando apenas a pequena e discreta cruz que anunciava – *jaz aqui um homem de bem*.

Largou a pá num canto qualquer, já imaginando os vermes se alimentando do que sobrara de seu velho pai. Chorou. Triste, reprimido, enquanto seus passos voltavam para casa com as lágrimas mornas pingando no solo.

Foi impedido de prosseguir pelas mãos de luvas rendadas que acariciavam seu rosto, enxugando a lágrima, trazendo seu queixo à direção dos olhos negros que brilhavam como um lago profundo e ansioso por corpos. Lilith não era apenas o lado escuro de sua alma, como também o que ele jamais conseguira decifrar.

– Não se perca de mim... Não me deixe sangrando por dentro. – ela pediu, oferecendo seus lábios para que Zephyr os beijasse.

Ela tocou o peito de Zephyr, e ele pode sentir as unhas cravando na pele e o cheiro dela intensificado no ar. A língua era lisa como lodo, e o gosto do beijo não se comparava a nada antes experimentado. Ele a desejava intensamente.

Saindo dos lábios dele, buscou a orelha e gemeu num intenso e cálido som.

– Já se livrou da morta-viva?

Um senso de piedade o invadiu, sentindo-se até mesmo um crápula por estar ali, tramando o fim

daquela que lhe mostrou princípios durante o dia de hoje.

– Ainda não, minha deusa...

– E quando o fará?

– Tão breve. Dê-me mais um tempo.

– Tempo para se apaixonarem?

– Não tenha ciúmes. Estou sendo vigiado por meu vizinho. Estou em apuros.

– Hum... – ela lhe direcionou um olhar maligno. Selvagem. Longe de toda misericórdia do mundo. – Posso resolver isso de forma simples e prática.

– Não, não. Por favor. Mantenha-se distante disso. São questões minhas. Eu as resolvo. Me prometa isso?

– Não faço promessas a ninguém. Aguardarei ansiosamente pelo momento de lhe fazer adormecer entre... meus seios. – ela passou as mãos dele sobre o decote de roupa preta. Desceu com as mãos até a cintura tão fina de curvas inquietas. – Deixe de abastecê-la com sua vida. Ela não morrerá, porque já está morta, mas nos deixará em paz.

Zephyr olhou para o horizonte, suspirou profundamente, nem mesmo ele sabia o motivo que o levava a manter Isa sob sua tutela. Confiara no tabuleiro. As almas benditas falaram com ele, disseram para salvá-la do breu da morte. Ele era obediente, porém, aquela deusa a sua frente, fazia seus ouvidos se fecharem a qualquer som, ele apenas pisava sobre a terra onde nasceu e vive até hoje. Não sentia mais sua alma, tudo pertencia a ela, sua mulher da escuridão.

– Só mais um tempo, por favor, anjo. Preciso descobrir, porque as almas me pediram para guardá-la sob minha égide. Elas são minhas protetoras. Não tenho família, nem um pai para me aconselhar. Elas fazem este papel.

– Enquanto estiver dando seu sangue, estará dividindo sua alma com ela. Não posso ao menos... tocá-la... – fez um gesto de raiva, socando o vento com o punho fechado. – Se estiver causando o mal a ela, estarei fazendo o mesmo mal a você. Não posso machucá-lo. – ela deslizou o dedo indicador, da testa aos lábios pálidos dele, costurados por linha cirúrgica. – Jamais senti o que sinto hoje... por você. Não me... desafie... Meu amor é negro, denso, e alcança o ódio em fração de segundos.

Os olhos eram de chamas. Beijaram-se sem decência. Caindo sobre o solo umedecido pela chuva fina. Com ânsia, retiraram as roupas, boca na boca, olhos nos olhos, amaram-se ao som do piano que ecoava aos ventos, vindo da sala de Zephyr. Acordes que Isa deu vida para que se amassem ao cair da noite, e a lua cheia banhar os corpos ardentes.

Ao regressar para sua casa, encontrou Isa dormindo no sofá. Incrível o que acontecia diante dos seus olhos. Seu sangue dava-lhe vida, como se viva fosse. Tudo nela parecia funcionar normalmente,

pois passara a se alimentar, mesmo que pouco, e dormia como um bebê.

Zephyr sentia-se como se fosse dela, o criador. Ele a observava dormir. Estava vestida com as roupas antigas de seus antepassados. Certamente achara o baú que existia no sótão. Ela estava linda, usando um vestido branco que deixava seu colo à mostra, ornamentado por um colar de pérolas. Jamais vira lábios tão corados. Os cabelos quase brancos se pareciam a marfim. Cílios compridos e muito claros era todo o sentido de sua vida. Quem era ela? – se perguntava, enquanto passava a mão nos cabelos macios, despertando-a, como colibri de olhos brilhantes, olhando-o sem dizer uma só palavra, apenas estendendo a mão que trazia um botão de rosa. Sonolenta, fechou novamente os olhos azuis, e ele a carregou no colo até seu quarto, colocando-a cuidadosamente na cama, deitando-se ao lado dela, sua cria, quase uma criança. Cuidaria dela, nem que tivesse que renunciar o próprio amor. Isa não era apenas uma morta-viva, era parte de si. Tudo nela funcionava e vivia agora porque o sangue dele alimentava a alma da albina linda que saiu de seus sonhos e entrou em sua vida, fazendo-se dependente dele, seu fiel protetor.

Pensou na moça que usara o nome de Lilith no blog gótico, por onde andara? Levantou-se com cuidado e fora até o escritório da funerária olhar o computador. Talvez tivesse notícias dela. Não poderia estar tão magoada a ponto de desaparecer para sempre.

Ligou o computador e acessou o blog por onde tinham longas conversas que eram alimentadas pela chama do momento. Paixões que chegam e vão embora após surgirem em sua vida, alguém que ele tinha o cheiro em sua pele, daquela que possuía intensamente a menos de uma hora atrás. Sentia-se apenas constrangido de não poder dividir um coração que a verdadeira Lilith já havia feito morada, não apenas na parte coronária de seu corpo, mas nele todo, como um unguento.

O chat de Y estava deserto. As postagens já estavam desatualizadas. As músicas favoritas já não eram mais postadas. Temeu em lhe ter causado um mal tão grande. Gostaria de saber como estava. Insistiria. Viria sempre conferir se havia alguma notícia dela. Apagou a vela que bailava com sua chama por toda a funerária e fora se deitar ao lado de sua protegida, alimentada e restaurada através de seu sangue. A quem deveria deixar de doar o líquido carmim que os unia, para que ela pudesse seguir seu destino e descansar de vez nas veredas da morte.

Tranquilamente adormeceu, escutando o vento assoviar nos confins de Piraputanga, e de vez em quando ouvia a canção vinda de algum lugar. Talvez fosse seu subconsciente, por gostar tanto da banda, mas o vento trazia e levava o refrão de *October, Evanescence*.

My only hope,
(All the times I've tried)
My only peace,

Dia chuvoso. Acordou sozinho na cama. Isa já havia se levantado. Estranhou. Levantou-se e perambulou pela casa. Ela não estava em parte alguma, nem mesmo na funerária. Foi ao cemitério, nada encontrou. Andou na chuva, olhando para todos os lados, não estava em lugar algum. Voltou para sua casa, preocupado. Poderia esperar ali, aflito, ou imaginar um local imaginável no qual ela poderia estar. Nenhuma resposta vinha a sua mente. Levantou-se e foi até ao computador. Precisava se distrair. Não queria imaginar que ela fora pega por Lilith ou Ludovirick. Antes mesmo de se perder em pensamentos no computador, foi até a janela e olhou para a casa do vizinho. Estavam sentados na varanda, ele e a mulher. Tranquilos. Apenas pararam de conversar e olharam em direção a Zephyr, quando perceberam que ele estava na janela, olhando-os. Fechou a janela e rapidamente voltou ao que estava fazendo. Menos mal, ela não estava lá.

Procurou pelo blog de Y para conseguir alguma notícia. Tudo continuava deserto, o que poderia ter acontecido? Deixou um recado na caixa de mensagens online. Algum dia ela acessaria, ele tinha certeza disso, então saberia que ali jazia alguém arrependido de tê-la decepcionado. Poderiam ser amigos, se o ódio que ela sentia fosse menor que a amizade que poderia existir. De qualquer forma, ele fez sua parte.

A chuva já parava, mas Isa não apareceu. Adormeceu deitado na maca da funerária, imaginando quantos mortos por ali já passaram e onde estariam suas almas nesse instante, e se alguns deles poderiam ouvi-lo. Sonhou com o defunto saindo da geladeira, com o andar arrastado, olhos fundos, rosto deformado e mãos trêmulas, que vinham estendidas na direção de seu pescoço, apertando a cada minuto mais, a ponto de não conseguir reagir.

Acordou novamente ao som da porta e gritos loucos a se espalharem por toda a casa. Era ele, Ludovirick. Apressado, Zephyr colocou o coturno e desceu a escada, ainda arrumando os cabelos emaranhados. Na mão esquerda, a bengala.

– Diga, senhor Ludovirick. O que deseja sempre tão cedo que não pode esperar o dia acordar?

– Na verdade, tenho o hábito de me levantar bem cedo e tocar a vida que nos aguarda do lado de fora.

– Sim, faz muito bem, mas não me encha o saco. Está começando a encher... E é sério. Por que me persegue sempre? Por que não cuida de sua própria vida, já que levanta tão cedo?

– Ah sim... Tenho contas a pagar. Não se preocupe, não tomarei seu tempo. Apenas vim saber notícias de seu pai. Ele já chegou?

– Não senhor, senhor policial. Meu pai não chegou. Algo mais?

– Sim. Escutei o som de piano ontem à noite. Você sabe tocá-lo?

– Qual o problema nisso?

– Pensei que poderíamos combinar um jantar durante esta semana, aqui em sua casa.

– Está brincando...

– Não... Não estou. Minha esposa aprecia muito o instrumento. Aliás, até sabe tocar.

– Eu não toco piano. – soltou sem pensar. – Na verdade, este piano é de minha avó. Ela toca de vez em quando para mim.

– Mas... Sua avó não está falecida?

– Sim, e qual o problema? Nunca ouviu falar em almas, senhor Ludovirick?

– Bem... Eu não acredito nessas coisas... – O velho riu, um riso vazio. – Mas acredito que as mulheres possuem uma habilidade muito doce com o instrumento, o senhor não acha?

Zephyr desconfiou que ele sabia de algo.

– O que quer dizer?

Ludovirick novamente sorriu o falso sorriso.

– Sua namorada toca muito bem, aliás, dormimos ontem a ouvindo tocar.

Ele não podia acreditar que o velho enxerido estava novamente vigiando sua casa.

– O senhor está vigiando minha casa? – perguntou com uma cara perplexa.

– Não é exatamente vigiar, caro mancebo. Estou prestando um favor ao seu pai, enquanto ele se ausenta. Os jovens precisam ficar debaixo de nossos olhos para não fazerem bobagens. A jovem hospedada em sua casa, os pais dela... sabem que ela está aqui, somente os dois?

Zephyr deu um soco de punho fechado no portal.

– Cuide de sua vida! Fui claro? – perguntou rispidamente. Estava irritado.

– Sim, sim. A propósito... Tão jovem, assim como a bela moça vestida com trajes do século passado, não estão na escola?

– Somos maiores de idade. Se é o que queria escutar.

– Até acredito, mas... Fica a dica. Não conheço a menina, mas se a colocou para dentro de sua casa, deve cuidar bem dela, incentivá-la a estudar. Afinal, o jovem a minha frente não se trata de nenhum transviado, leviano e sem instrução.

– Gostaria de dizer mais alguma coisa, senhor... Ludovirick? – já perdia a paciência.

– Se não se incomodar, estarei vindo com minha senhora amanhã à noite para conhecermos sua bela jovem, e, quem sabe, poderão as duas formar uma dupla no piano.

Zephyr não acreditava na insistência. Antes que falasse algum palavrão, tentou se recompor e usar da modéstia e educação ensinada pelo pai.

– Tudo bem... senhor... Ludovirick. Passar bem.

Fechou a porta no rosto do vizinho, que sorriu abastadamente. Ele não se importava nem um pouco com a impaciência do jovem Zephyr.

Zephyr sentiu medo de que o velhote tenha reconhecido Isa. Se isso aconteceu, provavelmente estava se fazendo de bobo para pegá-lo no momento certo. Mas... Será mesmo que agiria tão naturalmente, se tivesse reconhecido? Isa estava morta, ao menos aos olhos de pessoas que acreditavam nisso. Se soubesse de algo, no mínimo estaria assustado com a presença da sobrinha, andando e tocando piano como se fosse viva. Talvez a tenha visto de longe, de sua janela, sem conseguir reconhecê-la. Achou melhor pensar desta forma. Entrou para casa, fechando bem a porta e as janelas. Iria cuidar melhor desses detalhes de agora em diante.

Deitou na cama, pensando no contorno de Lilith, como ela conseguia hipnotizá-lo a ponto de desejá-la, esperando que pudesse tirá-la da cabeça no momento que quisesse. Poderia estar com ela agora, mas, angustiado, sabia que isso era apenas um mecanismo de fuga para se esquecer da preocupação que se apoderara de todo seu ser.

Pensando assim, ele ouvira passos na escada. Graciosos. Sentou-se rapidamente na cama. Não deveria ter pensado nela. Atraia-a para perto de si. Iriam se possuir como animais rastejantes, depois viria o arrependimento. Não queria dessa vez! Iria evitar! A porta se abriu ao mesmo tempo em que a caixa de jóias de sua avó passou a tocar, a bailarina triste corrompia sozinha em seu universo.

– Lilith! – ele bravejou.

Isa o olhou, assustada. Ele revelara sem querer o nome daquela que o perturbava em segredo. As mãos sangravam. O cabelo em desaninho revelava que ela não estava nada bem.

– Isa... Por onde andou? – disse ele se levantando da cama.

– Estava esperando visitas?

O olhar era de raiva. Um céu trovoando em torno de retinas atormentadas.

– O que te leva a pensar isso?

– O nome...

Ele não lhe daria respostas. Não lhe deve satisfações. Não eram nada um do outro.

– Onde se cortou?

Ela olhou para as mãos, vendo o sangue de Zephyr pingando, saindo de si.

– Estava tentando... esquecer.

– Cortou-se? – ele se aproximou dela.

– Não é nada demais. – ela respondeu, fugindo de seu olhar.

– Está guardando algum segredo? – ele quis saber, levantando o queixo dela.

– Não mais que você.

– Por que acha que tenho segredos?

– Por que não diz que está apaixonado?

– Por que diria?

– Para me afetar.

Ele segurou firme no pulso sangrento dela.

– Você é alguém que devo cuidar. Apenas isso.

– Não diria ao contrário nem outra coisa. Sei quem sou.

– Por onde andou? Sabe que não pode sair de casa.

– Por onde anda quando não diz para mim?

Ele sabia que ela estava jogando. Estava desafiando-o.

– Não preciso dizer.

Ele virou as costas para sair do quarto.

– Nem eu. – Retrucou ela, fechando a porta.

Permaneceram em silêncio durante um bom período, cada qual em sua cerca elétrica. Então ele se lembrou de que precisaria de um disfarce para Isa. Subiu a escada, procurando-a. Era um bom motivo para fazer as pazes.

Encontrou-a de frente ao espelho, pintando os olhos de preto com seu cajal. O lençol enrolado em seu corpo magro e muito branco revelava o contorno da omoplata. Ela ainda não tinha percebido a presença de Zephyr. Continuava se pintando. Passou o batom escuro nos lábios, o rímel. Prendeu o cabelo. O lençol caiu em torno de seu corpo. Parecia flutuar, lépida. Zephyr acompanhava os movimentos que ela fazia com qualquer músculo do corpo, perdendo-se na visão. Ela o percebeu. Os olhos ásperos fitaram-no.

– Por que está me espiando? – cobriu-se irritada. Os olhos dele cortavam sua pele

– Desculpe. A porta estava aberta. Não foi por mal. - estava hipnotizado, olhando-a mesmo sem querer olhar.

Ela corou, apesar da maquiagem cobrindo a pele.

– Ficou muito bem assim. E isso me deu uma ótima ideia. Vamos tingir seu cabelo. – ele precisava de álibis para protegê-la.

– Tingir?

– Sim, tingir. Precisamos de um disfarce. Seu tio está no meu pé.

Ela o olhou, tristonha. Não queria tirar a madrepérola dos cabelos. Sentia-se diferente com a cor. Gostava de ser albina.

– Se for para seu bem, tudo bem. – abaixou a cabeça.

Ele se aproximou, tocando delicadamente em seu queixo.

– É para seu bem, pequena Eva. – disse, acariciando o rosto dela com o polegar.

– Tudo bem.

– Sugere uma cor?

– Roxo. – disse sem pensar.

– Roxo?

– Sim, minha cor predileta.

– Tudo bem, roxo. Precisarei ir até Aquidauana para comprar a tinta. Promete ser boa menina e não sair daqui? Quando voltar, te conto exatamente o que está acontecendo e como vamos proceder de hoje em diante.

– Estarei esperando. – disse ela sem o olhar, entretida com o lápis nos olhos.

Eu não sei o que ela tem exatamente, sei apenas que me trata como se tivéssemos algo que não temos, e sinto cada vez mais vontade de protegê-la, apesar de Lilith estar me cobrando desfazer de sua companhia. Cara, ela é lindinha demais. – ele pensava enquanto cruzava a estrada de chão, após passar pelos trilhos de trem que levavam direto para o Pantanal. Estava tão distraído com os pensamentos, que nem vira ter passado do povoado mexeriqueiro. Acendeu um cigarro e, caminhando com sua bengala, sentia presenças ao seu redor. Arrumou a cartola e olhou discretamente para os lados, por debaixo da aba. Não havia ninguém. Andava impressionado. Lilith parecia estar em toda parte. Ele não sabia exatamente qual o tipo de relação tinha com ela. Sabia que jamais poderiam noivar, casar, comprar roupinha gótica para os bebês que chegariam. Enfim... Quem era a deusa em sua vida?

Numa piscadela inocente, viu que um animal preto cruzou seu caminho numa velocidade incrível. Não seria uma pantera, claro que não. Não havia esse tipo de animal no Brasil, muito menos no pantanal. Falando em pantanal, muitas vezes se perguntava, que diabos de vida ele queria ali, escondido do mundo, curtindo apenas as sombras? Acabou concordando que era ótimo estilo de vida para quem procurava somente isso. O que matava era o calor de mais de 40 graus diariamente, sem nenhum dia de inverno, apenas durante à noite, quando a névoa baixava e tomava conta da Serra de Maracaju. Novamente, o bicho passou a sua frente e, dessa vez, parou. Seu pelo brilhante era incrível. Olhos de cor amarelada e da altura de quase dois homens juntos, se medido da cabeça ao rabo. O bicho rosnou. Era lindo e olhava diretamente para ele como se quisesse dizer algo.

Impossível o que estou vendo... – pensou Zephyr, referindo-se à pantera em plena Piraputanga. A pantera negra rosnou novamente, mexendo uma das patas como se quisesse dar um tapa no ar. Zephyr parou, sentindo o coração acelerar. Poderia ter chegando mais cedo seu momento de descansar para a vida eterna. Como olharia Isa, que estaria sozinha a mercê de tanta coisa que poderia feri-la? Nem ele mesmo sabia, por que este seria seu último pensamento? Viu quando o animal se preparou para

atacá-lo, vindo em sua direção. Fechou os olhos tementes. Sentiu o fim.

A pantera corria com velocidade. Sua boca continha os dentes muito brancos e pontiagudos para fora, exibindo o que poderia ser de marfim. A língua, por vezes de fora, deixava cair uma densa saliva que era sugada pela areia no chão batido. Ele escutou novo rosnar, e apenas sentiu o bafo quente do hálito do animal em seu rosto, quando a pantera saltou o corpo mórbido de medo. A bela criatura desapareceu na mata que ficava do lado de lá da cerca.

Poderia não conseguir mais ir a lugar algum. Suas pernas tremiam. Jamais trompara com animal algum na estrada, que levava tão poucos quilômetros para chegar à cidade de Aquidauana. Além de comprar a tinta de cabelo de Isa, que era uma urgência para manter um disfarce, caso o vizinho realmente aparecesse em sua casa, precisava resolver algo: voltaria a estudar. Saber que esta cobrança seria ferrenha para cima de si. Um motivo a mais para Ludovirick não esquecer que ele existe.

Entrando em Aquidauana, ainda assustado com o episódio da fera na estrada, ouviu cochichos entre as pessoas que se reuniam na praça pública da cidade. Não conseguia entender muita coisa, mas ouviu claramente quando alguém disse ter presenciado, naquele local, a aparição de uma mulher vestida de preto durante a madrugada. O episódio que chamou sua atenção não foi o fato de terem visto uma assombração, mas sim, pelas descrições sobre a tal mulher. Pelo que tudo indica, falavam de Lilith.

– Estamos correndo risco, meu Deus do céu... Ela segurava uma cruz preta nas mãos, e de suas costas, quando voou, saíram asas pretas enormes, e dos pés, garras com unhas afiadas. – dizia uma das mulheres que morava na frente da praça. – Ela estava ali – apontou para o local. – Não estou brincando, não. Sou mulher séria. – ela disse quando percebeu que algumas pessoas riam.

Estavam todos distraídos, até verem a imagem de Zephyr passando por eles. Olharam-no como se vissem a própria assombração ditada pela moradora.

– Isso é parte com o demônio. – alguém disse.

Zephyr já deveria ter se acostumado com os comentários em relação à sua imagem, afinal, quem não quer ser criticado, não seja diferente.

– Deus pai, esse aí deve estar trazendo essas coisas ruins para cá.

Ela estava sentada em frente à penteadeira de designer antigo, com gavetas estofadas em tom vinho, contendo botões que formavam alguns losangos. Olhava de modo triste para a escova de cabelo, também antiga. Não sabia exatamente quem era e o que estava fazendo ali, após ter voltado de lá... Não falará deste “lá”, porque não foi permitida a dizer, apenas tem a impressão de que deve ficar com a boca calada, até que receba ordens para abri-la. Teme pela segurança de Zephyr. No

momento certo, ele saberá de toda a verdade. É uma pena que não pode dizê-lo. Uma lágrima morna escorre pelo rosto maquiado. Ela recorda dos lábios dele tão bem traçados. O piercing acima da sobrancelha, a linha cirúrgica dando três pontos nos lábios inferiores. Ele não tinha ninguém por ele. Ainda bem que ela estava ali. Chegara no momento certo.

Escutou um ruído estranho na parte inferior da casa. Abotoou o velho casaquinho que usava. Colocou o chapéu que continha uma delicada renda ao redor da aba e desceu a escada com a sombrinha roxa, fechada, em uma das mãos. Achara no velho baú o modelito que agradaria os olhos de Zephyr. Uma Lolita do século passado.

Tudo estava silencioso na sala. As janelas estavam fechadas e as cortinas alinhadas. Os retratos, no mesmo lugar, jaziam as imagens dos fantasmas da família. Sentia certo arrepio percorrendo as costas. Sabia que era morta, mas sentia medo do que as pessoas não conheciam do mundo de lá. Ela, que voltara, conseguiria dizer tranquilamente sobre os mistérios que envolviam a morte e o que almas penadas são capazes de fazer com a vida de pessoas que ainda não tinham se aventurado pelas veredas e escuridão do mundo dos mortos. Lembrou-se aos poucos de todos os detalhes que aconteceram desde que ainda vivia e respirava pelo próprio sangue. Não comentou com Zephyr, não por deslealdade, mas precisava se manter em silêncio, assim foi pedido por... Melhor não comentar.

Passou os dedos, cobertos pela luva preta de renda, no piano. Ouviu algumas notas suaves e fechou os olhos. Sentia saudades de um tempo que insistia em esquecer. Não precisava mais lembrar, pois ela estava ali, e isso era tudo que precisava. Um trovão estrondou todo o local. Seu coração mecanizado pelo sangue de Zephyr, apertou. Choveria forte e ele estava nas ruas, no desabrigo. Outro trovão foi ouvido. Com cuidado, ela abriu a cortina e olhou o céu acinzentado, não havia chuva, apenas o tempo fechara como se quisesse lhe dar um sermão. Assim que fechou a cortina, aterrorizou-se ao olhar para trás de seu corpo efêmero.

– Sente medo de quê, menininha morta? – a voz dela era severa, ao mesmo tempo, aguda e áspera. Estava com os braços cruzados, olhando diretamente para Isa. Os olhos de Lilith soltavam faíscas vermelhas que se dissipavam no ar. Sobrevoando o chão, ela se encontrava em uma fumaça acinzentada que tomava grande parte do espaço ao seu redor. Seu perfume sedutor e inebriante se apossava do local. Os cabelos negros caíam viçosamente pelos ombros guardados em um sobretudo escuro. – Perdeu a voz, infeliz? Eu sei o que está fazendo aqui... A mim, nada poderá esconder. Mas saiba que todos os seus esforços serão em vão. Zephyr me pertence. É minha herança. Ninguém o tomará de mim! – disse num grito ensurdecador, que deixou ainda mais pálido o rosto de Isa. Isa, de olhos feitos do céu, apenas lacrimejava um líquido escuro que saía do rímel, deixando a vista, a palidez e vulnerabilidade de seu ser. Apenas o sangue de Zephyr a protegia neste momento.

– Eu... Eu não sei o que está dizendo... – elatremia. Pedia socorro em pensamento. Sabia que Zephyr poderia senti-la, pois a união que tinha construído com ele, por causa do sangue compartilhado, atuava de algum modo na percepção de que algo estaria errado naquele momento.

– Ahhh, além de ladra é dissimulada. Saiba bem, guarde isso para sempre... Só não posso acabar com você agora, porque estaria destruindo meu amado por causa do maldito sangue que compartilham. Somente ele poderá fazer isso, e fará no momento certo. Seus minutos aqui estão contados. Logo voltará para as trevas. Tomarei posse de sua alma, maldita! Te acorrentarei no precipício da escuridão. Jamais sairá de lá. Será surrada a todo minuto com açoite de lâminas que sangrarão sua alma. Aprenderá a não se meter em questões alheias, principalmente quando não te dizem respeito. Você não é nada! Nada! – ela passou a gargalhar e rodopiar velozmente pela sala. As luzes piscavam e as portas batiam com força. O piano passara a tocar sozinho e os porta-retratos e bibelôs da estante eram arremessados ao chão.

Aos gritos, risadas e sons jamais ouvidos antes, ela desapareceu da casa. Lá fora, novos trovões esbravejavam. Lilith estava furiosa, ciumenta, faria qualquer coisa para tirar Zephyr dos olhos de Isa.

Abaixando-se para pegar os objetos do chão, tentaria esconder de Zephyr o que acontecera. Ele poderia suspeitar de algo que não seria bom nesse momento, em que não poderia lhe contar a verdade. Chorava enquanto as lágrimas pretas desciam pela face. Estava fadada a morrer definitivamente, caso ele fosse seduzido pelos desejos de Lilith. Falharia sem dignidade.

De onde estava, Zephyr sentia palpitações. Algo o incomodava grandemente. Precisava voltar para casa e não sabia o motivo. Comprou a tinta de cabelo para Isa e já voltava, quando passou por um local que lhe chamou a atenção. O cemitério de Aquidauana. O local onde fora marcado o encontro com Y. Um novo aperto tomara conta de seu peito. Sabia que estava devendo algo a ela, ao menos uma justificativa por não ter comparecido. Resolveu entrar no cemitério. Colocou a mão em um dos bolsos e retirou de lá o relógio de corrente. Não estava tão tarde. Poderia gastar alguns minutos contemplando a beleza local. Pegou sua carteira e encontrou o papel que indicava a sepultura em que fora marcado o encontro.

Não fora difícil encontrar. O cemitério não era tão grande assim. Uma sepultura simples, com um jarro de flores e uma lápide singela apontando o lote, quadro e número da sepultura. Ao lado, um nome – Isabele Eda Shamanc. Estremeceu, não acreditando no que lera. Não podia ser Isa, ela morreu após o encontro marcado com Y, sim, tinha certeza disso. As pessoas poderiam ter nomes iguais. Tiraria esta dúvida quando chegasse em casa, perguntando apenas seu sobrenome. Não lhe contaria sobre o ocorrido, mesmo porque, não havia necessidade de falar sobre seu caso mal resolvido com Y. Não se preocuparia no momento, até que descobrisse a verdade. Poderia não ser

nada além de coincidências.

Um vento fresco tomou conta do lugar, Zephyr se sentou na lápide olhando o céu cinzento, tentando imaginar o que fez com que Y sumisse do mapa. Passou os dedos nas pétalas das flores que lá jaziam no pequeno vaso. Então percebeu algo que não sabia se poderia fazer. Avistou um envelope já danificado pela chuva e sol, dentro dele havia uma carta. Arriscaria em abrir. Poderia ser de Y, quando esteve ali, esperando por ele. Mas também poderia ser de algum familiar da defunta que ali descansava. Entre o sim e o não, abriu o envelope. Com dedos cuidadosos, retirou a carta já com tinta borrada. Abriu o papel amarrotado.

Minha alma se desespera. Você não veio e o coração sangra como notas de uma música que jamais saberei cantar. Estou aqui até mais algum tempo, olhando as estrelas que choram sangue, pingando gota a gota sobre meu rosto. Estou de luto.

Sei que deveria ser diferente, mas não mereci. Sou apenas uma estranha, lutando com as unhas que arrancam a pele para retirar a dor que você plantou em um coração desistente agora de viver. Não veio. Não virá. Eu não menti a você quando disse que te pertencia. Sempre te pertenci. Nasci predestinada a te amar, embora faça questão de esquecer, enquanto me deito nessa areia fina e branca, e os vermes chegarão a qualquer momento para o jantar.

Esta viagem não tem destino. Estarei sempre só, á espera da luz que não veio. Estreitou-me na estrada tão cinza... Luz minha, por que me deixou? Luz, vida minha, não consegue perceber o que a ausência de seu amor pode acometer a um coração já falido? Desistirei de esperar agora. Irei ao seu encontro. Irei ao encontro do que me prometeu. Irei ao encontro do que me fora designado. Estou presa a você pelas forças do Universo. Somos um. Estaremos sempre juntos. Não existe mal algum, eu te amo. Estarei em sua voz, quando não me encontrar. Em seu sangue, quando eu morrer. Em seu coração, quando me permitir. Estarei em todas as coisas que constituem você.

Adeus, meu anjo negro, dádiva de meu luto.

Em exatos dez dias, pegue a próxima carta em Campo Grande, na casa noturna, Bar-Fly, às 23 horas em ponto. Vá até o banheiro masculino, entre na terceira cabine. Abra a caixa da descarga, em uma embalagem preta colada no interior da caixa, encontre a carta.

Para sempre.

Y.

Em desalento, Zephyr limpa a lágrima que fugiu de seus olhos. Ele a magoara. Jamais saberá se redimir do que fez. Não conseguirá encontrá-la e não sabia se isso agora é mais importante do que descobrir de quem é este túmulo.

Ao chegar a sua casa, um tanto confuso, percebera que o dia já estava se despedindo. Tratou de se apressar. Os assuntos ficariam para depois. Seu vizinho logo estaria batendo a sua porta.

Olhou para Isa, que estava parada a sua frente, olhando para o nada como uma boneca de cera.

– Vamos, teremos visita. – disse, puxando-a pelo braço. Nem ela mesma pôde saber o motivo de tamanha hostilidade. Na verdade, não era com Isa, e sim com as dúvidas que sobressaltavam a mente dele.

Seguiram para o quarto, com Zephyr puxando-a pelo braço.

– Dispa-se. – ele pediu em tom de ordem.

– Mas... – ela não entendia seu comportamento e o motivo que o levou a querer que tire a roupa.

– Vamos de vez, não temos tempo. – disse, indo para o banheiro, enchendo a banheira com água.

Isa apareceu com o corpo coberto por uma toalha e ele nem percebeu o que ela estava querendo esconder.

– Entre aí. – disse, já preparando a tinta em uma pequena tigela de cerâmica sobre a pia.

Já dentro da banheira, ela dobrou os joelhos e colocou as mãos sobre os seios e região pubiana. Sentia-se mais tranquila. Em pouco tempo sentiu a tinta gelada sendo colocada em seus cabelos. Percebeu que Zephyr usava luvas e repartia as madeixas, passando o creme e espalhando com um pincel, em seguida penteava para espalhar.

De lá onde estavam, passaram a ouvir uma canção. Alguém teria ligado o aparelho de som dentro do quarto.

– Droga! – disse ele, sabendo que Lilith estava por ali. – Não dê atenção, continue como se nada tivesse acontecendo. – ele pediu, para que Lilith não se aproveitasse da fraqueza de pensamentos e baixa vibração. Estavam sem tempo para filosofar em relação ao sobrenatural.

Diary Of Dreams cantava *The Wedding*, o que fez com que Zephyr pudesse relaxar um pouco mais de sua tensão. Na verdade, seu vizinho o incomodava demais.

– Desde quando passou a ser gótico? Aqui nesse povoado não há esta tendência? – ela perguntou, tentando distraí-lo.

– Eu nasci com tendência ao obscuro, desde pequeno fui uma criança acuada, que não brincava no quintal, mas debaixo da cama com bonecos macabros, deformados, que eu mesmo criei. Com o tempo, apenas me identifiquei com algumas bandas e descobri minha tendência e a definição de minha personalidade. Eu vivo esse mundo e ele poderia não ser chamado de gótico, mas de qualquer outro nome, no entanto, eu continuaria a tender para o que sou. Moro em Piraputanga, mas tenho CD, DVD, clipes que comprei em Aquidauana. Não posso me esquecer que algumas bandas tiveram suas batidas tribais inspiradas em sons indígenas. Então... Aqui é o paraíso.

– Sim.

Mesmo irritado, ele era uma pessoa gentil. Isso a agradava.

Ele estava seguindo o caminho que sempre tentou evitar, mas sente que, como um eco, algo o remói por dentro. Está confuso. Não gosta de se sentir assim. Pensa em Y como alguém que começara algo e não acabara. Deseja Lilith mais do que qualquer coisa na vida, mas não gosta de se sentir em suas mãos. Precisa cuidar de Isa, como faria a sua própria carne, mas sabe que uma hora dessas terá de escolher. Um próximo passo o fará olhar para trás sem misericórdia. Precisava buscar as pontas dos elos para que desatasse algo que deixaria de existir por escolha sua, enquanto seu batimento cardíaco está enfurecido com a música que escuta.

Terminado o trabalho, enxágua o cabelo de Isa com uma pequena mangueira ligada à torneira, próxima a banheira. Ele desliza os dedos por seus cabelos e ela se arrepia com o toque suave e lento. Com todo o cuidado, retira o excesso de água e cobre cabeça dela com uma toalha. Nem mesmo ele sabia o porquê de mantê-la sob seus cuidados, apenas obedecia ao chamado emergente que o pedia para cumprir com amor.

– Já acabamos. Esperarei que tome seu banho e logo vamos ao segundo passo.

Ele sentia prazer em cuidá-la, como se sua cria fosse. Olhou-a com carinho e foi para fora do quarto, deixando-a atordoada. Ela sentira desejo. Sim. Desejo secreto. Ele não poderia saber.

Ao sair, ele foi até o baú de roupas antigas que havia trazido do porão, a fim de que Isa pudesse usar as roupas contidas ali, sem precisar sair da casa para buscá-la. A escada do porão ficava para fora da residência e seria um perigo seu tio flagrá-la.

Olhou as peças e viu algo que poderia cair muito bem em Isa. Montou algo que lembrasse um modelo Lolita, a meia listrada de preto, lembrava quando Isa vinha em seus sonhos. Não sabia dizer a quem este objeto pertenceu um dia, mas era muito útil tê-lo por perto. O vestido preto se parecia ao de boneca, com bordados brancos na barra que seguia de um babado branco. Uma sobressaia de renda por cima do corpo do vestido, com laços que prendiam algumas extremidades, fazendo-as franzir. Por baixo, escolheu uma camisa branca com uma bonita e grande gola que abotoava e depois era amarrada por um laço de cetim. Ela estava exatamente no estilo que a via em seus sonhos. Ela tinha voltado para mexer com seus devaneios. Tinha saído do mundo das hipóteses e se tornado algo mais confuso. Não ousaria tocar em sua cria, quase irmã, por mais que a luxúria trazida por Lilith o contaminasse.

Assim que ela saiu do banheiro, olharam-se. Ele sorriu, mostrando a ela o que conseguira montar para que usasse. Isa sorriu de volta, abraçando o vestido. Ele ficou de costas até que ela se secasse e vestisse a meia-calça e colocasse a camisa branca. Zephyr se virou e ajudou-a a colocar o vestido. Sentou-a na cadeira de frente a penteadeira e amarrou seus cabelos, ainda molhados, em dois rabos-de-cavalo, que se dividiram em sua cabeça. Em seguida, colocou um lado preto em casa lado de sua

maria-chiquinha.

– Está linda... Com cara de boneca.

Ele passou o rímel nos cílios claros, para que pudesse escondê-los. Depois, pintou os olhos e os lábios com um batom na cor grafite. Olhava o contorno dos lábios dela e sabia que Lilith era culpada por ter colocado nele a lascívia que antes não tinha. Deus, como ela é linda... – dizia a si mesmo, controlando-se o quanto podia para não deixa-la confusa como ele próprio já estava.

– Vou tomar um banho. Espere-me aqui no quarto. – disse ele, temendo que o vizinho estivesse cuidando pela janela, lá na parte de baixo.

– E se ele não vier?

– Jantaremos, tomaremos vinho e você tocará para nós.

Ela sorriu animada. Olharam-se por um tempo, de modo diferente.

– Perfeito. Torcerei para que ele não venha.

Ele entrou no banheiro sentindo o cheiro das velas. Fechou a porta atrás de suas costas e respirava em descompasso. Estava a cada segundo mais confuso.

Sua culpa... Sua culpa... – ouvia uma voz sussurrando no banheiro.

Abriu a cortina que separava a banheira do resto do ambiente. Nada ali, a não ser a água cheia de tinta roxa deixada por Isa. Calmamente, ele soltou a água no ralo até que saísse toda. Tampou e começou novamente a encher a banheira, colocando a mão para sentir a temperatura da água. Ouvia uma respiração, mas nada via por ali. Desabotoou sua camisa branca, retirando a calça preta, sentiu o toque. Não se mexeu. Continuou imóvel. Reconheceu a suavidade das mãos.

– Te banharei. – disse Lilith, entrando nua, com Zephyr na banheira.

– Não poderia estar aqui. – disse ele, já sem sentidos.

– Estou onde quero, quando e a hora que desejar.

– Estarei recebendo visitas. Estou sendo observado, já lhe disse.

– Está preocupado com a menina morta?

– Sabe que não.

– Será?

Ela pôs a mão sobre os lábios dele, impedindo-o de falar.

– Me beije. – disse suavemente, abrindo os lábios sedentos.

Zephyr a tomou nos braços e fez tudo que ela pediu, satisfazendo-a como sempre fez à dama de sua solidão.

Ao se encontrar novamente só, saiu da água como se tivesse adormecido e vivido um sonho. Olhou-se no espelho, as costas estavam marcadas, minando sangue. As unhas de Lilith. No mesmo momento, o silêncio tornou-se um ruído ensurdecedor. A toalha toda preta mostrava no espelho que

ali jazia um corpo na escuridão. O corpo dele, que não era mais dele, pertencia a ela, que lhe tomara tudo. Mas ele não lhe dirá o que ela quer que ele diga, pois não tem certeza de nada que se apresenta a ele, vindo de um demônio das trevas que o usa e vai embora, como se dela ele fosse um boneco. As vozes que balbuciavam coisas sem sentido no banheiro, crivam ida por toda a parte.

Ele sabia que ela voltaria novamente. Mas jurou que, da próxima vez, ela não teria a mesma sorte, estaria preparado para dizer não. Sentia-se cansado de ter que se justificar a ela, toda vez que Lilith sentia que era a ela que o corpo dele pertencia. Usado. Era assim que se sentia.

– *Quando você estiver implorando por abrigo, não bata à minha porta...* – escutou um sussurro.

– Quando uma lágrima no olho tentar enfraquecer os meus sentidos, destruirei tudo o que aprendi. – respondeu ele, em tom baixo.

Você é meu homem... – sussurrava a voz de Lilith, impaciente.

Capítulo 4

Ele se sentia escravizado inteiro – percepção e impotência. Seria obrigado a cumprir ideias que não eram suas, mas estavam impregnadas em seus rastros, como algo incapaz de se desfazer. A carne dela era quente e doce. O cheiro o atraía. O gosto era inesquecível. Ela estava dentro dele, abrindo caminhos com mãos sangrentas. Ele se perdeu naquele exato momento.

Saiu do banheiro, tentando ser o mais ágil possível. Isa o observava atentamente. O olhar dela o incomodava.

– O que estava fazendo no banheiro?

Ele abriu os braços, como se quisesse dizer e comprovar o óbvio.

– Tomando banho. – irritou-se.

– Escutei gemidos.

Ele disfarçou.

– Preciso me trocar. Estamos em cima da hora.

– O que é isso em suas costas.

Os olhos negros nos azuis, que não acreditariam em qualquer explicação.

– Por favor, preciso me trocar.

Ela saiu, olhando-o. Sentia raiva. Não deveria, mas sentia. Ele não era tão leal quanto imaginara. Escondia algo e, por mais óbvio que fosse, ela queria ouvir dos lábios dele.

Ele abriu a porta, colocando apenas a cabeça para fora.

– Não saia daqui. – disse, preocupado em estarem sendo vigiados por Ludovirick.

Escolheu uma calça com suspensório, camisa branca e jaqueta de camurça, comprida até o joelho. Vestiu a cartola e abriu a porta. Isa chorava com as costas viradas para ele.

– O que deu em você? – perguntou ele, virando-a para sua frente.

– Não conseguiria entender. Sou uma tola.

Ele enxugou a lágrima e beijou sua testa.

– Não é uma tola. É apenas uma menina.

Ela o encarou com lágrimas pretas descendo o rosto.

– Me acha uma idiota?

Ele olhou, do olho direito ao esquerdo dela.

– Não a acho uma idiota.

Ela estava linda. Borrada. Uma boneca com a face manchada. Fascinante.

– Então... me... me beije. – ela tomou coragem.

Os olhos expressaram surpresa.

Não estava preparado para tal pedido. Não podia. Tinha certeza disso. Não sabe se queria. Isa era sua protegida. Sentia como se ela fosse parte de si, com seu sangue e sua metade da alma, era por isso que tinha vida. Mas ele jamais poderia lhe dizer essas palavras. Jamais poderia duvidar do que já sabe, da mesma forma como ela duvida.

Em segredo, ela o olhava com paixão efervescente. Seu desprezo não era o suficiente para humilhá-la. Não poderia levá-la de volta à escuridão. Ela não sucumbiria o suficiente a ponto de ser manipulada por olhos negros e lábios sensuais. Não sabia por onde deveria deixar seu orgulho ir, mas estava disposta a entregar suas mãos para ele acorrentá-la e levá-la para onde quisesse.

Ele ainda pensou, antes de atender seu pedido, mas escutaram batidas na porta. Por um momento, Zephyr sentiu-se aliviado. O chato do Ludovirick havia lhe prestado um grande favor, retirou-o da falta de ação para um momento que requeria decisões muito bem pensadas. Mas este era um assunto que também deixaria para depois.

Zephyr limpou o borrado dos olhos e arrumou a gola da camisa dela. Era tão linda que não a perderia na escuridão, com os olhos brilhantes feito de morcegos voando no breu. Algo se misturava dentro dele. Perdia a identidade aos poucos, sem saber o que sentia, mas estava pronto para se entregar em qualquer deslize.

– Vamos.

Desceram de braços dados. Ele esperava que o tio não reconhecesse a sobrinha. Talvez não a reconhecesse mesmo, pelo fato de Isa tomar uma personalidade aparente muito diferente, após a maquiagem. Os olhos muito bem pintados. Os lábios com contorno de boca de boneca, o cabelo roxo, os cílios cobertos por rímel, a roupa no estilo Lolita, nada em Isa era da albina exótica que conhecera.

Um pouco nervoso, abriu a porta com o queixo um pouco voltado para cima, olhando debaixo da aba de sua cartola.

– Boa noite, meninos! – disse Ludovirick ao lado de sua, nem um pouco encantadora, esposa.

Zephyr balançou a cabeça. Estava observando as reações do velho. Precisava ficar atento.

– Então, esta é a senhorita sua namorada? – disse ele, olhando para Isa, sem reconhecê-la.

– Tem olhos bonitos sua namorada, meu rapaz. – disse a esposa de Ludovirick, cuja cara tinha formato de bolacha, com duas bochechas bem rosadas.

Olhos bonitos. Zephyr concordava. Não poderia olhá-la por mais tempo... era cativo aquele olhar angelical. Sentia que toda vez que chegava perto dela, algo o remetia a tocá-la. Então o fez, aproveitando o momento propício de ser sua namorada de mentirinha. Abraçou-a, cheirando os

cabelos que, em seguida, recebeu um beijo. Ela sentira a proximidade e sabia que não era apenas uma encenação. O pedido do beijo mexera com ele de alguma forma.

– Esta é minha esposa, Rosa. – ele disse sorrindo. Estavam ansiosos pela noite.

– Ela é linda... porém, esquisitinha. Eu tinha uma sobrinha exatamente assim.

Zephyr não percebera a gravidade do que ela havia dito. Estava inundado pela cachoeira que saía dos olhos dela.

– A pequena Eva não é esquisitinha. É a menina mais linda que já vi. – defendeu-a, trazendo-a para perto de si, docemente. Precisou domar suas vontades, para tirar os olhos dos olhos de Isa. Ela tem o céu e o mar dos Xaraés dentro de si.

Zephyr saiu da frente da porta para que pudessem cruzá-la. Estava de braços dados com Isa, que apenas olhava a tudo em profundo silêncio. Quando se olharam secretamente, Zephyr fez um gesto com o dedo indicador, para que permanecesse em silêncio o tempo todo. Ela balançou a cabeça que sim. A adrenalina bombava nas veias. Tudo o fascinava a ponto de sentir medo.

– Que bela casa, meu rapaz! Tudo conservado como se ainda estivéssemos no século passado. – disse Rosa, deslumbrada com a decoração antiga.

– Diga, meu caro, o que temos para o jantar? – perguntou o vizinho, com os olhos transparecendo fome.

– Não termos jantar. Eu não sei cozinhar. – ele fez uma cara de cínico. – Na verdade, eu e minha lady preferimos pizza.

– Ohwww. Sim, claro, pizza. Mas me tire uma dúvida, meu caro, o que come durante os dias?

– Miojo. – disse Zephyr, num meio sorriso.

– Ahm, sim, claro. Miojo. Água, macarrão instantâneo e pronto. Claro, meu rapaz. – disse Ludovirick. – Vamos, então, até a pizzaria comer e depois retornamos para o piano?

– Ok. – disse Zephyr, sentindo-se bem, afinal, conseguira driblar o velhote até ali.

Passaram uma noite até agradável. Já fazia muito tempo que Zephyr não comia pizza. Isa tinha voltado a se alimentar, mas não estava preparada ainda para alimentos como aquele e, por este motivo, sentia-se fadigada e sinalizou a Zephyr que precisava ir ao banheiro. Para fazer um teatro a mais na frente de Ludovirick, ele beijou sua mão antes que ela se levantasse.

Cambaleante, foi até o banheiro. Sentia-se além da vida e da morte. Algo estava indo errado. No banheiro, passou a vomitar na pia. Não conseguiu chegar até à cabine. Não estava conseguindo respirar. Olhou no espelho a sua frente e tinha visões distorcidas, como se a parede estivesse em movimento e os tijolos estivessem prontos a cair. Sua cabeça girava e mais um jato de vômito. Delirava. Estava fadada a morte eterna se Zephyr não surgisse ali.

No espelho a sua frente, letras feitas de sangue:

Menina morta!

Era ela que estava causando o mal-estar.

Sentiu que seu pescoço fora preso por mãos invisíveis, que apertavam cada vez mais, suspendendo-a do chão.

Neste instante, Zephyr entrou no banheiro, agonizante, sentindo todos os sintomas que aconteciam ao corpo de Isa. Sem conseguir andar muitos passos à frente, tomou-a, protegendo-a com seus braços em torno dela, que ansiava pelo ar.

– Lilith, está me matando! – disse ele, ouvindo risadas e ecos. – Por favor, não acabe com o que é nosso, meu e seu... – disse ele, na tentativa de salvar Isa. Mas isso era segredo. Inocente de sua parte achar que dela poderia esconder.

– Deixe de alimentá-la com seu sangue! – disse ela em tom de ameaça.

– Faço tudo que pedir. Agora nos deixe viver. Cumprirei minha promessa.

Mesmo sem ar, Isa o olhou sem querer acreditar. Ele a mataria. Ele a deixaria ir para as trevas. Ele não sabia o quanto significava para ela. Minutos depois, tudo voltara ao normal.

Tentando recuperar o fôlego, Isa se soltou dos braços de Zephyr, que a olhou sem entender. Sentiu o gesto brusco, buscando pela liberdade. Ela fugia dele.

– O que houve? – ele perguntou, querendo camuflar a dor que ela sentia.

– Irá se livrar de mim. Não pensa em nossa lealdade um para com o outro.

– Eu não tive outra escolha naquele momento. Calma! Vamos pensar em algo, juntos, assim que chegarmos em casa. Aqui não. Aqui não podemos conversar.

Voltaram para a mesa, grilados.

Zephyr explicara que não se sentiam bem, comeram muito e estavam desacostumados com o vinho. Precisavam descansar. Ludovirick olhou para ambos, desconfiado. Ainda tentou convencer de que seria bom para todos, uma sessão de piano. O que fora prontamente rejeitado por Zephyr, que olhou para a cara de desânimo de Isa. Deste modo, levantaram-se após pagarem a conta, a contra gosto de Ludovirick, foram para Piraputanga.

Durante o caminho, olhando para a Serra de Maracaju, Ludovirick comenta, tentando causar alguma impressão.

– Têm desaparecido pessoas em Piraputanga. Tem algum conhecimento sobre isso?

– Não, senhor. Mesmo porque isso não me diz respeito. Eu não sou policial, nem agente comunitário.

– Não se impressiona pelo fato de desaparecer famílias inteiras? Agora ainda comentam sobre uma tal mulher vestida de preto aparecendo nas praças. Talvez a esse horário, deva ela estar rondando por aí.

- Eu não tenho medo de assombração, senhor Ludovirick.
- Nem a encantadora... Como é o nome dela?
- Marcia.
- Ela não fala? Lembro-me de tê-la ouvido cantar alguma vez.
- Ela somente fala comigo.
- Poxa, que chato, hein, senhorita Marcia. – ele riu, seguido da esposa com cara de bolacha.

Após se livrarem dos vizinhos chatos, que ficaram observando-os entrar em casa, até que as luzes fossem apagadas, foram para o quarto. Acenderam uma vela apenas e se deitaram na cama, um de frente ao outro. Precisavam conversar.

Isa o olhava com os olhos brilhando. Sabia que sentia mágoa por dentro. Uma mágoa que poderia sufocá-lo, assim como ficou no banheiro da pizzaria. Na profundidade desse momento, ela tentava evitar o mundo exterior, mas dentro de si, sabia as respostas, apenas não podia dividir com ele. Nas batidas de seu coração, movido pelo sangue de Zephyr, ela sabia que nada estava bem.

- Gostaria que me respondesse algo, com toda sua sinceridade.

Ela esperou em silêncio que ele fizesse a pergunta.

- Qual seu sobrenome?

Jamais diria. Não estava ali para isso. Pediu perdão em pensamento. Implorou aos deuses que lhe dessem o perdão, assim como ele tinha seus próprios segredos, este era um que Isa não dividiria com ninguém.

- Me perdoe, Zephyr. Eu não me lembro. Sabe que muita coisa ficou para trás em minha história. Meu nome é uma delas.

Ele não tinha argumentos. Se ela disse não se lembrar, não teria como duvidar ou forçá-la a dizer o que ele esperava. Preferiu dormir.

Isa passou a ajudá-lo na funerária. Sentia medo de tocar nos mortos, mesmo sabendo que assim seguia seu destino. Talvez não quisesse aceitar a realidade. Doía saber que não tinha uma vida normal.

No final do expediente, Zephyr a chamou para tomar tereré na varanda.

- Sabe, estava pensando em ir até Campo Grande, comprar algumas roupas novas, dar uma volta no shopping, o que acha? – ele precisava ir buscar a carta que Y o instruíra na última carta colhida no cemitério. Chegara o dia. Jamais iria deixando-a sozinha na casa. Esperava que ela topasse para se sentir tranquilo.

Ela ficara surpresa, afinal, isso era ter a sensação de viver um pouco alguma normalidade.

- Sim, claro que aceito.

– Acho que será bom sairmos um pouco dos olhos de seu tio.

– Sim, boa ideia. Quando vamos?

– Se quiser, podemos pegar um trem hoje mesmo e dormirmos por lá.

– Nossa, uma aventura. Aceito.

– Os trabalhos aqui estão todos adiantados. Podemos ir tranquilos.

Ela piscou o olho, subindo para o quarto, a fim de arrumar uma mochila.

Meia hora depois seguiram para a estação.

Caminhando na estrada, apreciando o pôr de sol alaranjado, ele tocou na mão dela.

Isa olhou para a mão que segurava a sua e fez de conta que não tinha percebido.

– Sinto falta de andar assim, de mãos dadas. Meu sonho era ter alguém que pudesse sair comigo por essa estrada, diante do crepúsculo quase surgindo. Olhava os turistas fazendo isso com suas namoradas e achava o máximo.

– Nunca teve uma namorada?

– Na verdade, sim, mas não considerada desta forma naquele momento. – ele quase contou sobre Y.

– E o que virou dela?

– Nada mais que momentos.

Passando pela Serra de Maracaju, viram macaquinhos trepados em árvores, fazendo algazarras.

– Temos muitas lendas por aqui.

– E você acredita nelas?

– Sim, por que não? Eu vejo tanta coisa que as pessoas não acreditam.

– O quê, por exemplo?

– Almas. Místico, nada físico. São forças pálidas em ambientes cobertos por citações bíblicas tão cheias de pesar. Toda semana pessoas morrem afogadas no rio Aquidauana. Não pedem permissão para entrarem. Antigamente, muito tempo atrás, escravos foram trazidos para cá, para trabalharem atrás de minerais. Após o trabalho, os donos das terras jogavam-nos, amarrados a uma pedra pesada, no fundo dessas águas. Pode-se ouvir, durante a noite, o lamento dos escravos, que até hoje suplicam por ajuda. Aquele que ouvir e não fizer oração ou pedir licença para entrar na água, é arrastado para o fundo do rio, jogado nos vários buracos com redemoinhos. Lá estão as almas vingativas daqueles que hoje se tornaram os donos de todo o rio Aquidauana.

– E você já ouviu o lamento dos escravos?

– Não. Eu não tomo banho em rios. Sou antissocial, não me adequo nem com a natureza.

– Deveria aproveitar mais o sol, a água desse lugar. Não acredito que nunca tenha feito rapel ou

trilha na serra?

– Não. Não tenho tempo para essas coisas. Veja. – apontou para um trem abandonado. – Aqui, neste local, se vir nas sextas de lua cheia, verá os antigos senhores dos canaviais e carvoaria. Eles se encontravam nesta velha estação para falarem sobre as cotações e preços de mercado. Eu já ouvi e vi muitas vezes essas almas conversando dentro desse antigo vagão abandonado. Estão sempre lá com seus chapéus brancos e ternos impecáveis. Posso te trazer aqui algum dia desses para comprovar que não estou inventando.

– Acho uma boa ideia. – ela sorriu. No fundo, sabia que Zephyr não mentia.

Minutos depois, estavam dentro do trem com destino a Campo Grande. Silenciaram durante o trajeto. Cada qual dentro de seu universo.

– Você gostaria de ir ao cinema? – ele perguntou, olhando para as reações dela.

– Por que não?

– Não sei. Talvez queira curtir algo melhor.

– Podemos ir ao cinema.

Ela gostaria que Zephyr definisse o estado de importância. Talvez ele não soubesse ainda que seus órgãos imploram pelo toque dele.

Os olhos dela o sufocam. Pareciam de vidro e entravam nos dele como se fossem furá-lo. É um crime verdadeiro dizer toda a verdade? Ele sabia que não poderia tocá-la. Sangue seria derramado. Mas estava prestes a ceder.

Ao chegarem, foram direto para o shopping Campo Grande, o maior da cidade. Lá, Zephyr sentia-se melhor, pois as pessoas não olhavam tanto para seu visual, e se olhavam era por admiração e não mais para dizer que ele faz parte com o demônio. O único demônio com que dividia algo no momento era com Lilith, que andava sumida e ele não sabia dizer o motivo. Mas sentia a presença dela aonde ia.

Após saírem da praça de alimentação, subiram para o segundo piso e foram ver o que estava passando no cinema. Ambos optaram por um filme de terror. Sentaram-se com as pipocas e refrigerantes. Divertiram-se entre olhares e pequenos toques. Na verdade, estavam felizes por estarem ali, acreditando que a vida era apenas aquele momento.

Num momento de êxtase durante o filme, ela derrubara, sem querer, refrigerante nele. Tentou limpar, se lamentando pelo ato. Com um lenço branco cheio de bordados, ela passou na roupa de Zephyr, que a olhava hipnotizado pelos gestos delicados. Uma pequena Eva. Tocou nas mãos dela sem intenção. Reforçou o olhar, procurando por respostas. Ela retribui na mesma medida. Ficaram pálidos. Sem graça. Ajeitaram-se em seus assentos e ambos retornaram com as cabeças fixadas para o telão, sem enxergar o que viam. Apáticos. Assim nascia algo entre duas pessoas que não estavam

predestinadas a se amarem?

Após o filme, pegaram um táxi e foram para uma pousada em frente à igreja Santo Antonio. Estariam próximos do centro e em local seguro, apesar de ter muita prostituição e usuários de drogas àquele horário nas ruas. Mas não tinham como correr disso, afinal, podia não ser comum em Piraputanga ou Aquidauana, mas nos grandes centros faz parte de uma rotina.

Ocuparam o quarto. Zephyr pulou na cama, provando a aderência do colchão. Chamou-a para perto de si. Com delicadeza, ele se sentou no lugar indicado. Ele a abraçou, tentando se convencer de que ali estava apenas sua protegida. A cria que jamais poderia tocar. Mas um calor profundo tomava conta de seu corpo, como se pudesse queimá-lo.

O coração de Zephyr pesava, no mínimo, uma tonelada. Pés de exércitos martelavam na cabeça de Isa. Ela não se importava em ser sua protegida, desde que ele a tocasse.

Os olhos novamente se cruzaram. E sabiam que estava se tornando impossível não deixar acontecer.

– Já fora antes em algum motel? – ele quis saber. Talvez um dia acorde do sonho que ela ia e vinha, sabendo que tudo isso não passa apenas de um sonho.

– Que pergunta... – ela sorriu, sabendo que ele queria saber algo que não tinha coragem de perguntar. Desejava que ele descobrisse sozinho, desabotoando sua camisa e revelando algo que ele jamais saberia se não ousasse. Não era apenas a menina boba de meias listradas que surgia em seus sonhos.

– Apenas uma curiosidade. – ele viu que ela sabia exatamente onde queria chegar.

– Quer saber se sou virgem, é isso? – foi direta e impulsiva. Dormiria sobre vidros quebrados, cortando a pele, amenizando o sofrimento, se ele a deixasse.

– Bem, esta não foi a pergunta, mas já que tocou no assunto... Fale, se sentir à vontade. – não era mais importante descobrir o que ela fez um dia. Sentiu desejo de viajar pelo corpo dela, coletando momentos absurdos para prová-la que também aprendeu a amar.

– Não, Zephyr, não sou. Já tive namorados e... – foi interrompida. Ele não desejava saber sobre seu passado. Ele a queria no presente. Quente, delicada, assim como ela se apresentava aos olhos que não saíam de cima de seu corpo de pequena Eva vulnerável. Queria levar até ela, beleza, alegria, enfeitar os olhos tão tristes de boneca do século passado.

– Ok. – disse num desconsolo. Sentia-se angustiado por não receber do mundo a permissão que esperava. Ensaçou levantar a mão para tocá-la, não seria surpresa, eles se tocavam de vez em quando, mas jamais como homem e mulher, e agora, era tudo que queria.

– E você, tem, teve ou namora alguém? – ela quis saber, colocando no rosto um sorriso malicioso. Queria saber também onde estava aquele silêncio que aproximava um beijo que ele lhe

prometeu no olhar, dentro do cinema.

– Por que me pergunta isso? – era mais que provável que queria saber sobre seus segredos.

– Well, pelos arranhões nas costas. – mordia-se por dentro de saber que ele dividira momentos com aquela que retinha seu corpo.

Ele tossiu, disfarçando. Ela já tinha visto, mas não queria tocar nesse assunto.

– Prefiro não comentar. – então sentiu uma distância tão perto de si. Por dentro, a voz de Lilith pedindo que ele fosse sincero e confessasse sobre a escravidão de seu corpo e alma, entregues a ele.

– Tudo bem, respeito. – por nenhum minuto respeitaria, na realidade. Ele desviava os olhos e isso era quase como uma violência, ferindo-a, martirizando-a. Onde estava a coragem que lhe encantara?

– Que tal um vinho? – disse ele, animado, para tentar desviar o assunto. Estava morrendo por dentro, o desejo o jogava nas paredes, enquanto a voz da deusa o pegava de raspão, ferindo-o – *Não pode, Zephyr. Pertence a mim! Está me ferindo! Está me corroendo... não permitirei te perder!*

– Onde achará vinho a uma hora dessas?

– Logo na rua de baixo tem uma conveniência. Posso ir buscar, só não prometo o gelo. – ele desviou os olhos, sem jeito. Lilith estava ali. Ela não permitira. Ela tem as chaves e faz dele o que bem quer. Ele se envergonharia diante de Isa. Estava fadado ao fracasso.

– Topado. – ela sorriu, sentindo a impressão de que nada daria certo. Ele já tinha entregado o recado através do olhar. Não enfrentaria seus temores para tocá-la. Não pularia do penhasco com os braços abertos para encontrá-la. A outra o domina.

– Fique aqui, volto em dez minutos. – saiu tristonho, sentindo-se oprimido pelo vácuo que Lilith provocava dentro de si.

Deu passos, absorto em sua angústia. Não tinha o direito de se sentir pleno. Olhava seus sapatos enquanto caminhava, não era digno da pequena Eva. Magoaria o coração de Isa, se a tocasse e depois tivesse que voltar atrás, esquecendo o que acontecera.

Como num insulto. Lilith surgira ao seu lado. Caminhava sobre nuvens turbulentas e seu olhar era de fúria. Derrubava os latões de lixo da cidade, antes mesmo de passar por eles. Paralisou as pernas de Zephyr, para que ele pudesse sentir seu domínio. Ele encostou-se ao muro e encarou a dona, que clamava por atenção.

– Sabe bem que não comando o que sinto? – disse ele, tentando ser sincero.

– Mentiu para mim, anjo negro. – ela estava desapontada. – Poderia te dar esta cidade. Eu lhe daria o mundo, mas você não é digno. – ele sentiu o cuspe em seu rosto. Ela estava afetada pelos sentimentos inesperados.

– Sinto muito. – ele realmente sentia.

Lilith rasgou a roupa dele, tentando agredi-lo.

– Vamos! – disse ela, desejando o corpo que a ela pertencia.

– Não posso... – resistia, ele sabia que seu *não*, não era uma banalidade verbalística, era a fé e a certeza de que tudo deveria parar por ali. Lilith era ladra de almas, usava seu corpo e o de todos que a ela cedia.

– Eu exijo! – mostrou-lhe o seio. Zephyr apenas olhou, com a decisão certa de que acabara. Ofereceu seu colo, para que ele se sentisse em casa. Traidor! Jurava mil vezes. Dominava a violência como dona de si, nada temia. Faria sua raiva se transformar em lágrimas quietas que desciam agora, silenciosas. Chorava. Zephyr sentia o cheiro do sangue escorrendo na pele branca. – Você ainda me faz rir de meus medos íntimos. Te pedi que não me fizesse sangrar por dentro.

Dos lábios escorria o sangue também, como se algo dentro dela realmente tivesse se ferido.

– Você é uma deusa, vai passar.

– As dores dos deuses jamais passam.

– Não sou ninguém. Não tenho nada para lhe oferecer.

Ela o olhou com desdém. Não o perdoaria. Jamais chorara na frente de alguém. Humilhada, cuspiu fogo próximo a ele. Grunhiu e desapareceu.

Ao chegar à pousada, Isa havia adormecido. Zephyr tomou o vinho sozinho, enquanto a olhava descansar. Pegou um papel e passou a compor letras de músicas, dedicando a ela. Por um momento, sentia-se triste. Sentia a angústia de Liith. Realmente chegara ao fim. Algo dentro de si já havia definido seu destino, faltava apenas a sorte e o encontro de possibilidades.

O dia amanhecera muito quente em Campo Grande. Tinham muito o que fazer, mas preferiram um passeio pelo horto florestal até que desse o horário do almoço. Ele estava ansioso pela carta, mas não podia dar bandeira.

Foram caminhando do hotel. Por um momento, Isa acreditou que Zephyr a estaria evitando. Não acontecera nada de tão comprometedor, reconhecia, mas os olhares diminuíram. Não o olhar que se olha querendo conversar, mas aquele que olha querendo enxergar.

Chegando ao parque, procuraram um banco vazio debaixo de alguma árvore. Acharam uma mesinha de cimento com quatro banquinhos fixos no chão. Zephyr olhava seriamente para o vazio vasto.

– O que há? – ela teve coragem de perguntar, percebendo a distância nele.

– A humanidade sofre de uma terrível instabilidade. Eles não sabem, mas estão presos a algo invisível.

– Somente a humanidade?

– Não. Todos que cedem à destruição.

– Sente-se oprimido? – ela procurava encontrá-lo dentro de onde ele estava.

– Sinto-me sem saída. – ela podia sentir o calor poente em seu rosto.

– Às vezes, a saída é você mesmo. – ela podia ver um círculo sangrento vindo do horizonte. Esta era a dor de Zephyr, perdido entre o coração e a razão.

Isa tem a sabedoria em seus olhos enfáticos.

– Se eu disser que não quero, estou enganado. – disse ele, não se importando em como ela iria interpretar. Ela já sabe a verdade de todas as mentiras não ditas.

– Arrisque-se. – o rosto estava sério e o vento era bom.

– Queria poder não ferir ninguém. – ele olhava para os lábios dela, cor de morango.

– Eu venderia meu anjo por um sonho. – ela sorriu e tudo se iluminou para Zephyr.

– Eu perderia meu amor próprio para ver girassóis nos olhos de quem pudesse fazer feliz. – tocou nos lábios dela. Pareciam pêssegos avermelhados. O rosto no formato de maçã. O maxilar que aderiu a necessidade de ser tão linda. A leve cova no queixo.

– Deveria ouvir as vozes que te contam o que fazer. – ela insistia.

– As vozes olham em nossos olhos e só sorriem para você. – ele tocou nos dedos dela, beijando levemente o menor. Fazendo-a arrepiar.

– Eu não desisto dos meus sonhos. – ela sorriu encantadoramente. – Eles são tudo que tenho.

– Onde estão seus sonhos, pequena Eva?

Ela juntou coragem para dizer. Olhou para baixo por alguns instantes, tímida, voltando a se perder na vastidão extensa e escura dos olhos dele.

– Dentro de você.

Alguns demônios ouviriam aquele pronunciamento. Lilith deixaria seus guardiões soltos em todos os lados que pudessem estar. Uma forte ventania tomou conta do parque, varrendo as folhas que caíam no chão. Alguns galhos beijavam o alcance de tudo que era possível. Trovões bradavam no céu. Ela escutou.

– Vamos, vai chover. – ele a tirou dali, abraçando-a forte, sentindo o cheiro dela que o tomava por completo. – Vamos almoçar. – completou, tentando se distrair do que estava sentindo.

Estou morrendo por ti, anjo negro. – Zephyr ouviu o lamento da deusa apenas para si.

Liberte-me! – ele suplicou em pensamento.

Jamais! – ela relutou. *Se tocá-la ou der seu sangue a ela, diga adeus à humanidade. Eu estou bem, mas você está em perigo.*

Ele estremeceu. Sabia que ela não estava mentindo.

Passou o resto da tarde ao lado, mas distante de Isa. Não importava o que ela pensaria, apenas sabia que precisava temer ao que estavam sentindo. Existem coisas que são proibidas, como a bendita maçã que Lilith um dia provou no paraíso. Venceria esta tentação e trataria Isa como a uma irmã, pois era exatamente assim que iniciou a missão de cuidá-la, mesmo sem saber o porquê.

Chateada, ela não perguntou nada, apenas se recolhera em seu canto mórbido dentro do hotel, no lado da cama que lhe pertencia, fingindo assistir televisão. Notara que ele não lhe dera sangue. O dia de tomar venceria hoje. Angustiava-se. Os olhos tremendo de solidão eram o reflexo do que conseguia ver de si, se pudesse se olhar no espelho. Ele não arriscaria. Ele a deixaria.

Por seu lado, Zephyr se ocupava do second life, no pequeno computador do hotel. Queria fingir não saber quem era, para não se obrigar a fazer o que tinha de ser feito. Precisava saber o que tinha na carta. Não suportava a espera.

Caiu a noite.

Haviam combinado irem ao Bar-Fly. Arrumaram-se com as roupas novas que compraram, calças pretas e camisetas de bandas, mas mal se olhavam. Clima pesado.

O Bar-Fly é um ambiente onde se toca bandas covers de rock, blues e derivados. Também há opção de sinuca, para quem se aventura. Ambiente sombrio com luz diminutiva. Indo em direção do palco, quase não se via os rostos das pessoas, apenas quando saíam dali e iam para o lado do banheiro ou sinuca.

Entraram calados. Ao passarem pelo salão, percebendo muitos olhares masculinos olhando para Isa, Zephyr segurou sua mão. Ela olhou as mãos entrelaçadas. Olhou para ele, que a olhou sem graça, mas não soltou sua mão. Foram em direção ao palco. O som era de qualidade e o público delirava.

Eles se posicionaram no canto direito, próximo ao palco. Zephyr colocou-a na sua frente e segurava em seu ombro.

– Vou buscar bebidas. – disse ela.

– Não. Fique aqui, eu vou. – estava próximo das 23 horas, como no combinado na última carta.

Nem houve tempo de contestar. Ele saiu em seguida. Ela queria dizer que ele não era seu dono. Sentia vontade de afrontá-lo.

Entrou no banheiro. As luzes apagadas. Olhou no espelho, sombras escuras surgiam. A adrenalina tomou conta do seu ser. Contou a terceira porta, abriu, entrou. Achou a caixa da descarga e, dentro, uma embalagem de papel preto guardava a carta. Pegou com o coração acelerado. Sentou-se no vaso para ler.

Eu não tenho outra saída. Sei que entregou sua alma a alguém que não merece sua dor. Estarei pronta, quando for o momento de partir, deixando para trás o sonho antigo de dividirmos

um manto negro que cobrisse de nós a verdade de quem somos. Preciso confessar meus segredos e te fazer entender o motivo de termos nos encontrado um dia. Meu pesar tem um motivo e este somente virá na hora certa. O relógio agora aponta para nós, estamos sob a mira de seu ponteiro, que deseja atravessar o peito, revelando as razões. Está cada vez mais perto da verdade. Tão logo não poderei mais me comunicar, nem de longe, nem de perto. Nem por escrita, nem pelo pensamento. Estaremos entregues ao destino que não quer nos unir. Estamos em mundos diferentes. Existe um véu entre nós que nos impede de vermos o rosto um do outro, como verdadeiramente somos. Mas olhe para quem está ao seu lado e sinta a minha presença dentro da luz azul dos olhos, lá existe amor. O amor que explicará quando não puder dar seu perdão. Eu o perdoo por não poder me amar livremente. Mas não me perdoo por não poder falar olhando em seus olhos, sem saber quem sou. Sem poder te tocar, dizendo por que vim, me perdoe. Sim, tenho a missão de protegê-lo através do amor. O amor que vence até mesmo a morte e mundos diferentes. Olhe nos olhos de quem te ama e me sinta. Estarei lá, onde houver amor por você. Para todas as coisas existe uma explicação. Nada, até agora, foi um acaso. Muito sangue será derramado em nome do amor. Eu estarei lá, ainda assim, no sentimento de quem te ama.

A próxima carta você procurará na sexta-feira, no mesmo cemitério, porém, no túmulo que te abrigará dos vivos. Escute apenas os sinais e saberá.

Eternamente, Y.

O gelo seco tomou conta do ambiente. Nada se via, a não ser nuances.

Zephyr já estava voltando, quando passou a ter visões das almas que ali estavam. Sabia que eram elas, pois não estava drogado e era impossível ninguém se admirar do aspecto que tinham. Pessoas sangrando com os olhos totalmente brancos surgiam a cada minuto na sua frente. Alguns passaram através dele e o que sentiu foi apenas um misto de tristeza e muito frio. Ele pensava na carta. Nos olhos azuis. No amor de quem sente por ele.

Continuou andando, solitário no meio das pessoas que não notavam sua presença. Deparou-se com outro ser, estava deitado com a cabeça virada, os olhos espatifados, saltando para fora, Uma jorrada de sangue saía de sua cabeça. Aos poucos, outras almas deformadas foram se juntando ao redor daquele corpo, arrancando seus membros e órgãos. Olhavam com terror para Zephyr, apontando o dedo em sua direção.

Culpado... Culpado – diziam em coro uníssônico.

Esfregou os olhos para ver se conseguia ver onde estava Isa e nada via, além da fumaça de gelo seco. Os olhos azuis... Precisava dela. Ouvia ecos, mas não era da música. Gritos o compeliavam. Sentiu que alguém o tocava, mas nada via. Sentia-se atacado espiritualmente. Eles estavam por todo

o lado. Ela não estava em lugar algum.

Velas... – um deles pediu.

Água... – ouvia-se o lamento.

Os olhos continuavam a procurá-la por todos os lados e, ao encontrá-la, sentiu o sangue pulsar. Os olhos azuis da cor da violeta quando anoitecia. O amor estava lá, precisava dele para se redimir por ter abandonado Y. Alguém conversava com Isa, tocando em seus cabelos. Acelerou os passos. Suava frio. Ninguém pode tocá-la. Chegando perto, ele enfiou-se entre ela e o cara e puxou-a pela mão. Olhou-a firme nos olhos, precisava dizer assim, que esses quinze minutos foram eternos. Levantou seu queixo para perceber melhor o sentimento contido nela. Olhou nos lábios de amora, ninguém a beijaria, lá tinha o amor que o protegia. O anel da cor carmim, brilhava. Precisava daquela menina. Era só uma menina. Não podia perdê-la.

Ao voltarem para seus antigos lugares, ele a colocou de frente para si.

– Por que saiu daqui? – estava transbordando de ciúmes.

– Você não me disse que estava proibida de conhecer pessoas.

– Qual o preço a se pagar para termos uma noite tranquila?

– Me fazendo sentir e entender o motivo de te pertencer.

Iria confrontá-la, mas desistiu, afinal, sentia-se do mesmo modo nas mãos de Lilith, que insistia em dizer que ele a pertencia. Ela não sabia da carta, não teria como explicá-la a necessidade pelo o que ela tinha nos olhos.

Ficaram por mais duas horas, até o momento de acabar o show. Saíram e, antes de chegarem à pousada, compraram vinho.

– Se não se importar, tomarei um banho. – disse a ele, antes de se sentar para tomar o vinho e discutirem mais uma vez o porquê de não estarem juntos. Ela ainda se sentia chateada, mas preferiu não comentar que era melhor dormir a filosofar sobre relacionamentos inexistentes. Fechou a porta do banheiro, arfando enquanto se lembrava de todas as palavras trocadas hoje, durante a tarde no parque.

Não tinha se esquecido de levar para o banheiro a camisola preta e a pantufa de morcego. Não trocava roupa na frente dele. Retirou sua roupa e entrou no chuveiro. Sentiu uma mão tampar sua boca, quase a sufocando.

– Não grite, menininha morta... Não sabe do que sou capaz... Se ficarem juntos, eu esfolarei sua alma. Com uma das unhas, passou a rascar frases nas costas de Isa, que apenas chorava, abafando a voz ao sentir a ardência do sangue saindo da pele. – Ficaré linda com as costas riscadas. Abusa, porque sabe que nada posso fazer a você. Tem o sangue de meu amado nas veias, mas é por pouco tempo... – ela ria.

Assim, como apareceu, sumiu. Isa ainda não conseguiu assimilar direito o que aconteceu, apenas sabia que o demônio já estava atento, e que por mais que ela e Zephyr estivessem se sintonizando, algo daria errado no final. Não sabia como agir nessa situação, pois se sentia cada vez mais próxima de Zephyr.

Lá pelas tantas da madrugada, após o último copo de vinho. Eles se entreolham. Talvez não pudesse ser naquele momento, mas algo a mais pintara de repente, e se tornou difícil manter a vigilância. Isa já havia esquecido o recado dado por Lilith. Os olhos negros de Zephyr pareciam enfeitiçar suas retinas. Ela o achava tão bonito que não se cansava de olhá-lo.

– Por que me olha assim? – ele bateu levemente o dedo sobre o nariz dela. Venha aqui e viva a minha vida.

– Te... acho atraente... – era difícil sentir que era apenas uma boa companhia.

– Eu? Atraente? – ele riu. – Como me acha atraente? Sou o cara mais estranho da face da terra. – talvez fosse por isso que se instalara, sem dar aviso, um sentimento que o deixava cego.

Ela não riu, nem fez cara de quem achou aquilo engraçado.

– Eu não te acho nada disso. Desde sempre te olhei como te olho agora. – ela se sentia uma estranha em sua própria pele. Seus lábios lamentava pela falta do beijo que ainda não acontecera.

– E como me olha agora? – ele chegou próximo a ela, os corações estavam acelerados. Poderiam ter escolhido evitar, mas optaram por conhecer, mesmo que o vinho tenha os encorajado.

– Como se pudesse... tocá-lo. – disse, escondendo a timidez.

– E por que acha que não pode me tocar? – disse ele, segurando a mão dela, colocando em seu rosto.

– É que... – ela não contaria o que aconteceu, mas inventaria uma desculpa. – Eu...

– Você, o quê? – disse ele, chegando mais perto.

– Eu sou tímida.

Ele aproximou-se tanto, que ela podia sentir sua respiração, arfando em contato com a pele branca que o queria tanto. Tocou os cabelos finos com a ponta dos dedos e sorriu. Olhou novamente para os olhos de anjo e beijou-os, um de cada vez.

– Você parece um anjo.

Ela sentia seu hálito quente rente aos lábios dela. Estava tudo bem, mesmo se houvesse uma tempestade lá fora, porque ele estava com ela e a queria... Isso era a única coisa que importava.

– Eu sempre...

– Eu também. – confessou ele, arriscando um selinho muito leve. O sopro de um anjo. Ela sentiu levemente o anjo pousando em si, denso e maravilhosamente, quando os lábios sedentos se

aproximaram novamente. Era um misto de descoberta com algodão doce. Os toques, os cheiros. Não demorou muito para que se despiassem e se entregassem um ao outro. Assim que se despiram, eles se entreolharam ao perceber que tinham nas costas a mesma frase que Lilith havia riscado nela, no banho. Sabiam que tudo que era acometido em um, o outro receberia na mesma proporção. Lilith não fez cerimônia em deixá-los ciente de que estaria com eles, mesmo se humilhando perante a paixão intensa que acabara de brotar. Diminuiria, se preciso, entre o desejo que pedia para ser realizado, proibido, profano, mas ambos não conseguiam mais dizer não. Durante o ato que tanto ansiavam em segredo, as mãos se buscavam infinitamente, entre beijos e carinhos jamais sentidos antes. Era como se fosse a primeira vez na vida. Pequenas juras eram ouvidas, sussurros e pedidos.

O ventilador de teto ligou sozinho e as luzes piscaram. Continuaram a se amar, até que a televisão caiu de onde estava. Assustados, foram interrompidos, trazendo-os à realidade. Eles se cobriram. Ambos sabiam do que se tratava, mas preferiram não comentar nada. Apenas aceitaram que não seria dessa vez. Ele a abraçou e a trouxe para perto de si.

– Está tudo bem... – sussurrou. Estamos juntos, isso é o que nos resta. – ela realmente era sua redenção. Ele não sentia o fardo tão pesado agora, porque não se sentia sozinho. A carta estava certa. Y não se enganara. Ela tinha o amor, não somente nos olhos, mas no corpo e em todo lugar que ele tocasse. Mas jamais poderia se esquecer... estava morta e, ainda assim, viva de alguma forma.

Dormiu sentindo o calor do corpo pequeno junto ao seu, protegido, como se fosse uma concha repleta de pérolas.

Acordaram cedo e procuraram por uma loja de banda de rock. Encontraram uma na Avenida Afonso Pena e fizeram algumas compras. De lá, seguiram para o parque dos indígenas. Sabiam da atmosfera mística que tinha por lá. Queriam viver isso de perto. Tiraram fotos e talvez formassem um belo par de namorados, se a vida deles não fosse tão complicada. Sentaram-se no gramado para ver as imagens e, para a surpresa de Zephyr, Isa não saía em nenhuma das fotos, o que a deixara entristecida.

– Não fique assim. Não tem importância, você não precisaria sair nas fotos. Estamos aqui vivendo uma realidade, foto é só uma imagem congelada. A melhor lembrança está no desejo de acontecer novamente. Isso nos basta. – ele disse, olhando para o céu dos olhos dela, com novo desejo percorrendo seu corpo.

– Está realmente gostando de minha companhia?

– Muito. – ele confessou, beijando as mãos dela.

– Sorry, pelo desconforto. Eu só queria muito ser um pouco normal, assim como você, e fazermos, juntos, coisas legais.

– Estamos fazendo coisas legais, juntos.

– É verdade. – ela sorriu, aceitando o consolo.

Levantaram e seguiram para o mercadão central, onde almoçariam próximos dali, mas antes de irem para Piraputanga, levariam a erva crioula para o tereré-santo-de-cada-dia.

Dentro do mercado, eles andaram cada um em uma ala, observando as iguarias. Nos vãos entre uma sessão e outra, entreolhavam-se. Algo já está instalado, ele a desejava a cada segundo. Pensou Zephyr. Ela era encantadora, doce e tudo que uma garota deveria ser. Comprou um botão de flor e deu a ela no próximo vão entre as barracas, foi pega de surpresa. Ele a abraçou, rodopiando no meio do mercado.

– Pequena Eva. – disse ele, olhando para os olhos azuis.

Ela sorriu e os lábios foram tocados por beijos. Beijaram-se percebendo um sentimento nascendo, sem que pudessem se dar conta da grandeza que já havia se estendido por dentro.

Voltaram para a casa, felizes. Sabiam que estavam assim, desde que perceberam a necessidade de se aproximarem. Vieram se beijando durante todo o trajeto. Enfrentaram o perigo que corriam.

– Vamos ao cemitério hoje à noite? – convidou ele.

– Cemitério?

– Sim, no fundo de casa. O da minha família.

– O que faremos lá?

– Vamos cultuar a noite e agradecer aos deuses.

Ela sorriu. Sabia que essas práticas eram comuns na vida de Zephyr.

Assim que chegou a noite, eles foram para o cemitério. As mãos unidas, as velas acesas, colocaram-se em posição de meditação. Zephyr sentia-se protegido ali. Sabia que era seu santuário e que Lilith não poderia lhe fazer mal algum, pois estavam apenas fazendo o que ele sempre fizera. Após entoar os agradecimentos às almas benditas, ele as viu, saindo do solo, uma a uma, com as mãos em sentido de súplica, carregando uma vela acesa. Os olhos eram perturbadores e olhavam como se quisessem dizer algo. Vestiam longas túnicas brancas e esvoaçantes e cantavam num coro, algo parecido a um mantra. Isa não podia vê-las, mantinha-se com os olhos fechados, confiante nos gestos de Zephyr.

Os dias passaram e eles não se tocaram mais. Havia a presença de Lilith de forma muito forte em tudo que faziam, isso incomodava Zephyr. Ele sentia que algo de muito ruim poderia acontecer e presava pela presença de Isa. Não queria lhe fazer mal, nem tão pouco magoá-la, mas estavam correndo perigo. Sabia que não lhe dera mais o sangue, cobrava-se por isso, doía nele, mas as ameaças constantes amadureceram sua decisão. Ainda que doesse, ele teria que achar uma saída enquanto via sua menina desaparecendo aos poucos, sem achar alguma saída que lhe tirasse daquela

situação.

Encontrava-se sozinho na funerária. Isa foi para o quarto, na intenção de se banhar. Sentia-se acuada por não poder tocar em Zephyr, ele não dera entrada e ela não se ofereceria. Sabia que existia entre eles um demônio que, de alguma forma, era uma criatura coberta pela luxúria, e apossava-se dos órgãos sexuais de quem se relacionava, não abriria mão de Zephyr tão facilmente, ainda mais conhecendo os motivos que a fizeram tão ciumenta. Ele era todo especial. Aliás, era o cara com quem sentiria o desejo de ficar por toda sua vida.

Sentindo a presença dela, ele a procurou com os olhos.

Minutos depois, ela se materializava sobre a maca. Brincava com os aparelhos da funerária, tocando-os em seu corpo nu, seduzindo Zephyr de forma convincente.

– Eu o quero agora. – dizia ela, com o bisturi em sua parte íntima.

Ela o puxou pelos ombros, beijando os lábios dele.

– Essa boca é minha... Só minha. – tocou no corpo dele com o bisturi. – Seu corpo é meu... somente meu. – passou levemente com o bisturi sobre o sexo dele. – Tudo aqui me diz respeito. Ninguém ousa tomá-lo de mim, ninguém.

Ele a afastou, vendo o rosto triste de Isa a sua frente. Não cederia, mesmo que isso lhe custasse muito caro.

Empurrou-a e saiu, não olhando para trás.

– Volte aqui! – disse ela, ordenando.

– Vou fazer o que você quer, não era isso que queria? Que eu deixasse de alimentá-la com meu sangue? – perguntou enfurecido.

– É tudo que quero.

– Sinta-se feliz, ela não tem recebido mais o sangue. Falarei com ela agora. Saia de minha vida! Não te quero mais! – gritou a ponto de intimidá-la.

Capítulo 5

Subiu a escada imaginando como Isa estaria, como se sentia. Não gostava de deixá-la só. Abriu a porta e a viu deitada, estava abatida. Precisava do sangue. Tinha que conversar agora. Infelizmente teria de ser ele a tocar neste assunto.

Chegou próximo dela, ainda sentindo raiva intensa de Lilith, por obrigá-lo a magoar Isa.

- Você não tem nenhuma razão para me perdoar. E quando eu falhar, não te deixarei ir. – disse Zephyr, olhando-a nos olhos. Ele não poderia deixá-la ir, mas não saberia exatamente como impedir.
- Você não me tem dado seu sangue. Deixarei de existir dia a dia, até não restar nada mais.
- Eu estarei aqui, para cuidá-la até o fim.
- Se me quer aqui, não me deixe ir.
- Acharemos uma saída.
- Sabe que não. Sem o sangue, não poderei continuar.

Ele colocou as mãos nos cabelos. Sentia-se pressionado. Temia pelo que poderia acontecer, caso não cumprisse sua promessa. Lilith poderia fazer coisas que não imaginariam.

- Não teremos respostas esta noite.
- Eu vou feder. Meus cabelos irão cair. Minha pele irá secar. Virarei pó.
- Confie em mim, acharemos uma saída. – ele afastou a mecha do cabelo dela.
- Sabe que estamos interligados. Que sente tudo que sinto. Que sinto tudo que sente.

Ele fez apenas um gesto com a cabeça. Sentia-se confuso por causa disso. Sabia o que ela sentia através da ligação consanguínea, que se tornou espiritual. Que se tornou impossível de dividir, separar.

Ele tocou a mão dela, enquanto olhava o gesto.

- Eu sei. Sei que nos tornamos quase que almas gêmeas.

Quando a tocava, sentia sua própria alma.

- Como me deixará ir?

Mãos nas mãos. Olhos nos olhos.

– Para nenhum de nós a história terminará aqui. Eu sei que você sente o mesmo. Sabemos como acabar com isso. Quem irá libertar um do outro? Você ousa?

– Não ousa. – o silêncio dela, após a última palavra, despertou nele o desejo que ela continuasse a falar.

– Então, confia em mim. Acharemos a saída. Não sei quando e nem que dia e se conseguiremos vencer a barreira entre a vida e a morte. Se conseguir se manter firme até lá. Promete que sim?

Ela fez que sim.

– Não chore. – disse ele, ao perceber que os olhos dela estavam brilhantes demais.

– Não chorarei.

Então se lembrou que os olhos estavam brilhantes porque já chegara o momento de receber o sangue e desta vez não receberia. Estariam sentindo um ao outro, até o momento de acharem alguma saída. Depois disso, nada mais sabiam.

– Cure-me antes de me perder? – ela pediu num quase segredo.

Ele sorriu. Aninhou-a. Precisava protegê-la. Pensaria em algo. Não ficaria sem ela, sua família. Ela era sua cura.

Abraçada a ele, adormeceu, sabendo que amanhã tudo estaria diferente em seu corpo e temia ser rejeitada ao se apresentar como uma morta-viva feia, mal-cheirosa e sem vida.

Ele acariciava os cabelos roxos, sabendo que precisariam ser cortados, até que conseguisse achar uma saída. Cairiam muito a cada dia e os banhos de formol voltariam a ser frequentes.

Passaram a semana com dificuldades. Como previsto, o cabelo começara a cair, a pele começara a esverdear e o cheiro fétido estava onde ela permanecia por mais de dez minutos. Corriam contra o tempo para encontrarem uma saída. O único fator mais pungente que acontecera, durante esses dias passados, fora o fato de Ludovirick ter deixado de espioná-los e Isa ter uma maior liberdade para sair um pouco para fora de casa, tomar um ar e pensar no que seria de seu futuro, se é que tinha algum.

A cada hora tomava banhos de formol, o que deixava, cada vez mais, a pele ressecada, escamada como peixe. Por vezes, chorava escondida. Zephyr a encontrava, abraçando-a dizia ser ela a menina mais linda do mundo.

Ainda tentava fazer alguma coisa para não se entregar. Pegou um pano para passar na casa, quando se deparou com algo estranho. A imagem de seu rosto no azulejo da varanda. Era tão nítido, que não tinha como dizer que não fora desenhado ali por um profissional qualificado. Aproximou-se mais, na tentativa de olhar de perto a arte, não tinha dúvidas, fora desenhado por alguém. Ao lado de seu rosto, levou um choque quando se deparou com a imagem de seu caixão, aberto, cheio de pedras. Antes que se desesperasse, pegou um pano molhado com produto de limpeza e esfregou, até quase desaparecer por completo. Minutos depois, a imagem voltava. Repetiu duas ou três vezes o processo de limpeza, até perceber que o desenho parecia estar dentro do azulejo. Ficou inquieta, não podia deixar ali a prova de que era a sobrinha de Ludovirick e que estaria colocando Zephyr em encrencas com a polícia, caso o tio curioso chegasse a descobrir o desenho.

Chamou Zephyr e lhe mostrou. Ele a tranquilizou, também achando muito estranho o ocorrido. Correu na funerária, trazendo o formol, passando na superfície do piso até que desaparecesse por

completo a imagem. Dez minutos depois, lá estava de volta. Entreolharam-se.

– Vamos pintar o piso com tinta preta ou colocar algo sobre o desenho. – teve a ideia, Zephyr.

Ele se levantou para fazer isso, quando deu de frente com a esposa de Ludovirick, já em sua varanda.

– Olá, crianças! Como estão? Estou passando para saber como anda a menina Marcia. Tenho notado que está com aparência diferente... talvez... doente... precisa de alguma coisa? – Rosa olhava de forma estranha para Isa.

Isa balançou a cabeça em sentido negativo, fugindo do olhar.

Rosa se aproximou. Era de dia, Isa estava sem maquiagem, e não teve como Rosa não perceber...

– Meu Deus... Você... menina... É a cara de minha sobrinha falecida, Isabele. Não é possível... Como não pude perceber isso antes. Albina...

– Há algum engano, senhora Rosa. Está completamente enganada. – Zephyr entra na frente de Isa, pisando em cima do desenho no chão, para que Rosa não percebesse.

– Mas eu tenho certeza do que digo, rapaz... O rosto de Isabele era incomparável...

Ela colocou a mão sobre os lábios, espantada, andando de costas, até se virar e entrar para sua casa.

– Estamos ferrados! Preciso pensar em algo e rápido. Ela contará para o marido. Ainda bem que não viu o desenho. Vou pintar isso já. Isa, entre para o quarto e não saia de lá por nada.

Ela obedeceu e ele pintou por cima do desenho.

Ao escurecer, viu quando Ludovirick estacionou o carro em sua garagem. Fico do lado de fora, esperando que ele viesse lhe falar, para não precisar sondar a casa.

Assim que acendeu a luz da varanda para que sua presença ali ficasse visível e o vizinho viesse com o interrogatório, levou um susto. O desenho havia se propagado por todo o azulejo da varanda, como se fosse uma cópia. Atordoados, eles colocaram as mãos na cabeça. Estavam literalmente ferrados. Olhou para a parede e lá estava o desenho maior, uma maximização em potência máxima da imagem. Ele não podia lutar. O cerco estava se fechando. Tudo que fizesse para combater os ataques, eles viriam em tamanho maior.

Antes mesmo de pensar em alguma solução, lá estavam Ludovirick com sua esposa. Ele olhava para os desenhos, incrédulo. A esposa suspirava sem parar, dizendo-se não acreditar no que via.

– Meu rapaz, você está completamente louco? Onde está sua namorada?

– Não está bem. Esta repousando.

– O que significa esses desenhos?

– Eu não sei, apareceram aqui.

– Acompanhe-me. Iremos à delegacia e lá explicará tudo ao delegado.

– Eu não sou tão ignorante assim, senhor Ludovirick. Sei que não pode me obrigar a lhe acompanhar sem um mandato legal contra mim.

– E o flagrante que acabo de presenciar?

– Isso não é flagrante. Não há provas, porque não significam absolutamente nada.

– A prova maior está no túmulo de minha sobrinha. Se tiver a honra acompanhando sua identidade, vamos até lá, tirar a prova dos nove.

– Não posso deixar minha namorada sozinha. Ela não está bem. Isso é capricho seu.

– Pois bem, se não me acompanhar, eu vou sozinho e, quando voltar, estarei com a polícia para te buscar.

– Estarei lhe esperando. – disse Zephyr, fingindo que estava tudo bem.

O velhote saiu com a esposa. Zephyr continuou na varanda até que Ludovirick desaparecesse com o carro.

Aflito, entrou para a casa a fim de contar a Isa o que aconteceu. Precisavam pensar em algo para escaparem dali.

Assim que Ludovirick chegou ao cemitério com uma pá na mão, acompanhado de Rosa, sentira no ar algo estranho, como se a noite estivesse tentando lhe falar algo. Escutou o canto da coruja e essa voando quase próxima ao rosto dele que, horrorizado, espantou-a.

Foram até o túmulo e Ludovirick passou a fazer a escavação, desprezando o mau presságio que sentira. Depois de vinte minutos tirando terra, puxou o caixão com uma corda, quase não conseguindo por conta do peso. Tinha a sensação que o pressentimento de Rosa estaria certo, estava muito pesado para um corpo tão pequeno como o de Isabelle. Como na estranha imagem na varanda de Zephyr, poderia, sim, ter pedras ao invés de um corpo.

Com o coração na mão, abriu o caixão que fazia um barulho de emperro. Um mar de fumaça acinzentada invadiu todo o cemitério. Gritos e risadas eram ouvidos a qualquer distância. Não olhou para dentro do caixão, abraçou sua esposa que chorava e tremia. Um vento forte fazia redemoinho entre os túmulos e muitas almas saíram de trás das árvores e se rastejavam, indo ao encontro do casal.

– Por favor... Não façam nada conosco, por favor! – ele implorava em vão.

Foram capturados pelo redemoinho em fúria, que os arrastou para a maior e mais macabra árvore plantada ali. Viram duas cruzes que estavam sendo fixadas no solo, debaixo da árvore. Quando menos esperavam, os vultos escuros amarraram cordas aos seus pescoços e os levantaram a um metro e meio do chão. O casal gritava na esperança de aparecer alguém para salvá-los. A cidade

parecia anestesiada. Ninguém os ouvia.

Vocês violaram as leis da escuridão... – uma voz horrenda dizia.

– Não, meu senhor, não tínhamos a intenção. Estávamos apenas em busca de justiça. – disse Ludovirick, chorando.

A justiça dos homens os condena! – a voz grave e assombrosa, os advertiu.

Minutos depois, foram posicionados, cada um sobre uma cruz e os corpos foram em direção do chão com toda força, permanecendo a meio metro da terra, sendo enforcados. Os corpos se rebatiam, tremiam, até cessarem e girarem calmamente no ar.

Zephyr resolveu não sair. Esperaria por Ludovirick e sua condenação. Não arriscaria sair com Isa naquela situação. Ela já não tinha forças para se levantar. Tudo estava praticamente perdido. Adormeceu na rede da varanda, de prontidão. Se alguém chegasse para buscá-lo, ele estaria pronto para se entregar a polícia. Porém, o carro de Ludovirick não chegara.

Quando acordou, ainda olhou para o lado da casa e não enxergou nenhum movimento por lá. Achou estranho, mas aguardaria por ele, até sua casa.

Lilith não teria mais aparecido. Estava aguardando Isa deixar de existir. Ela sabia que havia deixado de tomar o sangue e que isso aconteceria em mais ou menos tempo. Já fazia uma semana desde que Ludovirick o denunciaria e, até hoje, não tinha nenhum sinal de vida dele e sua esposa. Aquilo já estava se tornando mórbido.

O que mais se agravou, foi quando Isa passou a dormir a maioria do tempo. Zephyr se desesperava pela impotência. Muitas vezes pensou em dar o sangue a ela e deixar que o pior acontecesse. Mas ainda acreditava que poderia existir outra saída.

Deitado ao lado da pequena Eva, percebeu que ela já tomava o aspecto cadavérico. Chorou em silêncio. Lembrou que a última vez que se sentiu assim, foi quando enterrou seu pai. Estaria só novamente. Ela estava partindo sem que ele pudesse impedir. Segurando na ponta dos dedos ressequidos daquela que lhe roubara o coração, pediu baixinho.

– Fique mais um pouco. Fique... Fique aqui.

Colocou a cabeça sobre os seios dela e abraçou-a fortemente, não se importando com o odor que já exalava no ambiente. Queria que a vida lhe voltasse novamente, como nos dias em que puderam sorrir, olhando um nos olhos do outro. Ainda não tinha lhe dito algo que ficou para trás e que talvez ela nunca ouvisse, se não acordasse.

Cansado de chorar, levantou-se e acendeu uma vela. Olhou a lua e inspirou o ar da noite pela janela. Lilith não apareceu mais. Ela se mostrou cruel, retirando dele sua única família e

desaparecendo como se gostasse de vê-lo se sentir assim.

Ao voltar para cama, percebeu Isa se mexendo. Correu. Correu sorrindo. Ela acordará. Ela acordará. Desejou mil vezes. Deitou-se ao lado do corpo amado, despertando, e se pôs a olhar em direção dos olhos fundos da menina.

Aos poucos, ela pestanejava. Estava sem forças de abrir os olhos. Ele a ajudava com a ponta dos dedos, esticando a pálpebra, para que conseguisse fazê-la acordar.

– Ei, o que pensa estar fazendo? – ela perguntou com os olhos ainda fechados.

Ele riu alto. Riu com vontade. Ela falou.

– Tentando fazê-la entender como é difícil viver sem você. Não tenho mais ninguém. Fique aqui. É cedo ainda.

Ela riu palidamente.

– Do que quer me convencer?

– De que está doendo para caramba.

Ele riu de novo.

– Tem medo de ficar sozinho.

Ele tocou no rosto dela e a fez olhar em seus olhos.

– Tenho medo de ficar sem você.

Olharam-se sem medo algum. A brisa que vinha lá de fora banhava o quarto e arrastava a cortina para o meio do quarto.

– O que está pensando? – ele perguntou.

– Queria dar uma volta lá fora. Ver a lua, sei lá. Você me ajuda a ir até lá?

Ele sabia que não deveriam. Sabia que estavam sendo observados. Mas sabia que se algo acontecesse e ele a perdesse seria muito tarde para se arrepender pelas coisas que deixaram de fazer juntos.

Ajudou-a se levantar e a colocou em suas costas. Como seu pai fazia com ele quando criança. A isso ele chamava carona de garupa. Desceram a escada com um cobertor que cobria a cabeça e todo o corpo de Isa, que seguia engarupada.

Alcançaram a varanda e sentiram o vento mais forte. Ela abriu os braços e respirou o sereno da madrugada.

– Tive uma ideia maluca. – disse ela.

– Qual?

– Descer até o lago e tomarmos banho ao luar.

– Não posso concordar com isso. Sinto muito.

– Por favor?!

- Lá é o local proibido. Já te contei a história.
- Você já foi lá alguma vez?
- Não. Sempre temi, desde criança, quando soube o que aconteceu lá.
- Então... é apenas uma lenda.
- E se não for?
- Jamais saberemos, até nos arriscarmos.
- Ah, almas, onde estou com a cabeça?

Desceram ladeira abaixo, com Isa rindo em suas costas.

Ao chegarem lá, ele a desceu da garupa e a colocou sobre o gramado.

– E agora, o que faremos? – perguntou, olhando para ela, que tinha os olhos brilhantes até no escuro.

– Desceremos a ribanceira e tomaremos banho, ora bolas.

– Tá, tudo bem. Mas, te digo, não sei onde estou com a cabeça. Faremos assim, eu entro primeiro, vejo se está tudo ok e, se tiver, venho te buscar.

– Está bem.

Zephyr desceu a ribanceira, retirando sua roupa pelo caminho. Os olhos de Isa não desgrudaram dele por nenhum momento. Minutos depois, ela escutava o corpo dele caindo na água.

– Zephyr, grite daí, se estiver tudo bem?!

Nada fora ouvido. Nem mesmo o barulho de alguém se mexendo dentro da água. Assustou-se. Sentiu um profundo medo de algo ter dado errado e o lago ser realmente o local proibido da propriedade.

– Zephyr, responda?!

Nenhuma resposta. Sentindo-se ainda debilitada para caminhar. Arrastou-se até um pouco mais para baixo de onde estava, para ver se conseguia vê-lo. Nada vira. Nenhum sinal. Passou a chorar.

– Isso não tem graça, onde está você?

Nada realmente quando tudo se choca com o medo. Estava aflita e perdida.

– Zephyr?! – perguntou chorando.

De repente, ele deu um salto de dentro do lago, respirando profundamente.

– Zephyr, o que houve? – perguntou quase sem forças.

– Há há há, peguei você!

– Sem graça! Não teve graça alguma.

– Ah não?! – ele remedou.

– Não! – respondeu brava.

Ele saiu do lago vindo em sua direção. Estava nu. Pela primeira vez, ela o vê dessa forma, do

jeito que veio ao mundo.

Ele se abaixou onde ela estava. Segurou em seu rosto.

– Saiba que é assim que me sinto toda vez que penso que vou te perder.

Ela chorou novamente. Chorou abraçando-o.

Ele retirou sua roupa, peça por peça, com carinho e cuidado. Daria a ela o presente que pediu esta noite – o banho no lago. Levou-a nos braços até a água. Procurou o melhor lugar que encontrou por lá. Sentiu a areia fina do fundo em seus pés. Assim ficaram abraçados, sentindo o poder que a lua cheia tinha sobre os seres na Terra.

– Eu nunca dancei com alguém. – ela disse, sentindo o corpo dele junto ao seu.

Ele passou a dar passos curtos dentro da água, abraçando-a com os dois braços, erguendo-a até que ela alcançasse sua altura. Sentiam a água cobrindo o tórax, estava morna e confortável.

– Então é assim que se dança?

– Sim. Bem, eu acho que é. – ele riu. – Esta é a primeira vez que danço em toda a minha vida. – confessou Zephyr.

Riram juntos, jogando a cabeça para trás, tamanha era a alegria.

Ao voltarem a se olhar, algo os calou. A chama que havia nos olhos, nenhuma palavra seria passível de ser dita. Estavam vulneráveis como dois bebês que acabaram de nascer. Ele sentiu pela primeira vez, que tinha nos braços uma mulher. Isa sentiu a necessidade de lhe dizer as coisas que jamais disse.

– Eu... – ela ia dizer algo.

Ele aproximou seu rosto do dela, olhando ainda nos olhos azuis, que tinham a pupila desaparecida pela ânsia de beijá-lo. Recebeu os lábios num beijo terno, longe da maldade.

– Fique aqui hoje, até o dia amanhecer... Comigo?! – pediu Zephyr, apertando as costas dela, que se entregava cada vez mais, desejando que assim fosse sua morte para a eternidade.

E quando novamente os lábios se encontraram, o medo deixou de existir. Nada mais existia no lago, a não ser os corpos que se desejavam na entrega incomum. Amaram-se vendo o nascer do sol.

Quando percebeu que os olhos dela já não conseguiam se manter abertos. Retirou-a da água, ainda em seu colo, e a levou para o gramado, vestindo-a e agasalhando o corpo frágil.

– Vamos para a casa? – ele perguntou.

– Não. Vamos ficar um pouco mais. – ela já estava com os olhos fechados. Zephyr temia que eles não se abrissem mais.

Antes mesmo de ele responder, ela se calou. Chorando, ele a pegou no colo e a levou para a casa. Ao entrar na sala, sentiu seu coração abatido. Algo lhe dizia que tudo ia de mal a pior. Ela não voltaria. Deixou-a no quarto. Cobriu-a e desceu para decidir se a daria ou não o sangue. Estava

quase convencido que sim. Que não se importaria mais no que poderia acontecer, caso Lilith viesse lhe cobrar o contrário.

Ao voltar para a sala, para sua surpresa, ela a vê no meio dela. Nua da cintura para cima. Usava um jeans muito justo e os cabelos negros cobriam os seios. Não sucumbiria. Não cederia. Era apenas atração, agora tinha certeza disso.

– Dará seu sangue? – ela foi direta.

– Não lhe devo satisfações. – ele respondeu secamente. Sentia raiva. Sabia que ela estava por trás de toda a tragédia.

Lilith virou de costas para ele, indo em direção ao piano. Levantou a mão, quase tocando-o e, em segundos, o instrumento subiu até a altura de meio metro, caindo novamente ao chão, causando um ruído que acordaria Piraputanga.

– Não me desafie, Zephyr. Você me pertence!

– Não pertenço a ninguém. – respondeu ele, olhando duramente para os olhos daquela que um dia tivera sua vida nas mãos demoníacas dela.

Como num filme, as teclas do piano foram saindo deste, sem que ninguém o tocasse. Subia até o teto, batiam nele e voltavam para o chão, ou eram jogados pelos móveis e cantos da sala. Em minutos, o piano rachou-se ao meio, em plena destruição.

– Assim farei com você. – disse ela, malvada.

– Então faça! – passou por ela, tentando ignorá-la.

Lilith se jogou em suas pernas, tentando se humilhar.

– Não a amo! – disse ele, tirando de seu caminho o corpo perfeito da deusa.

Novamente, ela se jogou contra o corpo dele, tentando beijá-lo, arranhando-o nas costas descobertas. Ele a tirou, continuando com os passos firmes até o laboratório. Tiraria o sangue e daria a Isa. Ninguém o impediria.

– Você não pode fazer isso! – ela gritou. Desesperada, passou a quebrar, com o olhar, tudo que havia na funerária. Retirando até da geladeira, o defunto que ele trabalharia no dia seguinte. O corpo do defunto pairava no ar, sob o domínio da deusa. Quando menos se esperava, ela o jogou com toda a força contra a parede, despedaçando a cabeça e tronco.

– Não faça isso! – ele gritou, furioso.

– Farei pior! – disse ela, segurando um bisturi, cortando-se na frente de Zephyr, que tentou impedi-la, mas em vão. – Agora farei nela! Vamos ver o que sobrar da menininha morta para ser enterrado naquele caixão cheio de pedras.

– Não! – ele se pôs a frente dela, onde travaram uma batalha no chão branco da funerária, coberto de sangue. Cortaram-se durante uma luta de resistência.

Quando percebeu que não venceria o demônio, ele disse com a voz suspirando de exaustão.

– Eu a amo! – dos olhos dele desceram lágrimas pesadas, quentes. – Deixe-a aqui.

Lilith se afastou de Zephyr bruscamente.

– Não consigo acreditar que você teve a capacidade de me dizer isso.

Ele não sabe dizer, mas percebeu que algo tocara a deusa, mesmo que seja apenas uma impressão.

– Isa é minha vida, minha metade, minha família. Eu a amo.

Mas uma vez, o corpo de Lilith fora jogado sozinho para trás, como se uma força pudesse impedi-la de fazer algo a ele ou se direcionar para o quarto onde estava Isa.

– Eu não o perderei pelo que está me fazendo! Sabe que minha resistência está neste sentimento. Deve ter descoberto meu ponto fraco em algum lugar. Deve ter ouvido isso de seus antepassados.

– O que está dizendo? – ela tinha alguma coisa a ver com sua família.

– Infelizes! Não sairão jamais de onde estão! Estão todos lá, presos, serão meus escravos por toda a eternidade.

Ele não podia acreditar no que ela dizia.

– Duvida, humano? Idiota! Canalha! Olhe para aquela parede.

Estendendo as mãos sangrentas, ela mostrou, na parede branca, cenas terríveis. As pessoas sendo acorrentadas, levadas como animais para um local coberto por fogo e sangue. Havia gritos e súplicas. Meio a uma multidão de desgraçados, o rosto de sua mãe, tio e avô. A imagem fora retirada da parede, onde agora só era perceptível, a tinta branca que a cobria.

– Para saber que não estou brincando, daqui a pouco mesmo, você receberá muitos clientes na funerária. Estarei limpando esta cidade e a culpa é toda sua. Como a culpa é toda sua por sua família padecer na escuridão. Se colocar uma gota de seu sangue nas veias amaldiçoadas daquela infeliz, destruirei esta cidade, chegando a Aquidauana, e a culpa... A culpa é sua.

Em uma gargalhada, ela desapareceu da funerária.

Desesperado, colocando as mãos entre os cabelos, ele tentava pensar em tudo que fora dito. O sentimento que sentia por Isa impediu Lilith de prejudicá-los fisicamente, porém, ele não poderia dar a menina seu sangue, caso contrário, a cidade seria arruinada instantaneamente. Não sabia como libertar as almas de sua família, que estavam sobre sua tutela na escuridão. A impotência lhe tomara posse.

Chorando uma angústia abatida, foi até o baú e retirou de lá o vestido de noiva de sua avó. Como gostaria de vê-la assim, casando-se com ele em algum lugar que escolhessem. Delicadamente, tirou sua roupa, colocando o vestido, abotoando os botões de pérola, enquanto lágrimas pretas

pingavam no branco do vestido. Avistou o porta-joias, abriu, a música melancólica invadira o local, a bailarina fantasma corrompia, parecendo sorrir. Um sorriso deprimente, que estampava a insatisfação por ser quem era. Zephyr pegou o anel de seu avô, trouxe para junto de sua noiva morta. Olhou as mãos dela, o anel era idêntico. Nunca soubera a origem dele, apenas conhecia a incrível semelhança entre as joias. Beijou os dedos de Isa, trazendo-os próximos dos dele, segurando-os como se estivessem colocando no dele, o anel do avô. Assim que colocou, juntou as mãos. Sentia-se seu noivo, mesmo separados pelos mundos diferentes, como dizia a carta de Y. Beijou sua noiva.

Sentou-se no chão com a cabeça baixa e não sabe por quanto tempo permaneceu assim. Horas depois, ouvia alguém lhe chamar pelo lado de fora. Limpou-se rapidamente. Colocou um jaleco. Ao atender, percebeu uma criança de menos de um ano de idade nos braços da mãe, que chorava desesperadamente.

– Minha filha está morta.

Ele olhou para a menina e percebeu os olhos estatelados e o pescoço degolado. Um corte profundo que mais parecia ter sido feito por um bisturi.

– Como isso aconteceu? – perguntou desnorteadado, temendo a resposta.

– Quando acordei hoje pela manhã, ao entrar no quarto de minha menina, me deparei com uma mulher em seu berço. Ela olhou em meus olhos e disse que a culpa era sua. Em seguida desapareceu em minha frente, como um fantasma. Peguei minha filha morta do berço.

Ele não podia acreditar no que ouvira.

– O que posso fazer pela senhora?

A mulher o olhou com ira.

– Como pode me fazer esta pergunta?! Esta criança inocente é minha filha e morreu por sua causa. Estou indo na delegacia agora, dizer tudo que aconteceu. Veremos, lá, o que eles podem fazer por mim.

Ela saiu gritando pelas ruas com a criança no colo, enquanto o sangue escorria no chão.

Minutos depois, de alguma casa, um grito de horror e um pedido de socorro. Lilith estava novamente atacando as pessoas e matando, culpando Zephyr. Precisava deixar a casa o quanto antes. Não sabia para onde ia, mas sabia que cadeia não seria a proposta certa. Tinha de sair, antes de Ludovirick aparecer e vir saber o que estava acontecendo no povoado.

Sem muito pensar, subiu rapidamente para o quarto, arrumou uma mochila levando algumas roupas, pegou Isa nos braços e deixou a casa, saindo pelos fundos, do lado do cemitério. Quando saíram, viu a presença de Ludovirick na porta de sua casa, seguido de sua esposa. Estremeceu. Estava tudo perdido. Eles os viram fugindo. Mas, ao contrário do que podia esperar, eles apenas

olharam para Zhapyr e entraram para a casa, confundindo a mente do rapaz.

Não tinha para onde ir. Pelo caminho longínquo, entre a mata, ia pensando sobre o que poderia fazer. Quando os braços se cansavam, jogava Isa nas costas e seguia o trecho dentro da mata. Parava para descansar hora ou outra, mas sabia que logo anoiteceria e não tinha tempo a perder. Pensou muito em sua família e na situação que vira sobre o mundo da escuridão. Foi então que se lembrou de algo, tinha ainda a proteção das treze almas benditas. Não poderia se esquecer delas e o quanto por elas pediu, na tentativa de livrá-las do sofrimento e do ardor das chamas. Elas estariam para sempre com ele.

Parou para descansar novamente. Dali sairia somente quando amanhecesse o dia. A noite já dava sinais e seria muito perigoso andar no meio do mato na escuridão. Encontrou uma taberna abandonada no meio da mata. Ouvia os grilos e as corujas. Os animais noturnos já se manifestavam. Assim que entrou, uma nuvem de corvos saiu voando em bando.

Percebeu uma cama de capim e deitou Isa, que estava adormecida em seu sono de morte. Silencioso amor. Não saberia o que fazer com ela se não encontrasse... pensou no que ia dizer... sangue. Sim, é isso. Sangue. Isa precisaria de sangue para acordar. Não daria do seu, sabendo que crianças inocentes pagariam por isso, mas poderia ser de... outra pessoa. Agonizou-se ao tempo que sorria e beijava o rosto da menina. Mas como encontraria alguém que entenderia a proposta, caso pedisse a esta seu sangue para ressuscitar Isa?

Não poderia ser de animal, pois não teria efeito vital. Os órgãos eram diferentes. Não poderia matar alguém para buscar sangue vivo. Continuou sem saída. Observava a noite e o pavor, pela primeira vez, pairava sobre seu ser. Estaria fadado a viver escondido, enquanto vida tivesse, carregando consigo o corpo de Isa nas costas, na esperança de consegui-la trazer à vida? Chorou na tentativa de se esvaziar. Perdera a casa, o trabalho e tudo que tinha. Se ela não conseguisse acordar, não saberia mais o que esperar da vida.

Olhou uma estrela cair e como queria que nela pudesse ver o rosto de sua mãe neste momento em que tanto precisava de um colo. Ela não estaria em lugar algum que escutasse sua voz. Ele havia plantado flores em seu caminho, na esperança de um dia encontrar algo ou alguém para amar e as flores desbotaram, como a vida de Isa, perderam a cor e ele passou a pintá-las na esperança de que pudessem novamente crescer, assim como fez com Isa, ao dar seu sangue na tentativa de ter alguém para amar, mesmo quando não sabia que a ela havia se apegado profundamente.

A choupana possuía pequenos vãos entre a palha que cobria o telhado e as luzes da lua refletiam no rosto de Isa, tornando-a uma beleza fúnebre, quase apagada. Ele tocou suas mãos já ressequidas e desejou que ela acordasse ao menos uma vez, para dizer que a amava. Não houve tempo. Ele tentou de tudo para encontrar este anjo interiorizado e, mais uma vez, terminou em

derrota. Ficou assim, com as mãos nas mãos de sua amada morta, até que o sono lhe tomasse por completo.

Quando o dia amanheceu, fora acordado pela claridade e pelos pássaros que cantavam. Saiu da taverna e fora à procura de água. Andando alguns minutos, escutou o barulho de uma queda. Sorriu, nunca pensou em se sentir feliz ao se deparar com água. Levou seu pequeno cantil. Voltou sorrindo de volta para a choupana.

Pensou em procurar algum lugar para ficar em Aquidauana, mas precisaria pensar estrategicamente em tudo que faria por lá, pois estava correndo risco de ser encontrado e não iria muito longe com o corpo de Isa nos braços. As pessoas poderiam ver. O melhor seria sair dali durante a noite e já com um lugar certo na cabeça, mas... onde?

Enquanto pensava, pegou o corpo de Isa e o levou para banhar na queda d'água. Enquanto fazia isso, notara que a tinta roxa já saía dos fios madreperla. Conversava com ela, como se ela pudesse escutá-lo. Desabafava sua ansiedade em sair dali e encontrar alguém que lhe desse sangue para retornar.

Após o banho, colocou-a sob o sol para que se secasse. Ele tinha certeza de que poderia ouvi-lo, pois seu corpo ainda estava morno e podia sentir a respiração dela, mesmo que quase parando. Ela só não tinha forças para abrir os olhos.

Ao leva-la para a choupana, aplicara o formol para evitar ser picada por insetos. E passou a pensar sobre sua saída dali. Poderia caminhar com Isa até o cemitério de Aquidauana e dormiria lá, caso encontrasse algum túmulo onde pudesse morar temporariamente. Vira na televisão que pessoas se apropriavam de túmulos muito antigos, abandonados pela família, onde tivesse alguma cobertura e local para se deitar. Pessoas até criaram filhos em locais assim. Poderia encontrar algum abrigo por lá, se conseguisse chegar são e salvo. Sentia algo por dentro o consumindo, como se tivesse perdendo suas forças. Dependia de Isa. Havia se tornado um só. Precisava dela acordada e trocando consigo, as energias. Mas todas as tentativas pareciam em vão, e mesmo assim não iria desistir.

Na calada da noite, pegou o corpo de Isa e seguiu até seu destino. Andaria mais ou menos 45 minutos dentro da mata e mais 15 até o cemitério, após atravessar a BR. Já havia se preparado fisicamente, dormindo o suficiente para alcançar seu objetivo, precisava se manter atento, mas hora ou outra sentia tonturas.

Chegando ao cemitério, saiu à procura de túmulos antigos, que tivessem abrigo. Cansado, avistou um, muito antigo. Olhou a lápide que indicava o ano de 1910. Imaginou que alguém que morrera nesta época não teria ainda alguém que viesse zelar pelo túmulo. Entrou no pequeno cômodo que tinha uma porta. Olhou, estava muito sujo e empoeirado, mas para aquela noite era o suficiente.

Ninguém o procuraria ali. Deitou a cabeça de Isa em sua perna e assim ficou, sentindo o cheiro fétido que vinha dela. Estava muito cansado para passar o formol. Precisava descansar. Fechou os olhos e ficou assim, sentindo o silêncio noturno do cemitério. Antes de adormecer, algo passou a lhe perturbar, ia e vinha à lembrança de Y a sua mente. A preocupação era de que ali, naquele mesmo cemitério, ela o esperou e depois nunca mais soube nenhuma notícia de seu paradeiro, desaparecendo como o vento. Tranquilizou-se. Nada mais poderia fazer naquele momento. Remorso não resolveria as questões que precisava resolver, encontrar alguém que doasse sangue a Isa.

Ansioso demais, percebeu que não conseguiria dormir. Então apenas descansaria. Fechou novamente os olhos e tentou relaxar. Minutos depois, passou a ouvir um canto sereno vindo de algum lugar do cemitério. Isso o intrigou. Jamais tivera medo de cemitérios. Sentia-se completamente em casa em locais assim, mas naquela noite algo o assombrara. Depositando a cabeça de Isa delicadamente no chão, ele saiu, pé por pé, quase se abaixando, para tentar descobrir o que acontecia. Não andou muito e de longe já vira o clarão. Uma roda de pessoas estava no cruzeiro do cemitério, acendendo velas e entoando um mantra. De longe, ele se escondeu atrás de um túmulo para observar. Alguém sentiu sua presença e olhou para trás, procurando por ele, mas ao constatar que não havia ninguém, voltara para a atividade. As folhas secas das árvores acompanhavam a sinfonia como um coral mórbido e assustador.

Viu quando quatro homens carregavam dois corpos em macas feitas de duas estacas. Colocaram os corpos no chão e preparavam algo dentro de dois tambores. Viu quando colocaram ervas e pó de alguma coisa. Levou um susto quando percebeu que os corpos se tratavam de Ludovirick e Rosa. Ele não podia acreditar. Eram eles em pessoa. Mas como havia os visto em suas casas quando estava fugindo? Estranhou a forma de como eles os olharam, sem reação. Constatou que se tratava de suas almas. Estava pasmo! Quem matou seus vizinhos?

Mergulharam os corpos dentro dos tambores e em poucos minutos eles passaram a se mexer em uma espécie de ressuscitação. Admirou-se! Precisava descobrir o que tinha dentro daquela água, poderia usar a favor de Isa. Mudou de ideia quando percebeu que os corpos de seus vizinhos saíram andando, porém, eram meras criaturas com o olhar perdido, como se fossem comandados por uma força maior. Não havia sentimentos ou vida ali. Apenas andavam e obedeciam. Não esperava este fim para Isa. Preferia enterrá-la, deixando-a descansar. Isso seria rendição. Render-se a um poder maior que seus próprios sentimentos para buscar a paz a quem amava.

Voltou tristonho para o túmulo. De cabeça baixa, entrou. Estava prestes a se render. Olhou para o chão, onde tinha deixado Isa, e não a viu. Turbilhões de pensamentos agora o dominavam. Olhou para os lados na esperança de ela ter acordado e não a achou. Caminhou pelo cemitério na tentativa de encontrá-la. E nada. Desesperou-se. Chorou abraçado aos túmulos. Não sabia dizer o que

acontecera. Debruçou-se sobre o túmulo desejando a morte. Nada mais o prendia ali. Voltou para onde estava na fé de ela estar lá e tudo não passara de uma brincadeira. Devia ter acordado e procurava surpreendê-lo. Ilusão. Ilusão sórdida. Debulhou-se por dentro. Então lembrou que era sexta-feira. Lembrou-se da carta deixada por Y no banheiro do Bar-Fly:

“A próxima carta você procurará na sexta-feira, no mesmo cemitério, porém, no túmulo que te abrigará dos vivos. Escute apenas os sinais e saberá.”

Este era o sinal. Sentiu que sim. Seu coração bateu forte quando encontrou uma rosa preta sobre um papel. Não havia explicações. Não naquele momento. A carta anterior dizia que somente vinham na hora certa. Abriu a carta.

“Estamos próximos do fim ou de um recomeço. Depende de como verá os fatos. Fará uma escolha e eu estarei em uma delas. A próxima carta, quem dirá onde se encontra e o momento certo de colhê-la, será seu coração. Ele achará as respostas junto com a carta. Com amor, Y.”

Correu pelo cemitério. Sentia-se alucinado por algo. Estava cada vez mais difícil de se chegar a algum lugar. Encontrou o túmulo do encontro marcado com Y. Gelou. Algo nele tremia por dentro. Olhou para a lápide e viu o nome Isabele. Atordoado, sentou-se, nada mais lhe restava. Ficou ali até o momento de o sol dar sinal de vida no horizonte, avermelhando o céu num cenário majestoso. Com o rosto banhado em lágrimas, dizia para Isa, onde ela estivesse naquele momento.

– Eu estaria chorando lágrimas de alegria, se pudesse ver nesse momento o seu sorriso. Não sei se vivo o meu fardo ou se estou realizando sonhos sem asas. Sem você, não quero ser ou estar. Queria que estivesse aqui para ver o horizonte comigo. O vazio de seu lugar me esmaga aos poucos. Não quero perdê-la.

Num salto morteiro, novamente a pantera negra está a sua frente. Ela o olhava com os olhos amarelos e brilhantes, quase tristes. De longe, parecia inofensiva. A mais linda das criaturas.

– Não tenho medo de você. Pode me matar, me devorar. Nada mais tem sentindo para mim. Venha, estou aqui a sua espera.

O animal grunhiu e o olhou com olhos de gatinho manhoso, que não faria mal a ninguém. Abriu a boca num bocejo e deitou-se sobre a pata, estava a mais de metros de distância e observando Zephyr e seu lamento.

– Não sobrou ninguém. A cidade está arruinada. Eu não tive culpa de me apaixonar. As pessoas passaram a morrer por um sentimento que dominava corações jamais tocados pelo amor. Eu não me

importo de me encontrar com o silêncio eterno. Venha e acabe de vez comigo. – ele aticava o animal, que o olhava diretamente nos olhos.

A pantera ficou assim por alguns minutos. Pestanejava e bocejava. Como num passe de mágica, desapareceu. Então Zephyr teve certeza de que era sobrenatural.

Alguém caminhava em sua direção. Andava pela rua dentro do cemitério a passos ligeiros. Somente o instinto fez com que Zephyr levantasse a cabeça e olhasse para a direção da pessoa. Sorriu, fechando os olhos. Era Amidail. Ele parecia não reconhecê-lo. Zephyr se levantou e foi atrás dele. Mais do que reconhecer, Amidail parecia não enxergá-lo, isso era intrigante, passara a ser uma sombra no caminho das pessoas. Ninguém o enxergava. Todos na rua andavam como se não sentisse a presença uma das outras. Ele poderia andar nu, gritar, chamar, ninguém o ouvia. Admirou-se. Estava em completo estado de solidão. O céu parecia cinzento, mesmo com o sol nascendo. As cores ficaram pálidas. Poderia ser a ausência de Isa, mas nada mais tinha sentido, nem mesmo as coisas mais simples.

Chutava latas na rua, gritava o nome dela. Ninguém o ouvia ou olhava. As senhoras fuxiqueiras não corriam mais com suas filhas para dentro de suas casas, nem os desocupados falavam que ele tinha parte com o demônio. Algo de muito errado estava acontecendo.

Amidail andava muito rápido, ele quase não conseguia acompanhá-lo. Assustou-se quando ele entrou numa rua que o levava para a funerária. Ao chegar a Piraputanga, o temor foi maior, nenhuma alma na rua. Era como se a cidade houvesse se transformado em cidade fantasma. A diferença era que nem os fantasmas o viam.

Amidail abriu o portão da casa de Zephyr e entrou. O amigo entrou atrás, atordado. Olhou para o lado da casa de seu vizinho, estava abandonada. Ficou pensando em como uma cidade se transforma em deserto da noite para o dia.

Amidail subiu a escada da casa, entrou no quarto e procurava algo em cima do armário. Ao encontrar o que desejava, passou por Zephyr, sem enxergá-lo. Ele estava com o tabuleiro Ouija nas mãos. Quando desceu a escada, sua surpresa fora maior. Todos os integrantes de sua família, que moraram um dia naquela sala, estavam lá, ocupados com alguma coisa. Ele só podia estar maluco, assim julgava. Passou por seu pai, que não o viu. Ele estava colocando o jaleco branco para ir trabalhar na funerária. Uma lágrima quente rolou da face do filho saudoso. Desejava abraça-lo. Foi até ele, tentou tocá-lo, mas não o sentia. Era como se seu corpo fosse apenas feito de ar. E neste momento foi difícil de segurar o pranto. Sentou-se no sofá e ouvia sua avó tocar o piano. Era incrível como sua postura se parecia tanto a Isa. O movimento dos dedos, a forma como se sentava. Tudo a lembrava. Foi até sua avó, caminhando em passos lentos e, chegando mais perto, virou seus ombros. Gritou alto. O coração acelerava descompassadamente. O rosto era o de Isa. Chorou. Ela não o via.

Como poderia ser possível tudo que estava presenciando?

Vozes gritavam em seu ouvido, acompanhadas com o som do piano em notas grotescas e extremamente barulhentas – Incesto! Incesto!

Saiu dali desesperado. Sabia que a maldição do incesto afetava sua família. Forças malignas estavam infiltradas ali, tentando fazê-lo se sentir muito mal, ao confundir o rosto de Isa com o da sua avó. Seguiu correndo para o lago, onde fez amor com Isa de forma inesquecível. Na ponte, vira uma mulher muito formosa, vestida elegantemente com um terninho bege. O chapéu cobria as feições do rosto e as luvas brancas nas mãos não escondiam a ansiedade angustiante. Ele a olhava de longe, enquanto via um homem se aproximar com as feições muito semelhantes as suas, porém, os cabelos estavam com brilhantina, penteados para trás e as roupas lembravam modelos dos anos 30. Usava um chapéu panamá e até o andar era o de Zephyr. Ao tentar chegar mais perto, ouvira algo que o intrigara.

– Não podemos! Sabe que não!

– Eu a amo!

– Também o amo, mas isso deve morrer hoje.

– Jamais! Não vivo sem você.

Vira quando ela tirara da bolsa um pequeno vidro, tomando a metade do que trouxera.

– O que tomou? O que tomou, amada? – perguntava o homem intrigado.

– O remédio para minha dor. Não precisarei envergonhar a minha família e nem meu filho.

Estarei livre deste sentimento.

O homem chorava, implorando que ela não fizesse o que temia. Sem pensar, pegara o restante do que ela ingerira e tomara num só gole. Segundos depois, passavam mal. Abraçaram-se, caindo de onde estavam, ao lago, afundando.

Zephyr percebera que se tratava de sua mãe. As mesmas vozes o perseguiam, gritando enlouquecidamente ao seu redor, como uma nuvem de insetos em volta de sua cabeça: Incesto, incesto! Mata-se! Mata-se!

Lembrou-se dos sonhos com Isa. Ela saltando da ponte e as mãos de seus pais, antes do suicídio. A voz sugeria a ele a mesma coisa.

Saiu apressado, tropeçando nas pernas, caindo e levantando. Correu na rua atrás de Amidail. Ele já estava a duas quadras de sua casa.

Viu quando ele entrou em sua casa abandonada. Nenhum vizinho lhe dera importância. Todos estavam ocupados com suas tarefas. A presença de Amidail era algo normal ali.

Zephyr entrou atrás dele, percebendo a casa limpa e arrumada. Nada mais era como antes, quando veio buscar o tabuleiro. Sua mãe estava na cozinha fazendo o almoço, enquanto seus irmãos

menores corriam pela casa. Ninguém o olhou ou olhou para Zephyr. Foram para o quarto. Amidail se sentou no tapete do quarto e colocou o tabuleiro a sua frente. Zephyr o olhava atentamente. Ele estava praticando algum ritual, antes de fazer perguntas ao tabuleiro.

– Quem está aí?

Zephyr viu quando os ponteiros mexeram-se rapidamente, com pressa de dizer o nome:

Isabele.

O coração de Zephyr parecia palpitar. Sentiu mal-estar. Queria prestar atenção no que acontecia, mas estava nervoso demais para que conseguisse isso.

– Em que posso ajudar, Isabele? – perguntou Amidail.

Preciso que ajude Zephyr. – o tabuleiro soletrou, enquanto Amidail anotava.

Você sabe.

Encontrando-o.

O ponteiro parou. Para sua angústia, ela não falara mais nada. Zephyr se levantou, tentando tocar no tabuleiro, e fora paralisado pelo olhar de Amidail, dentro de seus olhos. Não sabia se era impressão sua ou se realmente ele estava finalmente o vendo.

– Não toque aqui. – disse ele com expressão séria.

– Amidail? – Zephyr franziu o cenho.

– Faça silêncio. Não acorde os mortos.

– Os mortos? – ele estava em estado de pânico.

– Não temos muito tempo... Precisamos subir na Serra de Maracaju.

– Não estou entendendo...

– Fale baixo. – disse ele num gesto. Finja-se ser e estar como um deles.

– O que está acontecendo?

– Precisamos destruir o tabuleiro.

– Por favor, não faça isso! – pediu ele, exaltando-se e se levantando. Fora prontamente puxado pelo braço.

– Faça silêncio. Sussurre, fale apenas com os lábios. Eu estou agindo o tempo todo assim.

– Você... você está vivo?

– O que acha? Só estou vivo, porque estou me comportando como morto. – disse ele sussurrando. – Vamos sair daqui. Não temos tempo, daqui a pouco começará a destruição.

– Destruição?

– Psiu. – disse Amidail, puxando-o pelo sobretudo.

Andaram rapidamente em silêncio. As palavras de Isa martelavam em sua cabeça como se pudesse ver seus lábios pronunciando.

– Isa? – ele perguntou, ansioso.

– Psiu! – novamente o amigo lhe chamara atenção.

Rapidamente chegaram a Serra. Da mochila, Amidail retirou o equipamento para o rapel.

– Você está completamente maluco... Jamais fiz isso na vida.

– Sempre tem a primeira vez.

Vendo tudo que o amigo fazia, ele ia atrás, imitando todos os gestos. Sentia dificuldade de escalar, como se seu ouvido fosse tampado e estivesse pronto para explodir. Parava para arfar e continuava seguindo Amidail.

Pararam para descansar por cinco minutos e novamente prosseguiram a escalada, passando pela vasta vegetação que cobria a Serra.

Ao chegarem ao alvo, sentaram-se exaustos.

– Eu não estou acreditando nisso... Agora me conte, por favor, o que está acontecendo?

– Todos estão mortos. A cidade tornou-se fantasma. Daqui a pouco iniciará a destruição em Piraputanga, que abrangerá Aquidauana e Anastácio. Dependendo da situação, chegará até Campo Grande.

– Meu Deus... De onde tirou isso?

– Ouvi ontem à noite no cemitério, quando os vigilantes faziam rituais. São discípulos da grande pantera.

– A pantera...

– Sim, na verdade, ela não é um animal. É uma entidade que estará levando para o mundo dos mortos todas as almas que insistem em continuar aqui. Lá, aprisionará e os manterá como escravos.

– Como se dará esse apocalipse?

– Não seria bem um apocalipse que abrange todo um Universo, mas eu concluí que seria quase isso, pois tratará apenas dessa região, onde as águas do rio Aquidauana alcançassem.

– Você está me dizendo que... – foi interrompido.

– Sim. Estou dizendo que o rio sairá de seu curso, tomando conta de toda a cidade, levando para o fundo dele todas as almas que aqui estão fazendo morada, sem se darem conta de que morreram.

– Meu Deus do céu...

– E quanto a Isa, onde ela está?

Amidail abaixou a cabeça, apenas.

– Diga!

– Trataremos deste assunto depois que as águas invadirem a cidade. Então saberemos se será ou não possível tratarmos dele.

– Como assim? – ele balançou o ombro do amigo.

– Depois, Zephyr.

Mal terminaram de conversar e, de lá, dava para ver o início daquilo que seria o fim. As águas levantaram-se furiosas do leito do rio, capazes de cobrir um prédio inteiro se ali tivesse. Fora levando tudo que existia para o fundo do rio, como se obedecessem a algum comando. O céu avermelhou e as nuvens faziam cair pingos de sangue que cobriam toda a vegetação. Gritos horripilantes eram ouvidos e os animais lutavam para sobreviver, correndo para todos os lados. As casas eram levadas quarteirões inteiros em uma profunda cena de horror. Alguns móveis flutuavam na água e, em pouco tempo, eram sugados para as profundezas. Raios e trovões poderiam ser ouvidos. Nada ficava imune à vastidão do cenário tenebroso. Nem em filmes seria visto tamanho terror.

Os amigos foram obrigados a se amarrarem em árvores devido à força do vento que cooperava para arrastar tudo que havia naquela região para dentro do rio. Árvores inteiras eram levadas com raízes e tudo, então restava apenas fechar os olhos e rezar. As mãos de Zephyr escorriam sangue, não da chuva que caía, e sim da pele, que ferira ao tentar se agarrar ao tronco da árvore, na ânsia de resistir a força do vento.

– Segure-se firme! – gritava Amidail. Os cabelos de ambos voavam no rosto, juntamente com as folhas que se alojavam em toda parte.

A destruição durara por eternos vinte minutos. Quando de repente tudo parara de lutar contra a natureza. O céu se abriu aos poucos, fazendo nascer o sol, espantando a chuva demoníaca que inundara tudo de sangue. Os pássaros voltaram a voar, saindo de seus esconderijos, tomando posse do céu.

Os amigos se desamarraram e foram mais perto do abismo da Serra. Vastidão completa. Nada restara do paraíso tropical que gostavam tanto. Entreolharam-se com tristeza nos olhos. As lágrimas foram impossíveis de serem controladas. Aproximando-se, abraçaram-se, dividindo a dor de tudo que passaram até ali.

– Vamos passar esta noite aqui. Não há como descer agora. É melhor descansarmos e amanhã vemos o que fazer. Precisamos destruir o tabuleiro. Acabando com a passagem do mundo das almas para o nosso. Assim, não nos encontrarão facilmente e estaremos seguros.

– Por favor, me conte o que sabe.

Amidail olhou profundamente nos olhos do amigo, e balançou a cabeça, concordando.

– Sei que tudo começou com a maldição de Lilith sobre sua família. Fora amante de seu bisavô, que a trocou pela esposa quando decidiu se casar, e assim se deu os casos de traição e incestos em seu seio familiar. Ela jurou que se vingaria e, quando nasceu, estava predestinado a ser arrebatado por ela, que o esperava crescer. Poderia ter te matado, afinal, odeia crianças, mas a sede

de vingança era maior. Todos os homens da família foram seduzidos e usados por ela. Mas o alvo era chegar até a última descendência e dela concretizar seu plano, e foi desta forma que aconteceu quando se encontraram.

– Como soube de tudo isso?

– As treze almas me contaram tudo através de mensagens recebidas no tabuleiro.

– A fúria de Lilith aumentou quando espalhou seu veneno por toda região, retirando os maridos de suas esposas. Em minha casa também chegou a acontecer a mesma coisa. Meu pai fora seduzido, traindo minha mãe e arruinando a família. Ninguém sabia disso, mas eu os flagrei e ela matou a todos depois disso. Fingi-me de morto. Esperei ser levado por ela, que ressuscitava pessoas no cemitério para fazer deles seus soldados na cidade. Antes de chegar a minha vez, eu fugi e fiquei em um dos túmulos, assim como você. Eu tinha os visto.

– E por que não nos ajudou? – Zephyr disse num lamento.

– Eu fiz o que pude...

– Como assim? – os olhos de Zephyr lacrimejaram.

– Com Isa você não poderia sair vivo dessa.

– Oh, não, Amidail, eu não acredito que fez isso... – passou a chorar, perdendo o controle de si mesmo. Ele sabia o que Amidail queria dizer, mas não podia acreditar que ele fez algo que pudesse afastar Isa de perto dele.

– Sinto muito, mas seria pego. Estragaria não somente o meu plano, como o seu.

– Como o meu?

– Não poderia, depois, levá-la para ressuscitá-la com o sangue.

– Como sabe disso?

– As almas também me instruíram em como deveria proceder.

– E onde ela está?

Amidail silenciou. Tudo passava a fazer sentido. Se Amidail não tivesse feito o que fez, ele jamais teria tido a mesma coragem.

– Deve achá-la através de seu coração. Ouça a voz interior.

– O que sabe sobre Isa?

– As almas me disseram como fazer. Mas antes... antes que saia desesperado daqui, precisamos enviar Lilith para onde saiu.

– Você tem alguma ideia de como faremos isso?

– Sim, mas não sei se dará certo. Não podemos ir até Isa, sem antes fechar os canais de comunicação de Lilith. Ela deve voltar para seu mundo. Não temos como destruí-la, ela é imortal.

– Fale-me mais sobre Isa.

– Este não é o momento. Confie em mim. Sei o que sente, também amei alguém um dia... – ele se entristeceu, abaixando a cabeça. – Mas não pude evitar que ela se fosse... Não pude evitar que a alma penada residente nos escombos de minha casa levasse Marisol. A alma penada me possui e, com minhas mãos, destruí toda minha família. Por isso digo, cuidado... Vamos primeiramente dar um fim nesta situação, tratando de Lilith primeiramente. Depois você cuida do seu coração.

– Mas a tal alma penada que citou, é Lilith? – perguntou Zephyr.

– Só posso saber quando estiver cara a cara com ela. – disse ele com um sentimento de vingança na face. – Desejo que meus planos deem certo para que ela mesma fale de si a você. A propósito, o corpo de sua avó jamais fora encontrado. Sua alma fora escondida no absoluto sigilo. Ela tem um papel muito importante nisso tudo, mas continuaremos amanhã. Precisamos dormir, o dia será longo e tenebroso. Não escapamos definitivamente, amigo. Amanhã será o grande dia. O dia D. Ou nos livremos, apenas nós dois, de toda a desgraça acometida sobre essas terras, ou estaremos fadados a sermos arrastados para as profundezas desse rio.

Capítulo 6

O dia amanhecera como o mais belo de todos já vistos. Lá de cima da Serra, tudo era passível de esperança. Mesmo com toda a destruição ocorrida em Piraputanga, algo predominante ainda fazia bater emocionado o coração. Esta fora a primeira vez, desde que nascera, que Zephyr sentiu desejo imensurável por vida, luz e felicidade.

Desceram a Serra com cuidado. Onde pisavam estava escorregadio, com perigo de desabamento morro abaixo. Levaram o tempo dobrado da subida, para descer.

Lá embaixo, tudo era funesto. Não havia mais estrada, tudo era um punhado de coisas e lama cobrindo arredores. Alguns carros tentavam chegar. Era a imprensa.

– Tomaremos cuidado para não sermos vistos. – advertiu Amidail. – Esses curiosos estão atrás de sensacionalismo, o que atrasaria nossos planos. Vamos!

Estava difícil de saber para onde estavam indo. Baseavam-se na curva do rio e na da Serra. A paisagem era pura destruição, como se um trator gigante tivesse passado por ali. Os pés afundavam até os joelhos em determinados locais que pisavam.

– Precisamos alcançar a beira do rio, onde os jornalistas não nos vejam. Precisamos nos desfazer do tabuleiro.

– E Isa?

– Isa, depois. – bufou, Amidail. – Conversamos ontem sobre isso, não foi?

Com muita dificuldade, alcançaram o local desejado. Pisavam sobre abutres mortos e outros animais. Era uma infinidade de ossos e odor pútrico. Os ossos se trincavam com o atrito e peso dos pés deles sobre toda a superfície sinistra que afundava seus sapatos até a altura da canela.

Agacharam próximos ao rio. De olhar, dava medo. Amidail temia que sofressem novo ataque. Precisava ser rápido. Ele retirou de sua mochila, o tabuleiro. Olhou para Zephyr e lhe deu o sinal que iniciaria algo. Sob os olhos curiosos do amigo, ele invocava a entidade.

– Rainha das trevas, invocamos sua presença.

Um assovio foi ouvido, seguido de sons de um pássaro grande sobrevoando a Serra. Olharam para cima, lá estava ela, com as asas abertas, negras, brilhantes sob os raios de sol.

– O que querem? – olhava capciosa para ambos.

– Gostaria que assistisse o ritual que dedicaremos a sua graça. – respondeu Amidail.

– Ritual? Não preciso disso. – olhou magoada para Zephyr. – Não me sento com traidor.

Amidail olhou para o amigo, sinalizando que ele precisava convencê-la a ficar.

Zephyr se levantou. Indo de encontro a ela, sentindo os cabelos negros tocando seu rosto e as

ondas de desejo invadindo suas moléculas, ela era pura bruxaria. Enfeitiçava quem queria. Ele não a olharia nos olhos.

– Sei que está magoada. Precisa entender que não poderia estar contigo depois de tudo que aconteceu.

– Você era a salvação, a remição de meus pecados. – disse ela, lacrimejando sangue. – Te pedi que não me deixasse sangrar. Jamais senti algo por ninguém que não fosse desejo por almas. Com você, senti paixão. Seria capaz de me ensinar o amor, se compreendesse minhas dificuldades. Te daria o mundo, você trocou tudo por ilusão.

As lágrimas de sangue se intensificavam, mexendo com o emocional da deusa.

Amidail tentava a comunicação com as treze almas no tabuleiro.

– Xabreta, Soprinfã, Arrephacham. – o ponteiro não se mexia.

– Não entende... Jamais poderia me amar. Você é feita de vingança, lamentação, ódio, angústia. Luxúria.

– Não fui o tempo todo assim. Tornei-me. – ela fez menção de tocá-lo, estendendo as mãos. – Dê-me este anel.

Ele percebera um brilho diferente nos olhos dela. Lembrou-se que o anel simbolizava seu noivado com Isa. Jamais o daria. Lembrou-se que o mesmo anel simbolizou um dia o amor de seus avós. Para que queria algo tão sem valor para ela? Jamais o daria. Ainda mais sabendo que para ela havia valor na joia.

– Não. – escondeu a mão em seu bolso.

– Não me desafie, desgraçado mortal! – ela gritou, soltando sons tenebrosos. Os olhos ameaçaram sair fogo, enquanto o rio transbordava na ribanceira. Zephyr olhou assustado para o amigo, que insistia na comunicação.

– Xabreta, Soprinfã, Arrephacham. – dizia em voz alta, percebendo o ponteiro lentamente se mover. Lilith ainda não havia se dado conta.

– Chegou seu fim! – ela esbravejava.

Lilith levantou a mão, fazendo com que as águas se levantassem para inundar onde estavam, tragando-os para o fundo do rio

– Xabreta, Soprinfã, Arrephacham – Amidail dizia com mais fervor. Esboçou um sorriso quando ouviu o coro das vozes repetindo as palavras.

Xabreta, Soprinfã, Arrephacham.

Cada vez mais forte.

Xabreta, Soprinfã, Arrephacham.

Seguidas das vozes de Amidail e Zaphy.

As almas saíam das águas que se congelaram no ar. Posicionaram-se a volta de Lilith, fazendo cirandas - *Xabreta, Soprinfa, Arrephacham* – diziam sem parar. Eram cobertas por um manto que cobria seus rostos. Apenas uma tinha nas mãos uma rosa preta, que fora jogada para Zephyr, sem que ele entendesse o motivo. Era a décima quarta alma. E tinha saído da direção de onde estavam, e não das águas. *Estranho, elas são apenas treze.* – pensou Zephyr. Os pés suspensos no ar e velas saíam dos orifícios existentes nas mãos. Lilith ria, ao mesmo tempo que se debatia.

– Idiotas! – sua voz engrossara em um tom grave e medonho.

As águas cobriram sua imagem, que insistia em permanecer onde estava, lutando contra um poder invisível. Vozes saíam de todos os lugares em tom uníssono - *Xabreta, Soprinfa, Arrephacham*.

– Não! Não! – gritava a deusa, sendo tragada para o rio. Aos poucos, sua imagem ia desaparecendo, até surgir, em seu lugar, a cabeça negra da pantera, que rugia em desespero, sendo levada por completo para o fundo do rio, enlaçada por cordas que vinham das mãos de todos os escravos que saíram da superfície com um sorriso no rosto. De lá, também saíram as pessoas que foram libertadas do submundo de Lilith. Uma a uma deixavam a prisão, seguindo por uma trilha que escalava o céu e perdia-se numa nuvem muito grande e iluminada. No meio da passadeira, os rostos dos familiares de Zephyr, que sorriam para ele, derrubando em sua face lágrimas emocionadas. Viu o rosto de seu avô, tio, mãe, pai... Estavam todos lá, despedindo-se num último adeus. Algo tocou seu coração. Não vira sua avó e nem... Isa. Não estavam no rio.

Olhou para Amidail, que jogava o tabuleiro no rio, que imediatamente fora tragado para o fundo.

– Isabele! – Zephyr gritou. – Isabeleeee! – o grito estrondou por todo o povoado.

Amidail, cumprindo sua tarefa, olhou para o amigo, despedindo-se no olhar. Sorriu pela última vez, apertando a mão no próprio peito e seguiu atrás da passadeira de almas, perdendo a massa corpórea.

– Cara! Não faça isso! Mentiu para mim, velho! – ele se desesperou, não acreditando no que via.

Amidail olhou para trás e disse suavemente.

– Precisei, para que não fizesse mais besteiras e deixasse de agir pela impulsão. Precisei para poder te salvar. Onde está sua alma? Ela está onde se encontra sua fé. Vá buscá-la! – dizendo isso, todos desapareceram, restando a penumbra do dia triste e um corvo sobrevoando o local. Olhou para sua volta, no mesmo instante, tudo se regenerava, voltando a ser como antes. As árvores se levantavam do chão, os pássaros mortos sob seus pés, saíam voando. A lama secara, o rio seguia margem abaixo, calmamente.

Andando pelas ruas, as pessoas estavam lá, todas de volta, como se tivessem escondidos de uma guerra e, assim que esta se findasse, todos saíram de seu esconderijo, sem trazer marcas, lembranças ou tristezas. O verde das matas jamais tivera a cor tão viva ou ele nunca tinha prestado atenção em tamanha beleza. A Serra de Maracaju estava coberta pela névoa costumeira. Tudo exatamente em seu lugar. Sendo possível saborear elixires de amaralis por onde quer que olhasse. Local digno de sentir o desejo de desvendar a morte. Antigos donos da terra, cavaleiros Xaraés, diziam que tudo aqui fora mar.

Lembrou-se da frase de Amidail, quando ele perguntou sobre o paradeiro de Isa: *Deve achá-la através de seu coração. Ouça a voz interior.*

Passou a andar rapidamente nas ruas.

Deve achá-la através de seu coração. Ouça a voz interior.

Passou a correr pelas coisas que sempre ignorou e jamais quisera encarar – sua realidade. Arrepiou-se. A carta! Os sinais! Onde estavam os sinais da última carta! Como pôde se esquecer de que tinha que encontrá-la?

“Estamos próximos do fim ou de um recomeço. Depende de como verá os fatos. Fará uma escolha e eu estarei em uma delas. A próxima carta, quem dirá onde se encontra e o momento certo de colhê-la, será seu coração. Ele achará as respostas junto com a carta. Com amor, Y.” – dizia a última carta que recebera.

“Estamos próximos do fim ou de um recomeço. Depende de como verá os fatos.” – seu coração lhe dizia que dependia dele, a escolha. Qual escolha? Haveria uma escolha. Ainda não sabia qual, mas ela estava próxima. Poderia ser o fim ou recomeço. Ele decidiria. Os olhos se enxerem de lágrimas.

“A próxima carta, quem dirá onde se encontra e o momento certo de colhê-la, será seu coração.” - seu coração sinaliza. Chegou o momento. Onde ela estará? Onde? Correu mais rapidamente com os olhos fechados, arfando com todas as suas forças. Deixou seu coração levá-lo para onde estivesse a carta; nada poderia detê-lo. Até agora a única decisão era a encontrar, conhecer as respostas. Seus pés foram parando de repente. Chegara onde estava a carta. Os olhos olhavam para a direção precisa. Os arrepios continuavam. O coração apertava. Sentia dor. Poderia ser alegria, mas era dor. A dor da nova escolha. Estava no cemitério. Parara de frente a um túmulo. Olhou para a lápide – Isabele Eda Shamanc. Olhou a data de morte – 23/08/2015. Retirou a anotação de seu encontro com Y e percebera que era a mesma data. Quem quer que esteja ali, morreu na mesma data do encontro. A mesma data que chegou o corpo de Isa na funerária e ele não pôde comparecer no evento agendado com Y.

Seu coração dizia que ele tinha de abrir o caixão que estava ali. Se fora o de Isa, encontraria as pedras. Se Y marcara o encontro nesta data, é porque já sabia que, neste mesmo dia, esta sepultura já estaria aqui. Ela... marcou o encontro, antes do dia de morte de Isabele Eda Shamanc. Como poderia saber que, na mesma data, aqui estaria este túmulo?

“Até mais... Espere-me na sepultura 103, lote 15, à meia noite do dia 23/08/2015. Túmulo de Isabele Eda Shamanc.” – disse a voz dela, naquele dia, pela caixa de som do computador.

Desesperado, passou a quebrar o cimento do túmulo com uma pedra. Depois cavou com as mãos. Louco, com pressa, ânsia pela descoberta da verdade.

“A verdade chegará no momento certo.” – dizia a carta que encontrou no banheiro do Bar- Fly.

Depois de longos vinte minutos cavando, encontrou o caixão. Exausto, jogou-se por cima deste. Faltava pouco agora. Foi buscar pela abertura. Caixão lacrado. Ele havia lacrado para que ninguém descobrisse as pedras. Olhou a sua volta e avistou a pedra que quebrara o cimento, passou a quebrar a parte de trás do caixão. Com as mãos, retirava as madeiras quebradas, abrindo-o. Chorando. Falando palavras soltas, incompreensíveis. Gritou alto ao ver o que seus olhos jamais se esqueceriam. Desejava nada mais ver. Não quis acreditar.

O corpo de Isabele estava no caixão. A mesma roupa que chegara à funerária. Agora sabia seu nome completo – Isabele Eda Shamanc, o amor de sua vida. Morta. Ele não modificara nada em sua vida. Ela não vestia o vestido de noiva que ele colocara nela. Ele não havia colocado pedras em seu caixão. Nada fora real. Gemeu com a alma. Sentiu-se enganado. Tudo não passara de uma simples ilusão. Um desejo incontido de ter alguém para cuidar. Todas as palavras ditas e ouvidas. O beijo. As risadas. Os passeios. Desapareceram. Ele faliu. Olhou para o lado das pernas e braços da menina, as pedras que ele colocara estavam lá. Não estava totalmente maluco. Havia alguma esperança para seu ser mórbido. As pedras estavam lá, então ele as colocou. Lembrou-se, como um relâmpago revelador, o momento em que colocara as pedras. Lembrou-se que, ao olhá-la, algo ofuscou seus olhos e levou o corpo sem conseguir dar conta do que fizera. Logo depois, colocara mais pedras, sem perceber o que estava acontecendo. A luz muito forte irradiava toda a funerária. Ele somente conseguia ver o corpo etéreo que ficara em cima da maca se materializando aos poucos, à medida que ele a olhava, desejando vida a sua alma perdida. Iluminando os passos que ele desejava que ela trocasse. Ele a materializou através do que desejava naquele momento, que não percebera, pois algo ficara deitado na maca, o mesmo corpo, porém, feito de sua matéria humana, propenso a feder, dividido, difuso, compartilhado com aquela que não poderia voltar a viver apenas com o que lhe restara – espectro. Tocando-a, ele vira o corpo etéreo se preencher de substâncias que transferiam para o espectro, carne. Carne sua na alma de outrem. Ao dar seu sangue, deu-lhe condições de se levantar, andar, sorrir, chorar, amar. Ele a criou novamente e se apaixonou pelos

olhos azuis que possuíam amor.

Olhando para o corpo de Isa, viu que os cabelos estavam madrepérolas ainda, não seria o corpo sem vida, que possuía os cabelos pintados de roxo, também, por suas próprias mãos. Mãos! Mais um sinal. Atentou-se!

Olhou nas mãos de Isabele, a carta. Olhou no dedo – sem o anel de cor vermelha, vibrante.

Receoso do que encontraria, passou a ler a carta.

As surpresas são inevitáveis.

Eu jamais saberia o dia de minha própria morte. A Y não sabia nada além de amar Zephyr. A Y que estava viva até escutar o chamado derradeiro da morte – pule da torre! Seu pai a molestará até os últimos dias de sua vida. Jamais poderá dizer ao homem que ama, com quem perdeu sua virgindade. “Irá mentir que tivera outros namorados antes? Zephyr não te aceitará. Você pratica incesto! Sua alma pertence às trevas que te chama. Venha! Não tenha medo! Só mais um passo... “– dizia a voz

Não fui ao seu encontro porque estava morta. Apenas minha alma veio até aqui, vagando. Meu corpo estava enterrado pelas mãos de meu amado, que me preparara lindamente no caixão roxo que tanto amo, minha cor preferida. Meu anjo não pôde me perceber, pois morreria comigo. Mas sem saber, fez os últimos preparativos, enganando-se, por dentro sabia que ali jaziam as promessas de um amor que não teria fim. Meu nome, Isabele Eda Shamanc. Isa, para os íntimos que conseguiram me amar, mesmo sem saber da verdade. Meu pseudo Y para um blog bobo, de uma menina sonhadora que escrevia poemas góticos. Usava Y para me esconder da solidão, até alguém aparecer e mudar a forma de me fazer ver a vida, mas a voz pedindo para eu pular da torre não cessava... Nem era tão gótica assim, pois jamais ouvi Bauhaus, Xmal Deutschland, Kas Product, Uk Decay, Danse Society. Minha alma fora junto de meu corpo, na intenção de nos conhecermos, eu precisava cumprir o pedido feito pela senhora Holanda – salvar a alma de seu neto das garras daquela que um dia destruiu a família dela, e se tornou amante de seu marido. Salvar a alma de seu filho daquela que distribuía incesto, não apenas em sua família, mas na minha, usando formas de nos afastar, mesmo antes de nos conhecermos. Ela sabia que estávamos predestinados, pois o amor fez com que nos encontremos, mesmo depois da morte. Os sonhos desde a infância. A união que não saberíamos dizer de onde vinha, sem mesmo nos conhecer. Holanda me deu o anel que lhe pertencia. Seu anel de noivado, chorando, pediu, use-o, esta é a prova viva do amor, aquele que protegeu minha alma de ser arrebatada para o aprisionamento de Lilith. Matou-me, mas só levou meu corpo. – peguei o anel na certeza de que poderia cumprir minha doce missão, que era te fazer se apaixonar por mim, alguém que você ainda não sabia, mas estava

apaixonado desde nossas conversas. Desde as vezes que nos encontramos em seus sonhos. Minha alma se materializou por causa do amor que sentíamos um pelo outro. Essa não era a intenção, mas o encontro não fora marcado no cemitério, e sim na funerária. Lilith me matou no dia em que marcou o encontro, passando-se por mim, no computador. Sua alma sentiu que nada ali se parecia comigo. Sua alma já me amava. Meu corpo se materializou para me abençoar do incesto que sofri, perdendo minha virgindade com meu pai. Meu corpo materializado com sua carne me fez sentir mulher do homem que amo, abençoando-me dos traumas. Tive chances de ter uma primeira vez com o homem da minha vida e aqui escrevo chorando, pingando lágrimas no papel, porque você me fez feliz sem saber e, porque, jamais, em toda minha vida, se tivesse chance de voltar, poderia lhe retribuir a felicidade que me proporcionou, amando-me mesmo quando nada em mim havia vida e meu segundo corpo fedia pela falta do sangue. Fui vestida de noiva, cheirando a cadáver em estado de putrefação, morrendo pela segunda vez nos braços de meu amado. Esta carta era para te dizer apenas o que ficou para trás e não pude lhe dizer por falta de tempo, se parássemos, perderíamos, pois sentir, muitas vezes, valia mais do que viver. Mas aqui teremos tempo, e assim te digo – Eu te amo. Sempre te amarei e jamais me esquecerei de nenhum minuto ao seu lado. O anel nos protegeu, mas infelizmente não protegeu a todos a nossa volta. Você saberá... Te amo, te amo, te amo, te amo...

Isa.

Não havia palavras.

Leu e releu a carta por muitas vezes. Elas eram a mesma pessoa. Nunca passou por sua cabeça. Chorou sobre o papel pardo, sem vida e cheio de corações. Ele poderia chorar agora. Sim. Mas queria enterrar o segundo corpo de Isa. O que dera vida e evaporou.

Exausto, fechou o caixão, voltou a enterrá-lo. A carta ficou com ele.

Voltando a olhar ao seu redor, percebera que todas as pessoas que estavam na rua voltaram a desaparecer. A cidade estava desabitada novamente. Mais uma confusão ótica ou o desejo de que estivessem ali para poder se perdoar de não ter evitado em deixar que Lilith as matassem, na ânsia, optou cuidar e amar Isabele. As pessoas morreram durante as promessas cumpridas por Lilith.

Andando sem rumo pelas ruas vazias, nada mais restava. Voltava a passos lentos, exaustos, para sua casa. Não teria mais um defunto para tratar. Daquele local, somente a natureza lhe restara.

Voltou para sua casa.

As imagens de Isa na varanda, ao lado do caixão cheio de pedras, desapareceram. O piano na

sala, que antes havia sido destruído, estava em perfeito estado. Subiu a escada e fora para seu quarto.

Abriu o porta-joias e a bailarina passou a dançar. Ouvindo a música melancólica, arrumou sua mochila. Sairia dali. Partiria para Campo Grande ou outro lugar. Deixaria para trás todas as lembranças.

Não retirou o anel do dedo. Levaria consigo sua única recordação. Voltou para as ruas. Pediria carona na BR. Até chegar lá, decidiria para onde iria. A tristeza pesava mais que a própria mochila.

Em um deles, alguém deitado dentro, no meio, segurando uma flecha. Ele viu alguém de longe. Alguém que a sua volta tinha uma luz reluzente e ondas de vapor flutuavam no ar impedindo que ele visse o rosto. Correu em direção da cena, não acreditando no que via. A imagem aparecia e sumia de suas vistas. Não podia novamente estar tendo ilusão de ótica. Chegando mais próximo, não tinha ninguém. Apenas uma flor preta com uma nova carta. Mais que depressa, ele pegou o papel e desdobrou.

“Olhe para trás!”

Ao olhar, ela sorriu. Trazia nos braços, flores pretas. Vestida de noiva. O anel brilhava. Seu corpo, mesmo leitoso em transparência, ora parecendo ser real, ora apenas uma imagem transparente, era ela, estava linda. Os cabelos roxos voavam ao vento. Jogava beijos e rosas em sua direção.

Ao chegar muito próximo a bela que ainda aparecia e desaparecia, ofereceu-lhe a sua mão.. Não deveria sentir, mas sentiu. Olhou para a mão dela, a mesma transparência havia ali. Ela deixou cair uma rosa, ele foi buscar. Percebeu que seus pés não se encontravam no chão. Atônito, olhou-a com todas as dúvidas novamente na cabeça. Ela não parava de sorrir. Tocou na mão de Zephyr e o abraçou. Ele a sentia inteiramente, até mesmo o sentimento por dentro, vivo, e muito mais vital do que antes.

Sem abrir os lábios, a amada disse sorrindo: Eu te amo!Ele sorriu, sem procurar entender, e num impulso passou a gritar e correr, levando-a pela mão.

– Eu te amoooo! Te amoooo, Isabele Eda Shamanc! Te amo demais! Te amooooo como jamais pensei em amar alguém! – parou, olhando-a nos olhos. – Fica comigo, pequena Eva. – sussurrou.

– Vim te devolver a felicidade que me deu e me fez tão feliz, mesmo estando morta o tempo todo, mas ao seu lado eu descobri a vida que nunca tive, que nunca fui capaz de viver. – disse ela.

– Por onde andava? – ele quis saber, segurando em seu rosto, que agora se mantinha real, morno e lindo.

– Do seu lado, meu anjo. Sempre do seu lado. Venha, vou te mostrar. – sobrevoaram juntos o povoado de Piraputanga, deserto. – A cidade se tornou uma cidade fantasma desde que o último sobrevivente morreu. Mas não morreu por maldição alguma. Morreu naturalmente, porque suas forças físicas haviam se acabado.

Levou-o ao cemitério de Aquidauana.

– Reconhece aquele túmulo?

Ele olhou para onde ela apontava e viu o lugar onde haviam se escondido e o segundo corpo de Isabele desaparecera. Não tinha como se esquecer daquele lugar. A dor fora insuportável ali.

– Olhe lá dentro. – ele olhou para a cobertura do túmulo. Lá jazia um corpo masculino.

Forçando um pouco mais a vista, deu de cara com a maior surpresa de sua vida – seu próprio corpo. Olhou-se, tentando entender. Isabele apenas sorria.

– Você perdeu o corpo físico doando-o a mim, todas as suas reservas de energias vitais sem perceber. Eu não pude permanecer visível, pois não havia mais forças ou substâncias humanas em você para ser doado a mim. Você morreu por amor. Deixou de me ver porque a dúvida e incerteza cegaram seus olhos. Precisa das respostas para finalmente conseguir ser feliz.

– Então, por todo esse tempo eu estava... morto? – ele não podia acreditar. Como não percebeu isso antes?

– Depois que saiu deste túmulo, sim. Eu me tornei o que sou agora, etéreo. Assim como você também está.

Então percebeu que por este motivo conseguiu tocá-la.

– E qual a escolha que devo fazer?

Sorrindo lindamente, ela tocou em seu rosto.

– Você já fez. Deu sua vida para poder estar um dia a mais ao meu lado. Está perdoado pelas pessoas que a maldição de Lilith levou. Optou por salvar as almas delas, quando deixou de me alimentar com seu sangue, porém, Lilith não deixou de cumprir sua vingança. Hoje todos que matou estão bem, no entanto, jamais saberemos onde e como ela está.

– Senti sua falta. – disse ele.

– Lembra-se das treze almas que levaram Lilith? Eu era a décima quarta, a que te jogou uma dessas rosas. Estava do seu lado a todo o momento. Não segui a passadeira juntamente com os demais porque estava esperando por esse momento.

Ele sorriu. Era tudo muito parecido com um sonho. Tinha medo de acordar e nada disso ser verdade e despertar sem ela ao seu lado.

– E agora? Para onde vamos? – perguntou ele, sem saber o que fazer.

– Para onde você quiser. Somos livres. Podemos entrar e sairmos de onde quiser. Podemos ser o que sempre sonhamos, é só desejar. Seu pensamento é a força realizadora de seus sonhos.

– Quero ir daqui a pouco para o show do Diary of Dreams, escutar The Wedding ao seu lado, pode ser?

– Onde mesmo?

– Berlim.

– Ohhh, Berlim. Okay, nada mal. – disse ela sorrindo.

Seguiram andando pela estrada, de mãos dadas, cantando, dando risadas, trocando beijos e abraços.

Um corvo pousou na estrada, olhando-os até desaparecerem. Trazia um olhar quase humano, mas nunca seu dono havia percebido isso. Angel sabia quem era Zephyr e Isa, mas eles jamais poderiam dizer o mesmo sobre o corvo que assistiu a tudo que aconteceu em Piraputanga. O casal estranho deixou para trás, um mistério que não conseguiram desvendar, sequer, suspeitaram que tal causa oculta existisse. Ninguém ainda sabe, mas Angel, o simples corvo, está preste a mudar o curso deste destino na próxima história. Basta ficar vivo para saber o que acontecerá...

E já sabe...

Cubra bem os seus pés em noite de lua cheia nas sextas-feiras... Ela voltará...

Esta obra é uma junção da cultura gótica com as lendas existentes em Piraputanga. Algumas pessoas dizem ter visto na praça, próximo ao cemitério, a imagem de um casal vestido de preto, andando de mãos dadas. Mas se quiser comprovar a veracidade, passe uma noite no povoado.

Boa sorte!



[1] Eu sou a prostituta que abala a morte.

Este abalo dá a paz, prazer realizador.

Imortalidade nasce em meu crânio, e música na minha vulva.

Imortalidade nasce na minha vulva também, pois minha luxúria é um doce perfume, como um instrumento de sete lados tocado para Deus, o invisível, o Todo-Soberano, que vagueia ao redor, que dá o grito estridente do orgasmo.

[2] Trago meu vestido vermelho hoje à noite

Dançando no escuro, à luz pálida da lua

Fiz o cabelo bem grande como uma rainha da beleza

Sem o salto alto, estou me sentindo viva

[3] Minha única esperança

(todo o tempo que eu tentei)

Minha única paz

(me afastar de você)